



UNIFACS
UNIVERSIDADE SALVADOR
LAUREATE INTERNATIONAL UNIVERSITIES®

**PROGRAMA EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL E URBANO – PPDRU
MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL E URBANO**

NATALICIA DA ENCARNAÇÃO BATISTA

**MULHERES NA ARENA: A PARTICIPAÇÃO DE MULHERES NA CONSTRUÇÃO
DO ESTÁDIO ARENA FONTE NOVA**

Salvador
2015

NATALICIA DA ENCARNAÇÃO BATISTA

**MULHERES NA ARENA: A PARTICIPAÇÃO DE MULHERES NA CONSTRUÇÃO
DO ESTÁDIO ARENA FONTE NOVA**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e Urbano – PPDRU, Mestrado em Desenvolvimento Regional e Urbano da UNIFACS Universidade Salvador, Laureate International Universities, como requisito para obtenção do título de Mestre.

Orientação: Prof.^a Dr^a Débora de Lima Nunes Sales,

Salvador
2015

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Bibliotecas da UNIFACS Universidade Salvador, Laureate International Universities.

Batista, Natálicia da Encarnação

Mulheres na Arena: a participação de mulheres na construção do Estádio Arena Fonte Nova/ Natálicia da Encarnação Batista. – 2015.

106 f. : il.

Dissertação (Mestrado) – UNIFACS Universidade Salvador, Laureate International Universities. Salvador, 2015.

Orientador: Prof.^a Dr^a Débora de Lima Nunes Sales.

1. Mulheres – trabalho – Bahia. 2. Mulheres – trabalho - Construção Civil. 3. Arena Fonte Nova. I. Sales, Débora de Lima Nunes, orient. II. Título.

CDD: 331.4142

NATALICIA DA ENCARNAÇÃO BATISTA

MULHERES NA ARENA: A PARTICIPAÇÃO DE MULHERES NA CONSTRUÇÃO DO
ESTÁDIO ARENA FONTE NOVA

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Desenvolvimento Regional e Urbano, UNIFACS - Universidade Salvador, Laureate International Universities, a seguinte banca examinadora

Débora de Lima Nunes Sales _____
Doutora em Urbanisme et Aménagement pelo Université Paris-Est Créteil Val-de-Marne, França

Renato Barbosa Reis _____
Doutor em Biotecnologia em Saúde e Medicina Investigativa pelo Centro de Pesquisa Gonçalo Moniz - Fundação Oswaldo Cruz, CPQGM

Antonia dos Santos Garcia _____
Pós-doutor no Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher pela Universidade Federal da Bahia - UFBA
Universidade Federal da Bahia – UFBA

Marcelo Santos Rodrigues _____
Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo – USP
Fundação Universidade Federal do Tocantins – UFT

Salvador, de de 2015.

*À memória do meu pai, Antônio Batista,
por me passar lições e valores
que vão além dos espaços acadêmicos.*

AGRADECIMENTOS

A minha mãe, por todo seu exemplo, sua força em viver e por sempre apoiar as minhas escolhas.

A minha orientadora Professora Dra. Débora Nunes, por toda paciência pedagógica de conduzir-me nos caminhos da investigação científica e fazer-me entender que meu objeto de estudo precisava ser revelado por diferentes abordagens.

Ao professor Dr. Marcelo Rodrigues, que prontamente participou com contribuições valiosas, propiciando amadurecimento no desenvolvimento desse trabalho.

Aos professores Dr. Renato Reis e Professora Dra. Antonia Garcia que, junto com a Professora Débora Nunes e o Professor Marcelo Rodrigues, aceitaram participar da Banca de Defesa.

A todos os professores do Programa de Desenvolvimento Regional e Urbano (PPDRU) e aos colegas da turma com quem trilhei caminhos de aprendizagem.

A psicóloga Janaina Azevedo, por todo seu apoio, dedicação e profissionalismo, para que eu possa superar as batalhas de cunho familiar, momentos de aflição, além de ajudar-me no meu processo de autoconhecimento.

Aos amigos de sempre, pelos quais tenho muito carinho: Maria da Glória, Alessandra Borges, Verena Falcão, Givaldo Batista e Rivanda Rodrigues. Em particular a Reinaldo Miranda e Márcia Cristina, que foram também incentivadores para meu retorno à vida acadêmica, agora como pesquisadora.

Ao amigo Dr. Gessé Souza, por acolher-me – e também à minha família, em momentos conturbados – e por impulsionar-me aos estudos.

A minha irmã Hortência Batista e aos meus sobrinhos Ícaro Antonio e Isis Bárbara, que fazem parte da minha vida.

As companheiras da Ampla e amigos do Movimento Popular do Subúrbio Ferroviário, pessoas que me despertaram meu interesse pelos estudos na área de gênero.

As operárias da Construção Civil, pela disponibilidade em participar das entrevistas e assim tornar possível a realização desse estudo.

RESUMO

A construção civil é um dos setores mais importante da economia no Brasil. Dessa forma, o setor vem se consolidando como a principal empregadora de mão de obra no cenário econômico brasileiro. O objetivo deste trabalho é o de analisar a participação de mulheres como operárias, nos anos de 2010 e 2014, em Salvador, quando trabalharam na construção do estádio de futebol Arena Fonte Nova. O recorte temporal deve-se ao período efervescente vivido pelo setor com obras de construção de estádios para a Copa do Mundo de Futebol de 2014. Apresentamos uma leitura crítica sobre a questão de gênero que trata do mundo do trabalho e de aspectos da divisão sexual entre homens e mulheres. O estudo utilizou como fonte de pesquisa principal as entrevistas realizadas com mulheres as quais trabalharam nas obras da Arena Fonte Nova. Em suas respostas verificamos questões pertinentes ao trabalho na sociedade capitalista, à precarização produzida pelo sistema e às relações de gênero que se estabelecem no segmento produtivo, como aspectos da informalidade da economia, da superação de barreiras e preconceitos, observando a complementaridade entre homens e mulheres diante das transformações no novo milênio.

Palavras-chave: Mulheres. Trabalho. Construção Civil. Arena Fonte Nova.

ABSTRACT

The construction industry is one of the most important sectors of the economy in Brazil. Thus, the industry has consolidated as the main employer of labor in the Brazilian economic scenario. The objective of this study is to analyze the participation of women as workers in the years 2010 and 2014, in Salvador, when they worked on the construction of the *Arena Fonte Nova* football stadium. The time frame is due to the effervescent period experienced by the sector with stadium construction work for the Football World Cup 2014. We present a critical analysis about the gender issue that deals with the world of work and aspects of sexual divide men and women. The study used as the main source of research interviews with women who worked in the construction of the *Arena Fonte Nova*. In his answers checked relevant issues to work in capitalist society, to the erosion produced by the system and to gender relations that are established in the production segment, as aspects of the informal economy, overcoming barriers and prejudices, noting the complementarity between men and women given the changes in the new millennium.

Keywords: Women. Work. Civil Construction. Arena Fonte Nova.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Trabalhadores da Construção Pesada – Sexo e Idade – Ano de 2009	69
Observemos os indicadores quanto ao nível de escolaridade das mulheres, conforme os gráficos seguintes, respectivamente aos anos de 2009 e 2013.	69
Gráfico 2 - Escolaridade dos Trabalhadores da Construção Pesada –	70
Sexo feminino – Ano de 2009	70
Gráfico 3 - Escolaridade dos Trabalhadores da Construção Pesada –	70
Sexo feminino – Ano de 2013	70

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Pensamentos e Valores Autoafirmativos.....	30
Quadro 2 - Características marcantes das personalidades das operárias entrevistadas que trabalharam nas obras da Arena Fonte Nova.....	65

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Investimentos em obras para a Copa-2014 (R\$ milhões).....	27
Tabela 2 - Investimentos por Cidades-Sede para a Copa-2014.....	27
Tabela 3 - Total de trabalhadores da Construção Pesada por função,.....	63
gênero e proporção de mulheres do total de vagas, Bahia – 2009.....	63
Tabela 4 - Total de trabalhadores da Construção Pesada por função,.....	63
gênero e proporção de mulheres do total de vagas, Bahia – 2013.....	63

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 BREVES CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DA CONSTRUÇÃO CIVIL NO BRASIL	17
1.1 O EMPREGO NA CONSTRUÇÃO CIVIL.....	19
1.2 AS CONDIÇÕES DE TRABALHO NA CONSTRUÇÃO CIVIL	20
1.3 O PROGRAMA DE ACELERAÇÃO DO CRESCIMENTO (PAC).....	23
1.4 MINHA CASA, MINHA VIDA	24
1.5 A COPA DO MUNDO DE FUTEBOL DE 2014	24
1.6 OBRAS DA COPA EM SALVADOR.....	26
2 O VIÉS DA PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO NO MUNDO CAPITALISTA	29
2.1 HOMENS E MULHERES SUPERANDO CONFLITOS	29
2.2 O VIÉS DA PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO	32
2.3 A PRECARIZAÇÃO NA RELAÇÃO DE GÊNERO E TRABALHO	35
2.4 O TERMO GÊNERO E A DESIGNAÇÃO NO CONTEXTO SOCIAL.....	38
2.4.1 Divisão Sexual do Trabalho: o Assédio Sexual	40
2.4.2 Aspectos Históricos de Gênero e Trabalho	41
2.4.3 A Condição de Gênero e de Trabalho	43
2.4.4 Mulher e Trabalho: avanços e entraves	44
2.4.5 Hierarquia de Gênero: desigualdades no espaço executivo	45
3 O CAMINHO DA PESQUISA	48
3.1 O PERCURSO PELA FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	50
3.1.1 A Pesquisa de Campo	51
3.2 A EXPERIÊNCIA COM O BAIRRO DO DIQUE DO TORORÓ	54
4 MÃOS À OBRA: OPERÁRIAS NA ARENA FONTE NOVA	57
4.1 A ARENA FONTE NOVA	58
4.2 MULHERES E HOMENS NO MESMO CANTEIRO DE OBRA	58
4.3 IMPLICAÇÕES NA INSERÇÃO DAS MULHERES NA ARENA FONTE NOVA	60
4.3.1 Dialogando com a empreiteira Odebrecht	61
4.4 OPERÁRIAS DA FONTE NOVA: QUEM SÃO ELAS?	64
4.4.1 Perfil Socioeconômico	68
4.4.2 Perfil Profissional	71
4.4.3 Ingresso das Mulheres no Canteiro de Obras	73
4.4.4 Capacitação das Operárias	73
4.4.5 Mulheres erguendo a Arena Fonte Nova sob o olhar da Mídia	74

4.4.6 Reivindicando Direitos: Uma frágil participação política	76
4.4.7 Nível de Satisfação das Operárias da Fonte Nova	80
4.5 ARENA FONTE NOVA: UM ESPAÇO RELACIONAL ENTRE OS GÊNEROS	81
4.5.1 A Relação entre as Mulheres no Canteiro e a “fofoca” em destaque	83
4.5.2 Conflito no Âmbito da Sexualidade	84
4.5.3 Finalização das Obras do Estádio da Fonte Nova: Para onde foram as Operárias? 86	
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	88
REFERÊNCIAS	93
APÊNDICE A - Roteiro para entrevista com as operárias da construção da Arena Fonte Nova em Salvador	99
APÊNDICE B - Roteiro para entrevista com as operárias da construção da Arena Fonte Nova em Salvador	101
APÊNDICE C - Roteiro para entrevista junto a profissionais que acompanharam as operárias na construção da Arena Fonte Nova em Salvador	102
APÊNDICE D - Roteiro para entrevista junto a lideranças comunitárias que acompanharam as operárias da construção da Arena Fonte Nova em Salvador.....	104
APÊNDICE E - Termo de concessão de entrevista para pesquisa do mestrado	106

INTRODUÇÃO

O presente estudo procura revelar facetas da experiência de mulheres as quais trabalharam na construção do Estádio da Arena Fonte Nova, na cidade de Salvador, Bahia, no período de 2010 e 2014. Para tanto, são aqui delineados os aspectos pertinentes à condição de gênero, de trabalho e das relações interpessoais no setor da construção civil. É importante ressaltar que a construção civil viveu períodos de bonança, entre 2010 e 2014, com a contratação de um grande número de operários para atender à demanda específica da Copa do Mundo de Futebol de 2014. Embora a mão de obra empregada na construção civil fosse formada principalmente por homens, os impulsos de programas sociais do governo federal brasileiro, como o programa Minha Casa Minha Vida, além da baixa de juros para a construção de imóveis residenciais no país, serviram para motivar a ampliação da contratação de mão de obra, estendendo-se às mulheres interessadas no setor da economia ligada diretamente à construção civil.

A realização da Copa do Mundo de Futebol, em 2014, alavancou, quatro anos antes, o setor da construção civil que experimentava um momento de apatia. Para a concretização do campeonato foi necessário erguer estádios de futebol nas capitais-sedes dos jogos e incrementar obras de infraestrutura, todas ligadas à nova conjuntura. Essas obras impulsionaram o mercado produtivo da construção civil que, de modo que no período houve um aumento considerável no número de trabalhadores, ampliando a demanda com o treinamento, a qualificação e a contratação de mulheres, devido a uma série de políticas de inclusão social adotadas pelo governo e pelo comitê organizador do evento.

Em Salvador, a empresa responsável pela construção da Arena Fonte Nova contratou um grupo de mulheres que atuaram no campo da produção, embora não tenha sido possível conhecer o número exato de trabalhadoras empregadas nas diferentes etapas da obra. Ajudantes de Obras e de Canteiros, Pedreiras, Soldadoras e Ferramenteiras são algumas das personagens desta pesquisa. Quanto ao perfil, trata-se de mães solteiras, principais provedoras da família, baixa escolaridade, sem experiência no setor, são essas algumas das características das operárias que tomaram parte nas atividades predominantemente masculina. Procuramos apresentar uma análise qualitativa das relações de trabalho no canteiro de obra, apontando os desafios enfrentados pelas mulheres na construção civil as quais inauguravam um perfil que vai além de uma visão tradicional de abordagem sobre as relações de gênero para a existência de certa complementaridade no trabalho.

A pesquisadora Débora Nunes, autora do artigo *Por um mundo melhor: superando a dominância masculina*, na sua reflexão sobre o mundo dos homens e mulheres ajuda-nos a compreender esse panorama, antes associado quase exclusivamente ao universo masculino. Traz à tona uma crítica à temática, ao ressaltar que aspectos históricos e culturais apresentam a aptidão biológica como um componente responsável pela divisão de poderes entre homens e mulheres e que não pode ser mais fundamental na sociedade. Buscamos observar, assim, as transformações ocorridas no mundo do trabalho, especialmente o da construção civil, visando compreender aspectos característicos da convivência entre homens e mulheres.

Para Nunes (2015), a revolução neolítica implicou na sedentarização, no domínio da agricultura e formação das primeiras civilizações e cidades, onde prevaleceu a dominância masculina. Surge assim a instituição da propriedade privada, que manteve a defesa e a conservação dos grupos sociais, empregando a força e a agressividade masculina. Como não houve uma igualdade na divisão de poder, essa relação ficou desequilibrada e para as mulheres passou a existir somente o poder simbólico. Contudo, é preciso atentar que essa forma de dominação dos homens aconteceu em determinado momento histórico, e que a partir daí surgiram novas mudanças; paulatinamente as mulheres se tornaram emponderadas socialmente diante dos paradigmas, gerando um fenômeno no qual a *complementaridade* entre homens e mulheres substituiu o antigo modelo tradicional.

Questionada sobre a relação de trabalho com homens durante a construção do estádio, a ajudante de canteiro E. M. disse: “*O trabalho com os homens era bem melhor*”. Nos discursos de outras mulheres também entrevistadas prevaleceu essa mesma opinião, a de existir uma colaboração de forma harmônica nas realizações das tarefas executadas no canteiro de obra.¹

A partir deste breve tópico introdutório, esta pesquisa se estrutura em três capítulos os quais se cruzam, de maneira a se complementarem revelando aspectos distintos da temática investigada.

No primeiro capítulo – **Breves considerações a respeito da construção civil no Brasil** –, traçamos a trajetória histórica da construção civil no Brasil, os incrementos econômicos nesse setor, pontuando o perfil de seus trabalhadores, desde a predominância etária, a escolarização, o rendimento médio e as condições de trabalho. Com isso, pretendemos constituir um perfil do trabalhador da construção civil na Bahia, e entre esses perfis destacamos a atuação de mulheres no mercado, um assunto ainda pouco explorado,

¹ Flor foi a funcionária mais antiga que trabalhou na obra da construção da Arena Fonte Nova.

mostrando a inserção destas no setor da construção civil. Focalizamos como recorte temporal a conjuntura vivida pelo Brasil impulsionada pelas construções de obras de infraestrutura, e em especial as relacionadas ao evento da Copa do Mundo de 2014. Procuramos ainda especificar como objeto principal dessa conjuntura a construção do estádio de futebol Arena Fonte Nova, em Salvador, entre 2010 e 2014. E quando possível realizando comparações de outras capitais que também sediaram o evento esportivo.

No segundo capítulo – **O viés da precarização do trabalho no mundo capitalista** –, a nossa abordagem será a partir do contraponto oferecido pela obra *Homens são de Marte, Mulheres são de Vênus*, de Jon Gray (1993), um *best-seller* que trata dos problemas generalizados e que marcam o cotidiano enfrentado por homens e mulheres. Nele, o autor apresenta esses gêneros como pertencentes a planetas distintos; na sua análise bem humorada e sensível revela questões de convívio entre os sexos. Complementamos a discussão necessária a este trabalho com as ideias de pesquisadores que se dedicam à temática, como Graça Druck (2011), que discute a precarização do trabalho social, entendido como um *fenômeno novo e velho*, que é também *diferente e igual*, e por isso se faz presente no debate acerca da precarização e nas relações de gênero e trabalho.

Alinhado ao capítulo, iremos explorar o tema a partir de uma leitura sistemática de Helena Hirata em obras exemplares (1995 e 2011). Encontramos mais um importante referencial na obra Joan Scott (1989), que analisou as diferenças culturais em seus aspectos históricos e o comportamento masculino e feminino. Para entender o curso teórico que trata da relação de gênero e de trabalho, trazemos um contributo no nosso percurso investigativo, ao compactuarmos com as opiniões das autoras Ana Cláudia Fleck (2003), Adriana Wagner (2003), Cecília Sardenberg (2004), Luciane Querine; Mariana Domingues e Rosângela da Luz (2013) e Laís Abramo (2001). Seus estudos, de modo individual ou conjuntamente, subsidiaram as discussões em que as mulheres são protagonistas.

No terceiro capítulo – **O caminho da pesquisa** – demonstramos o processo alusivo ao objeto de investigação. Nele apresentamos as diferentes fases de realização da pesquisa, referenciadas nas obras dos autores Hatt Goode (1969) e Robert Yin (1989), que permitem uma discussão acerca das ciências e dos procedimentos metodológicos. Pierre Bourdieu (2001) e Max Weber (2001) expõem o papel da ciência como elemento político e transformador e oferece explicações importantes. Simone Beauvoir (1945) ajuda-nos a compreender a condição histórica que acabou delimitando o papel da mulher na sociedade. E,

finalmente, Débora Nunes (2002), que se apresenta também como aporte teórico metodológico e nos permite ampliar os olhares sobre o objeto pesquisado.

De maneira descritiva evidenciamos algumas das características peculiares da comunidade residente no Dique do Tororó, pois considerável parte das entrevistadas é de moradoras desse bairro. A utilização da mão de obra dessas mulheres foi uma conquista de associações e sindicatos, sendo previamente selecionadas e treinadas pela construtora. Assim, a investigação não centraliza sua preocupação na caracterização do referido bairro, mas em aspectos da comunidade que nos ajudam a compreender as falas das operárias.

No quarto e último capítulo – **Mãos à obra: operárias na Arena Fonte Nova** –, mergulhamos no universo dessas mulheres operárias para revelar as suas experiências no canteiro de obra, desde a chegada até a relação estabelecida com os operários. São fragmentos de histórias de vida que, interpretadas, permitem avançarmos sobre questões como o da complementaridade no trabalho entre homens e mulheres, assim como as expectativas de inserção no mercado de trabalho. A essas mulheres somam-se outras que esporadicamente aparecem em entrevistas realizadas com jornais e telejornais de Salvador, em que as relações de gênero são discutidas e levadas ao conhecimento da sociedade. Os resultados revelam permanências, mudanças e superações na vida dessas operárias e abrem possibilidades para novas pesquisas com o aprofundamento da temática que ora discutimos.

1 BREVES CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DA CONSTRUÇÃO CIVIL NO BRASIL

Este capítulo apresenta aspectos referentes à construção civil no Brasil, entre os anos de 2010 e 2014, um importante momento vivido pelo setor, com a preparação da infraestrutura exigida para realização da Copa do Mundo de Futebol. Dessa forma, compreender a conjuntura em que a presença feminina se insere nessa atividade produtiva. Entretanto, tomando como exemplo a edificação da Arena Fonte Nova em Salvador, também delineamos um breve panorama da indústria no país, incluindo seu peso na atividade econômica e participação em programas estatais vigentes, como o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) e a Minha Casa, Minha Vida (MCMV). Além disso, apresentamos também um perfil da mão de obra dos trabalhadores desse setor produtivo.

A construção civil no Brasil constrói uma importante atividade econômica no país. Esse setor, de modo geral, garantiu o desenvolvimento econômico, permitindo a promoção de incrementos que levam o crescimento do desenvolvimento regional. Após décadas de baixo investimento em infraestrutura, como estradas, portos, aeroportos e em habitação, como programas sociais do governo, o país retomou o curso do progresso, garantindo o crescimento do setor, a geração de empregos e mudanças substanciais na sociedade contemporânea.

Esse setor produtivo experimentou, na primeira década do século XXI, considerável avanço. A situação econômica, favorecida pelo aumento na renda da população, por medidas como a desoneração tributária, a expansão de crédito para setores represados como o da habitação e projetos importantes como o Programa de Aceleração de Crescimento (PAC) contribuíram para que o país não sentisse os efeitos da crise mundial iniciada de 2007.

A euforia econômica no primeiro governo Lula, incentivou a adoção de medidas que colocaram o país em direção ao crescimento. Obras de infraestrutura como o *Programa Minha Casa, Minha Vida*, investimentos esportivos como o da *Copa do Mundo de Futebol de 2014* e os *Jogos Olímpicos* de 2016, impulsionaram as atividades da indústria da construção civil. Essas obras ajudaram na superação do problema do desemprego e na manutenção de programas sociais do governo.

Segundo dados do IBGE/PAIC (2011), o valor da produção da construção civil no Brasil apresentava-se da seguinte forma: incorporação de empreendimentos imobiliários 2%; obras comerciais e industriais 15%; serviços especializados 17%; obras residências 22%; obras de infraestrutura 44%. Segundo a mesma fonte, a região sudeste respondia por 51% da construção civil e por 49% da mão de obra empregada no setor. Dois anos antes, a

participação das regiões no PIB na construção civil se configurava da seguinte maneira: Norte com 7,1%, Centro Oeste com 9,3%, Sul com 15,3%, Nordeste com 17,05% e Sudeste com 50,07%.

Para a RAIS/MTE, a participação regional dos empregados na construção civil em 2012 demonstrava que era 7% no Norte, 8% no Centro Oeste, 14% no Sul, 22% no Nordeste e 49% no Sudeste. De acordo com o MTE, o setor da construção civil empregou 7,3% da mão de obra no país, representando 2,8 milhões de trabalhadores.

A mão de obra na construção civil é composta majoritariamente de trabalhadores do sexo masculino, totalizando 92,54% do contingente empregado do setor; as mulheres são os 7,46% restante.

Em um mercado de trabalho tradicionalmente ocupados por homens, às mulheres vem sendo cada vez mais empregadas no setor da construção civil. Sendo possível encontrar muitas mulheres trabalhando em diferentes funções nos canteiros de obras deste setor. Muitos são os fatores que contribuíram para o aumento da presença feminina na construção civil: o aumento da demanda na área, a ausência de mão de obra masculina qualificada, a oportunidade de melhoria de renda e qualidade de execução em atividades de acabamento.

Segundo a Câmara Brasileira da Indústria da Construção (SBIC) em 2010, as mulheres já somavam 200 mil trabalhadoras com carteira assinada no país, representado 8% do total da construção civil para o mesmo período. Com o aquecimento desse setor, especialmente com as obras de infraestrutura, as construtoras empregaram uma grande força de trabalho oportunizando às mulheres a inserção na atividade. O setor em 2012, já empregava 250 mil mulheres². A tendência é que mais mulheres ingressem nesse mercado devido à valorização de seus atributos profissionais e a criação de leis que incentivam o emprego da mão de obra feminina no mercado da construção, a exemplo da cidade de Feira de Santana, a segunda maior cidade do estado da Bahia, onde uma lei municipal determina que 10% das vagas do setor da construção sejam reservadas para mulheres. Também existe um Projeto de Lei do Senado 323/2012, já aprovado na comissão de Direitos Humanos que alterou a Lei Nacional de Licitações das empresas, até então vigente, para exigir que obras contratadas pelo governo tenham um percentual mínimo de 12% composto de mão de obra feminina.

Vale lembrar que, proporcionalmente, as mulheres possuem nível de instrução mais elevado do que os homens.

² Segundo Ana Maria Castelo, coordenadora de estudos da construção civil da Fundação Getúlio Vargas (FGV)

Desde o ano de 2014 o setor da construção civil vem sofrendo abalos ocasionados pela crise econômica que se estabeleceu no país. Nos primeiros cinco meses desse ano, a atividade parou de crescer, tendo um fechamento de 250 mil vagas de emprego em todo o país. O mês de fevereiro foi o pior desse colapso: foram fechados 81.774 mil postos de trabalho, entre março de 2014 e fevereiro de 2015³.

1.1 O EMPREGO NA CONSTRUÇÃO CIVIL

Em 2011, o setor da construção civil no Brasil empregava 7,8 milhões de trabalhadores. Conforme a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), realizada pelo Instituto Brasileiro de Pesquisa e Estatística (IBGE), dos 93,4 milhões de pessoas ocupadas no país, 8,4% trabalhavam na indústria da construção civil. Todavia, ao analisar este setor sob a ótica da posição na ocupação, nota-se que a informalidade é predominante. Assim, a participação de trabalhadores por conta própria nesse ramo era de 3,2 milhões, e somados aos trabalhadores sem carteira de trabalho assinada totalizava 60% dos ocupados na construção civil no Brasil.

O perfil dos trabalhadores é formado em sua essência por chefes de família, ocupando 62,5%. Esses operários tiveram ascensão econômica considerável, e até 1996 eram 51,28% dos pertencentes às classes D ou E, com renda inferior de R\$1.100,00. Depois de 2009, esses trabalhadores passaram a integrar a classe C, constituindo 53% da população brasileira, composta por 91,8 milhões de pessoas com renda de R\$ 1.064,00 até R\$ 4.591,00.

Quanto à escolaridade, a construção civil sempre foi vista como um setor onde prevalece um alto índice de analfabetismo. De acordo com os dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) do Ministério do Emprego, nos últimos 10 anos, houve uma diminuição de mais 60% do número de analfabetos na construção civil. Em 2000, o número de trabalhadores analfabetos era de 29 mil em um universo de 1,1 milhão, ou seja, 3%. No ano de 2009, havia 23 mil trabalhadores sem escolarização, num total de 2,2 milhões, o que representava 1% do universo de operários que não sabiam ler nem escrever.

Em 2010, um total de 561 mil trabalhadores da construção civil tinha o Ensino Médio completo. Hoje programas como o de alfabetização e aperfeiçoamento educacional têm conseguido mudar esse quadro. Em algumas cidades brasileiras foram promovidas ações pelo

³ Dados retirados do Boletim Sebrae – “A vez das mulheres nos canteiros de obras” (2015).

próprio setor com a criação de salas de aula instaladas nos canteiros de obras, com objetivo de melhorar a escolaridade dos trabalhadores da construção civil.

O estado do Rio de Janeiro foi pioneiro nesse tipo de iniciativa. Em 1990, o Sindicato da Indústria da Construção Civil (SINDUSCON-Rio) lançou o projeto *Alfabetizar é Construir*, que se destinava à educação dos trabalhadores. Podemos observar essa ação na fala dos gestores sindicais.

Comemora os vinte e cinco anos deste programa destinado à educação do trabalhador, com a certeza de que é um investimento válido que significa um passo decisivo para que a Indústria da Construção se torne mais produtiva e qualificada. [...] Conclama as empresas associadas a se unirem numa ação educativa conjunta destinada a suas equipes de trabalho, tornando a Indústria da Construção do Rio de Janeiro capaz de competir em nível de igualdade. (Antônio Carlos M. Gomes- Departamento de Política Social Trabalhista; Célia Macieira- Departamento de Relações Institucionais. Sindicato da Indústria da Construção Civil do Estado do Rio de Janeiro. (SINDUSCON, 2015).

1.2 AS CONDIÇÕES DE TRABALHO NA CONSTRUÇÃO CIVIL

A questão da contribuição para a previdência social também compõe uma particularidade que precisa ser analisada. A Previdência Social faz parte da Seguridade Social, adotada na Constituição de 1988, como um conjunto de ações e serviços, de responsabilidade dos poderes públicos. Desse modo, a previdência social visa garantir aos trabalhadores e trabalhadoras o bem-estar e a justiça social; logo, oferece vários benefícios ao contribuinte e à sua família, em situações de doenças, auxílio-doença, auxílio maternidade, aposentadoria e até pensão por morte.

No ano de 1996 apenas 32,7% dos trabalhadores da construção civil contribuíram com a previdência. Os vínculos dos trabalhadores e trabalhadoras são bastante heterogêneos e estes podem ser contratados de várias maneiras, de acordo com a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT). Prevalece o contrato por tempo determinado, podendo haver um período de experiência inicial de até 90 dias, sem acarretar ônus ao contratante até dispensa do trabalhador nesse período.

Os acordos coletivos são realizados por meio de convenção coletiva de trabalho do Sindicato das Indústrias, entre Sindicato de Trabalhadores e Sindicato das Indústrias cujos temas são os mais controversos: remuneração, reajustes, jornada de trabalho, estabilidade e alimentação.

A alta rotatividade de mão de obra na construção civil caracteriza o setor como de grande informalidade e de provisoriedade, isto porque a atividade da construção civil consiste num trabalho com riscos de acidentes, com má condição de trabalho, o que gera instabilidade no emprego. Essas características contribuem para a manutenção de uma massa flutuante de trabalhadores instáveis.

A rotatividade dos trabalhadores da construção civil é parte do ciclo natural desse processo produtivo. Essa rotatividade não está ligada ao anseio do trabalhador de ser dispensado da empresa; contudo, ao processo de precariedade do tempo das atividades dentro das empresas.

No que se refere a acidentes de trabalho, Araújo (1998), em seu estudo, indica que a indústria da construção é uma das atividades econômicas onde mais acontecem acidentes de trabalho. O setor está em terceiro lugar na frequência de acidentes registrados no país, porém, em nível mundial a Indústria da Construção Civil (ICC) é uma das que apresentam as piores condições de segurança.

No Brasil, em 1995, ocorreram 3.381 acidentes de trabalho com 437 óbitos; em 2000, ocorreram 3.094 casos, 19,5% na ICC. Esse fenômeno, inaceitável pela perda de vidas, ainda gera gastos aos cofres públicos, considerando os pagamentos das indenizações são feitos pela Previdência Social.

Pesquisa do sindicato dos trabalhadores da construção civil de São Paulo indica que a principal causa dos acidentes é a falta de atenção, correspondendo a 73,39% das ocorrências. O estudo foi realizado pelo Instituto de Ensino e Cultura (IEC), que, em 2009, entrevistou 659 operários em São Paulo. Essa amostragem revela que 8,35% dos trabalhadores da construção civil sofreram algum acidente ou afastamento. O segundo motivo deve-se à falta do uso de equipamentos de proteção individual, representando 7,49% e, por último, o descuido dos gestores da obra, que equivale a 2,41% dos acidentes.

Em junho de 2001, no setor da construção civil no Brasil, a cada mil empregados, aproximadamente 13 operários afastaram-se de suas atividades devido a acidentes de trabalho. Os acidentes de trabalho nas macrorregiões demográficas apresentam o seguinte número: o Sudeste com maior número de acidentes, num total de 387.142, aproximadamente 70% do total nacional. Em seguida o Sul, com 153.329 casos, o Nordeste com 91.725, o Centro-Oeste com 47.884 e o Norte com 31.084 acidentados. Quanto ao número, os sindicatos desconhecem e demonstram interesse em separar os acidentados em homens e mulheres. O

sindicato na Indústria na Construção Civil na Bahia, por exemplo, não tem estudos sobre onde as mulheres tenham visibilidade.

Quanto à remuneração dos trabalhadores e trabalhadoras, os dados apresentam variações entre os estados brasileiros. Em Rondônia, receberam R\$ 2.062,86; Distrito Federal R\$ 1.992,53; Rio de Janeiro R\$ 1.762,09 e São Paulo R\$ 1.725,36. O estado da Paraíba R\$ 895,12 e o Piauí R\$ 946,42 apresentam os menores salários pagos aos operários. No caso de Rondônia, o maior valor pago aos trabalhadores deve-se ao número de grandes obras existentes no estado, além da valorização do salário mínimo, que tem impacto direto nos pisos salariais nas diversas federações. A Bahia 2010 apresenta uma remuneração de R\$ 1.304,03, em 2011, R\$ 1.475,03, próximo da média nacional. Em 2011, o valor médio da remuneração paga às mulheres operárias era de R\$1.736,64. No segmento da infraestrutura apresentava o valor de R\$1.985,22, devido à utilização da mão de obra mais especializada e baixa participação quantitativa das mulheres. Os dados acima estão disponíveis no Ministério do Trabalho (2011).

No Distrito Federal e em São Paulo encontramos as maiores remunerações pagas às mulheres no Brasil, respectivamente, R\$2.657,30 e R\$2.115,026. Entretanto, nos estudos sobre as operárias da construção civil para Bahia, somente foi possível identificar os salários pagos no Distrito Federal em São Paulo, devido ao fato de que esses dois estados da federação são os que melhor remuneraram os trabalhadores da construção civil no país.

O fator idade também precisa ser levado em conta para os operários da construção, pois existe um padrão de evolução referente à contratação e ao desligamento por faixa etária. Segundo o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE), nota-se que os trabalhadores com idade de até 24 anos são os mais vulneráveis à movimentação no setor da construção civil. A maior parte dos trabalhadores admitidos e desligados tem idade entre 30 e 39 anos.

Esse panorama da atividade da construção civil no Brasil, no período estudado, permite-nos observar de modo geral seus aspectos marcantes e serve-nos ainda para começar a compreender a inserção das mulheres nesse setor produtivo. O passo seguinte da pesquisa pretende confrontar as questões teóricas que envolvem o estudo da dimensão “gênero” no mercado de trabalho em geral. Na sequência, portanto, trataremos do contexto regional e o caso específico da construção da Arena Fonte Novo, em Salvador, entre os anos de 2010 e 2014.

1.3 O PROGRAMA DE ACELERAÇÃO DO CRESCIMENTO (PAC)

Em 2007, o *Plano de Aceleração do Crescimento* (PAC) agenciou o planejamento e a execução de grandes obras de infraestrutura social e urbana no Brasil. O segmento da construção civil, considerada pesada, cresceu com o aumento de investimentos públicos e privados.

De acordo com a revista *Valor Econômico*, de 26 de março de 2013, o incremento desse setor da economia é fundamental para o desenvolvimento do país. Entre os anos de 2006 a 2009, a taxa média de investimento em áreas de infraestrutura, no Brasil, foi de 2% em relação ao PIB do ano anterior. O país, desde então, vinha realizando investimento na infraestrutura para suprir o atraso de três décadas.

A mesma revista *Valor Econômico* aponta ainda que, das 50 maiores obras de infraestrutura e de energia do mundo, 14 delas encontram-se no Brasil, com recursos que somam R\$ 250 bilhões. Esse dinheiro foi destinado à transposição do rio São Francisco; à construção da usina nuclear Angra 3; às usinas hidrelétricas de Teles Pires e de São Luiz em Tapajós; ao complexo petroquímico do Rio de Janeiro; às plataformas para produção de petróleo do pré-sal; às obras de saneamento de cidades e às obras de acessibilidade para Copa do Mundo de Futebol de 2014.

O *Programa de Aceleração do Crescimento* (PAC) contribuiu na ocasião no aumento de empregos. O programa, nos seus primeiros quatro anos, gerou 8,2 milhões de postos de trabalho e garantiu a muitos brasileiros o emprego, mantendo a economia aquecida e impedindo efeitos desfavoráveis às empresas nacionais.

Em 2011, o PAC chegava à segunda fase de implantação e dinamizava a economia do país. Ampliava os negócios no setor privado no ramo com o interesse deste em participar de projetos, como as obras de transportes, energia, programas como o *Cidade Melhor, Minha Casa, Minha Vida* e *Luz para Todos*. Para se ter uma ideia do parcial de investimentos, o programa *Comunidade Cidadã* recebeu recursos na ordem de 22,4 bilhões de reais. Esse investimento chegou também a portos e aeroportos, além de obras associadas à Copa do Mundo de Futebol de 2014. O PAC 2 do Governo Federal assegurava a competitividade do país, resgatava o papel do estado brasileiro como baluarte do desenvolvimento, geração de empregos e redução de desigualdades sociais, principalmente as regionais no Brasil.

1.4 MINHA CASA, MINHA VIDA

O programa do Governo Federal, *Minha Casa, Minha Vida*, foi instituído pela Lei n. 11.977, de 07 de julho 2009. O programa contava com a parceria de estado e municípios, os quais eram encarregados de administrar as obras através de empresas e entidades sem fins lucrativos. Em sua primeira fase um milhão de moradias foram construídas no país. Em 2012, o *Programa Minha Casa, Minha Vida* tinha entrega de casas a mais de 3,5 milhões de brasileiros.

No que concerne à urbanização, ligado ao referido programa, foram concluídos, segundo o governo federal, 1.028 empreendimentos, totalizando investimentos de R\$ 8.9 bilhões de reais, beneficiando, em 381 municípios, aproximadamente 872 mil famílias (SINDICATO DOS BANCÁRIOS DE SÃO PAULO, 2015).

O volume de contratações em habitações da Caixa Econômica Federal, em 2012, foi de R\$ 184 bilhões e a previsão de contratação para 2013 era de 26,5 bilhões de reais. De acordo com a Caixa Econômica Federal, o volume de vendas de materiais de construção, somente em 2012, cresceu 7,4%, obtendo nesse ano um recorde de faturamento, alcançando cerca de 55 bilhões de reais. Para a Associação dos Comerciantes de Materiais de Construção, em março de 2013, as vendas cresceram 8% em relação ao mês anterior. A redução de impostos sobre produtos industrializados e as condições favoráveis ao crédito habitacional foram fatores que ajudaram no crescimento da construção civil no país.

O sistema financeiro habitacional se constituía na principal fonte de financiamento para investimentos em habitação e mantinha linhas de crédito voltadas à população formada pela nova classe média. Esse investimento alavancou a construção civil no país e marcou positivamente o setor no âmbito da sociedade brasileira.

No Brasil, em 2009, a construção civil gerou R\$ 146.8 bilhões de reais. A Bahia participou com o montante de 9,1 bilhões, colocando o estado na quarta posição no cenário nacional, atrás dos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais.

1.5 A COPA DO MUNDO DE FUTEBOL DE 2014

A Copa do Mundo de Futebol, em 2014, foi resultado da iniciativa da Federação Internacional de Futebol (FIFA) em levar o evento esportivo para fora da Europa. A América do Norte recebeu o mundial em 1994, nos Estados Unidos; a Ásia em 2002, na Coreia do Sul e no Japão; e a África em 2010, na África do Sul. Faltava a América do Sul.

Em 2003, além do Brasil, a Argentina e a Colômbia manifestaram o interesse em sediar o evento. Com a desistência desses dois países, em 2006, o Brasil foi escolhido, por ser o único candidato do continente. No dia 30 de outubro de 2007, o presidente da FIFA, Joseph Blatter, anunciava o Brasil como sede da copa do mundo de futebol.

O Brasil tinha a partir dessa data 79 meses de preparação para a competição. O orçamento apresentado pela candidatura do Brasil à FIFA em 2007 para reformar e construir os estádios para Copa do Mundo era aproximadamente 2,8 bilhões de reais. Após dois grandes aumentos na matriz de gastos (2012 e 2012) e diversos problemas quatro meses antes da realização do campeonato a cifra já ultrapassava os 8 bilhões de reais, um aumento de 285% em relação ao plano inicial.

A Copa do Mundo 2014 teve investimentos federais de 20,7 bilhões de reais. Segundo dados da Fundação Instituto de Pesquisa Econômica (FIPE), a realização da copa no Brasil estimava gerar cerca de 1 milhão de empregos no país, equivalente a mais de 15% dos 4,8 milhões dos trabalhadores formais criados. O evento apreendia cerca de 30 milhões para a economia do país e previa-se a chegada de cerca de três milhões de turistas.

O Brasil transformou-se num canteiro de obras a céu aberto. O número de operários trabalhando cresceu consideravelmente no segmento econômico da construção civil. O setor viveu seu momento de expansão com o emprego, principalmente nas cidades-sedes onde ocorreriam os jogos da copa de 2014. Todavia, não eram somente as obras de construção de estádios que garantia o incremento do setor, paralelamente, obras importantes de infraestrutura, como a ampliação de aeroportos, construção de novos hotéis, obras de mobilidade no transporte público, em seu conjunto impulsionaram a construção civil no país.

As obras eram muitas e o prazo parecia curto. Segundo a *Folha de São Paulo*, de 109 obras previstas, na primeira matriz de responsabilidades, somente 14 delas foram entregues no período previamente acertado: os estádios Mineirão, Castelão, Fonte Nova e Maracanã, além de nove intervenções em aeroportos (quatro Módulos Operacionais Provisórios, os MOPs) e uma de mobilidade urbana, em Natal. O número de obras não iniciadas superou as executadas para o evento, totalizando 19 projetos.

Sete projetos foram excluídos da copa: os monotrinhos de São Paulo e Manaus, o Veículo Leve sobre Trilhos (VLT) de Brasília, além de mais três intervenções de mobilidade (em Curitiba, Natal e Manaus), a ampliação da pista do aeroporto Salgado Filho, em Porto Alegre. Dos 76 projetos em andamento são 45 em mobilidade urbana, oito em estádios, 17 em aeroportos e seis em portos (Fortaleza, Natal, Recife, Rio de Janeiro, Salvador e Santos).

O custo com a copa do mundo, desde janeiro de 2010, sofria mudanças no orçamento inicial. Foram investidos R\$ 23,53 bilhões de reais, em maio de 2012, com a inclusão de projetos ligados à segurança, às telecomunicações e ao turismo cresceu, atingindo R\$ 29,23 bilhões de reais.

A obra com a copa custou R\$ 25,52 bilhões. O Governo Federal foi responsável por adicionar mais R\$ 14,99 bilhões e os governos estaduais aplicaram investimentos em ordem de R\$ 6,29 bilhões. A iniciativa privada, por sua vez, investiu R\$ 4,25 bilhões reais.

O estádio de futebol Mineirão, construído em Minas Gerais, foi concluído, em 21 de dezembro de 2012, após 28 meses de trabalho. No entanto, o aeroporto de Confins, em Belo Horizonte, continuava suas atividades de ampliação do terminal de passageiros e a reforma da pista de pouso e do sistema de pátio posteriormente a realização do evento. No que se refere às obras de mobilidade urbana, todos os oito projetos encontravam-se em andamento depois do campeonato. Somente uma dessas obras foi entregue para o campeonato da Copa das Confederações, em 2013.

Em Fortaleza, no Ceará, outro exemplo, o estádio Castelão tinha suas obras concluídas, em 16 de dezembro de 2012, após 21 meses de atividades. No aeroporto Pinto Martins, a ampliação do terminal do pátio de aeronaves e do sistema viário somente foi entregue em dezembro daquele ano e custou R\$ 195,8 milhões. Seis obras de mobilidade encontravam-se em andamento na capital cearense. Só o projeto VLT Parangaba-Mucuripe tinha previsão de investimento de R\$ 265,5 milhões reais.

1.6 OBRAS DA COPA EM SALVADOR

Em Salvador, na Bahia, encontramos também uma série de obras a atrasadas. O estádio de futebol Arena Fonte Nova teve suas obras concluídas em 5 de abril de 2013, após 30 meses de atividades. Na mesma cidade, o aeroporto Deputado Luís Eduardo Magalhães (Antigo Aeroporto 2de Julho) desenvolvia três obras: o de ampliação do terminal de passageiros, o da construção da torre de controle e o alargamento do pátio de aeronaves. O investimento no aeroporto chegou a um total de R\$ 47,3 milhões. Também não ficaram prontos para o campeonato.

Quanto à mobilidade na capital baiana, o Corredor Estruturante Aeroporto/Acesso Norte, em 2011, foi retirado da matriz de responsabilidades da copa. O adiamento na concretização de muitas das obras sem dúvida resultou da dificuldade do setor da construção

civil contar com uma mão de obra especializada. Nem o próprio setor tinha a capacidade de especializar trabalhadores em curto espaço de tempo.

Conforme dados do Ministério do Esporte (2010), dos doze estádios-sede da Copa de 2014, três deles contaram com recursos da iniciativa privada – o complexo esportivo Curitiba, o Morumbi em São Paulo e o Beira Rio. Juntos corresponderam a 6,2% do total de investimentos previsto na construção de estádios de futebol (R\$ 5,2 bilhões). Conforme a tabela 1 abaixo o BNDES foi o principal financiador de obras em estádios, cerca de R\$ 3,1 bilhões (64,8% do total).

Tabela 1 - Investimentos em obras para a Copa-2014 (R\$ milhões)

Fonte de recursos	Obras				Total	Part. (%)
	Infraestrutura urbana	Part. (%)	Estádio	Part. (%)		
BNDES	1499,0	14,8	3427,6	64,8	4926,6	32,0
Financiamento Caixa	6422,3	63,5	0,0	0,0	6422,3	41,7
Governo Distrital	0,0	0,0	340,0	6,4	340,0	2,2
Governo Estadual	1740,6	17,2	1156,4	21,9	2897,0	18,8
Governo Municipal	452,0	4,5	34,1	0,6	486,1	3,2
Clube Atlético Paranaense	0,0	0,0	113,0	2,1	113,0	0,7
Esporte Clube Internacional	0,0	0,0	130,0	2,5	130,0	0,8
São Paulo Futebol Clube	0,0	0,0	85,0	1,6	85,0	0,6
Total	10113,9	100,0	5286,1	100,0	15400,0	100,0

Fonte: Ministério do Esporte

Enquanto o governo se sobressaía no financiamento de infraestrutura urbana, o BNDES se destacava nos investimentos da construção de estádios. Em ambos os casos, os investimentos dependiam das condições regionais e de suas especificidades, como a articulação das esferas municipais e estaduais de governo, como o financiamento ou os mecanismos de incentivo e subsídio.

O total do investimento nas obras de infraestrutura correspondeu a 0,7% do Produto Interno Bruto (PIB) dos estados-sede (Tabela 2). Já o PIB municipal representa 1,9%. Embora o montante de investimentos destinados para as obras em São Paulo fosse proeminente (20,1% dos investimentos), representa somente 0,9% do PIB da cidade.

Por outro lado, os investimentos destinados para a adequação da copa de 2014, em Cuiabá, correspondem a 11,3% do seu PIB. No caso de Salvador, foram investidos valores na ordem de R\$ 1.131,30 milhões, representando 9,30% do montante.

Tabela 2 - Investimentos por Cidades-Sede para a Copa-2014

Cidades-Sede	Valor (R\$ milhões)	Part. (%)	% PIB Mun.	% PIB Estadual
Manaus (AM)	1837,80	11,93	5,34	4,37
Fortaleza (CE)	1031,60	6,70	4,22	2,05
Natal (RN)	695,00	4,51	8,66	3,03
Recife (PE)	1168,00	7,58	5,64	1,88
Salvador (BA)	1131,30	7,35	4,23	1,03
Belo Horizonte (MG)	1431,60	9,30	3,75	0,59
Rio de Janeiro (RJ)	1910,00	12,40	1,37	0,64
São Paulo (SP)	3096,50	20,11	0,97	0,34
Curitiba (PR)	603,90	3,92	1,60	0,37
Porto Alegre (RS)	498,60	3,24	1,49	0,28
Cuiabá (MT)	894,70	5,81	11,32	2,10
Brasília (DF)	1101,00	7,15	1,10	1,10
Total	15400,00	100,00	1,95	0,70

Fonte: Ministério do Esporte (2010) e IBGE (PIB de 2007).

No que se refere à criação de novos postos de trabalho, os indicadores apontam que os municípios registraram um crescimento médio de 1,2% do PIB e do emprego, representando um acréscimo médio de R\$ 14,7 bilhões de reais nas economias municipais e com a criação de 158 mil empregos.

2 O VIÉS DA PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO NO MUNDO CAPITALISTA

2.1 HOMENS E MULHERES SUPERANDO CONFLITOS

O tema da diferença entre homens e mulheres é abordado na obra *Homens são de Marte, Mulheres são de Vênus*, um best-seller do autor John Gray, ex-monge americano, casado, que recorreu às suas experiências pessoais para tratar dos relacionamentos humanos com humor e sensibilidade.

O autor lança mão de uma analogia para compreender o comportamento cotidiano de homens e mulheres, contudo vai além, ao revelar como se desenvolve a relação complexa própria dos seres humanos. Gray extrapola o aspecto simbólico que dá o tom inicial a esse formato literário para desvendar, por meio de acompanhamentos clínicos de casais, a superação desses extremos.

Para compor o cenário, o autor nomeia os homens como marcianos e as mulheres como venusianas. Essa diferença explicita a “verdadeira teia de desarmonias” que faz os dois sexos discordarem demasiado em seus pontos de vista.

Entre as características dos “marcianos”, o autor identifica a valorização do trabalho, as suas competências, as suas aquisições, as suas metas, a racionalidade, o poder e a eficiência para atingir o sucesso. Por outro lado, ao referir-se às “venusianas”, observa que estas privilegiam as relações e usam a comunicação como forma de estabelecer o convívio, usando, para tanto, a sensibilidade, a condição do amor ao próximo e a experiência do saber dividir.

Nesse sentido, marcianos e venusianas assumem modelos comportamentais específicos, condicionados culturalmente. Os marcianos agem sempre de forma unilateral e as venusianas de forma dialógica.

Após descrito o cenário concebido por Gray, se faz necessário um salto mais largo para outros campos do conhecimento acadêmico. Para tanto, trazemos a visão de Fritjof Capra (1993), físico teórico e ambientalista que, nos fundamentos metodológicos, embasa seus trabalhos numa visão ecossistêmica. Transitamos, pois, da literatura tradicional, para uma abordagem científica particular, em que o autor propõe uma “visão sistêmica” para trabalhar novas formas do conhecimento voltado à “ecologia profunda”. Entretanto, não se pode distanciar da chamada visão holística, pela qual é possível compreender que o comportamento do homem e da mulher é naturalmente cíclico.

A visão da ecologia profunda de Capra significa reconhecer a interdependência fundamental de todos os fenômenos e, nesse sentido, pode se proceder a uma análise acerca

dos indivíduos homens e mulheres os quais estão atrelados ao princípio da organização e dos diferentes comportamentos “interconectados”. O quadro a seguir de “Valores Auto-Afirmativos” viabiliza uma compreensão mais clara das características inerentes aos homens e das mulheres.

Quadro 1 - Pensamentos e Valores Autoafirmativos

PENSAMENTO	VALORES
AUTOAFIRMATIVO INTEGRATIVO	AUTOAFIRMATIVO INTEGRATIVO
Racional Análise Reducionista Linear Expansão Competição Quantidade Dominação	Intuitivo Síntese Holístico Não linear Conservação Cooperação Qualidade Parceria

Fonte: Capra (1993).

No quadro acima é perceptível que os valores autoafirmativos são agregados ao comportamento do homem. Assim, dentro da organização sociocultural, o modelo patriarcal impõe a mulher um papel de menor destaque na sociedade, advindas, efetivamente, da hierarquia das estruturas políticas, militares e ideológicas que, ao longo da história das sociedades, condiciona a mulher a um plano inferior. Ao homem, por sua vez, era atribuída uma condição de suposta superioridade, cuja dicotomia gerou consequências nas sociedades ocidentais.

Para Capra (1993), a mudança de paradigma abarca transformação nos campos éticos, políticos e nos aparelhos sociais como uma nova proposta de entendimento do ser humano, a partir de novos atores que emergem socialmente. Assim, através da dimensão cognitiva, do entendimento das relações interpessoais e da vida, observamos que as particularidades dos relacionamentos entre homens e mulheres são ligadas à consciência do mundo cultural e social de que fazem parte.

O velho paradigma está baseado em valores antropocêntricos (centralizados no ser humano), a ecologia profunda está alicerçada em valores ecocêntricos (centralizados na

Terra). “[...] todos os seres vivos são membros de comunidades ecológicas ligadas uma às outras redes de interdependência” (CAPRA, 1993).

O tema abordado por Gray apresenta-se para o leitor como um entretenimento, com o qual ele acaba se identificando em diferentes momentos, provocando o humor intencional do texto, mas, para além disso, provoca uma reflexão diante de atitudes tomadas no seu dia a dia.

A reclamação mais frequentemente expressa pelas mulheres sobre os homens é a de que eles não sabem ouvir. Ou um homem a ignora completamente quando ela fala com ele, ou ele ouve por alguns momentos, fica ciente do que a está aborrecendo e então orgulhosamente põe o seu boné de Sr. Conserta Tudo e lhe oferece uma solução para fazê-la sentir-se melhor (GRAY, 1996, p. 14).

Na concepção do autor, cabe assim, ao homem, ser tolerante para evitar o conflito com a mulher dentro da relação. A reclamação mais frequentemente expressa pelos homens sobre as mulheres é a de que elas estão sempre tentando mudá-lo. Quando uma mulher ama um homem, ela se sente responsável por assisti-lo em seu crescimento e tenta ajudá-lo a melhorar o modo como ele faz as coisas. (GRAY, 1996, p. 14).

Gray observa que as diferenças entre os sexos podem prejudicar os relacionamentos. E, se algo acontece errado, a culpa é sempre do sexo oposto. As características de gêneros acabam assim dificultando o entendimento de cada identidade.

Todavia, de forma esperançosa, o autor propõe uma relação entre homens e mulheres pautada na paz e na harmonia. Para ele, “é necessária uma compreensão das nossas diferenças que eleve a autoestima e a dignidade pessoal enquanto inspira confiança mútua, responsabilidade pessoal, cooperação crescente e um amor maior” (GRAY, 1996, p.7).

E complementa, com a seguinte orientação:

É preciso abrir o coração, resultando em maior disposição para perdoar e maior motivação para dar e receber amor e amparo. Com essa nova consciência, você vai, espero, ultrapassar as afirmações desse livro e continuar a desenvolver meios pelos quais possa se relacionar amavelmente com o sexo oposto. (GRAY, 1996. p. 7).

Entretanto, a realidade vivida por homens e mulheres, por exemplo, nas relações do mundo do trabalho, evidenciam que são muitos os desafios a serem vencidos em uma sociedade que carrega na sua essência a distinção de valores no tratamento de homens e mulheres, a qual é definida respectivamente pela noção de superioridade e inferioridade.

O autor abandona seu conforto para apresentar a visão masculina sobre as mulheres, afirmando que para as venusianas os relacionamentos são mais importantes do que trabalho e

tecnologia. Elas não usam uniformes como os marcianos (para revelar sua competência). Pelo contrário, gostam de vestir uma roupa diferente a cada dia, de acordo com o que estão sentindo. Para Gray, a expressão pessoal, especialmente do que estão sentindo, é muito importante (GRAY, 1996, p.16).

O autor prossegue, referindo-se às mulheres:

Elas podem até trocar de roupa várias vezes ao dia de acordo com a mudança de seu humor. Em vez de serem orientadas para metas, as mulheres são orientadas para relacionamentos; elas estão mais preocupadas com a expressão da sua bondade, do seu amor e da sua atenção. (GRAY, 1996, p.16).

E dispara quanto ao universo feminino:

Em Vênus, todo mundo estuda psicologia e tem pelo menos mestrado em aconselhamento. Elas estão muito envolvidas com crescimento pessoal, espiritualidade, diante de tudo o que possa nutrir a vida, curar e crescer. Vênus está coberta de parques, jardins, shopping-centers e restaurantes. (GRAY, 1996, p.16).

Apesar de todo o sucesso de venda do livro, permanece a crítica advinda do campo da psicologia, considerando que *Homens são de Marte e mulheres são de Vênus*, como uma “bobagem”, é muito boa para vender livros. Estudos científicos recentes da psicologia defendem que os gêneros são semelhantes, propondo um fim pacífico para a “guerra dos sexos”, não sendo possível separá-los em dois grupos, tomando como base somente as características.

Depois dessa leve e humorada compreensão do universo masculino e feminino, entraremos em pretensa análise minuciosa da questão de gênero e do mundo do trabalho.

2.2 O VIÉS DA PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO

Os impactos da precarização tornaram-se uma realidade no mundo capitalista e podem ser percebidas em uma complexidade histórica e dialética, num conjunto de fatores socioeconômicos, políticos e sociais. Para o mundo do trabalho, o capital se utiliza da exploração de uma intensa força de trabalho objetivando o lucro e estimulando a concorrência. Assim, seus efeitos são sentidos em diversas esferas, principalmente na vida de seus trabalhadores.

As mudanças socioeconômicas, ocorridas no cenário brasileiro nos últimos anos, advindos do processo de globalização, apoiadas no projeto neoliberal possibilitaram a abertura para uma nova economia de mercado.

No período entre 2000 a 2012, tornou-se importante o segmento da construção civil, o qual passou a vivenciar um período de bonança, estimulado por programas habitacionais financiado pelo governo e por empreendimentos arrojados procedentes da especulação imobiliária, instalada no perímetro urbano por empresas privadas.

O dinamismo do processo de industrialização em prol do capital trouxe para a construção civil uma série de vantagens, mas também gerou danos. A formação da produção capitalista surge mediante uma progressão de formas de controle social, seguindo pelo controle do trabalho, do consumo, dos recursos naturais e, finalmente, do controle político para conduzir a produção pelo movimento do capital (PEDRAO, 2007, p. 14).

A partir de uma análise histórica da construção civil percebemos que o segmento evoluiu com o avanço das ciências e introdução de novas técnicas. Quanto ao aspecto semântico, os termos construção civil e engenharia civil são oriundos de um período em que só existia apenas a classificação para a engenharia, e esta se definia como civil e militar – a primeira, direcionada ao cidadão; a segunda aos interesses militares.

A construção civil abarca, hoje, as atividades de produção, incluindo atividades de planejamento, projeto, execução, manutenção e restauração de obras em diferentes segmentos. Desse modo, a indústria se subdividia em três subsetores: de edificações, realizadas por empresas de pequeno, médio e grande porte; de obras da construção pesada, relativos à infraestrutura, telecomunicações e saneamento; e de montagens industriais, por exemplo, a instalação de estruturas metálicas (VIEIRA, 2006 apud SILVA, 2013).

Os autores Dalcul, Oliveira e Ruas (1997) mostram que dados do IBGE de 1989 apontam que a indústria da construção civil é um dos importantes setores da economia e emprega 6,2% da mão de obra de forma direta ou indireta, porém, distingue-se de outros ramos pelas condições de precariedade do trabalho.

Segundo Druck (2011, p. 41), a precarização social do trabalho compreende um processo que instala – econômica, social e politicamente – uma flexibilização inserida dentro do mercado globalizado, utilizando modelos antigos e outros que nascem da própria composição dessa estrutura de trabalho.

Um dos aspectos considerado precário trata-se do fator de organização e controle do trabalho que se mantém de forma complicada, isto é, com características marcantes dentro da própria organização da empresa e na mão de obra empregada nos canteiros de obras.

Nesse sentido, declara Druck (2011):

O trabalho precário em suas diversas dimensões (nas formas de inserção e de contratos, na informalidade, na terceirização, na desregulação e flexibilização da legislação trabalhista, nos acidentes de trabalho, na perda salarial, na fragilidade dos sindicatos) é um processo que dá unidade à classe que vive do trabalho e que dá unidade também aos distintos lugares em que essa precarização se manifesta. (DRUCK, 2011, p. 41).

As empresas tendem a manter seu lucro com a alta produtividade e, cada vez mais, unifica novas gestões de qualidade incorporando tecnologias de ponta. Porém, para a classe trabalhadora poucos investimentos, como na segurança nos canteiros.

Também a mão de obra sofre com a instabilidade do emprego e com a rotatividade, marcado por baixa capacitação, diferença salarial pelas poucas promoções que são oferecidas. Os operários são cometidos, comprometidos com prazos de execução de obras, por acidentes ocasionados no trabalho. A “hegemonia do setor financeiro ultrapassa o terreno estritamente econômico do mercado e impregna todos os âmbitos da vida social, dando conteúdo a um novo modo de trabalho e de vida” (DRUCK, 2011, p.42).

Para Druck (2011, p. 42), existe com isso um novo conteúdo, o da flexibilização à precariedade do trabalho e também a fragmentação do coletivo de trabalho. As empresas, por incentivo do mercado capitalista, operam com novas formas de organizações do trabalho; logo, os trabalhadores são terceirizados. “a estratégia de terceirização na construção civil sempre buscou, por um lado, minimizar e controlar os custos diretos e indiretos mediante a contratação de empresas especializadas em serviços complementares.” (COCKELL; PERTICARRAN, 2010, p. 635).

As empreiteiras regidas por subcontratação dos serviços, com contratos que fragilizam as leis trabalhistas, regem essa nova configuração para o mundo do trabalho, garantindo o domínio e o pleno funcionamento favorável ao capital.

Diante desse cenário, as organizações representativas de classe têm avançado no que diz respeito à participação de ambos os sexos, mas, conseqüentemente, existe dispersão no próprio arcabouço vulnerável às políticas vigentes.

E, por fim, o trabalho está atrelado a relações de produções que dinamizam o capital e por um jogo de interesses que são pré-estabelecidos, configurando-se uma categoria para a

produção dentro do sistema econômico. A autora conceitua como dinamismo do capitalismo flexível a força que se materializa principalmente na imposição de condições de trabalho e de emprego precárias frente a uma permanente ameaça de desemprego estrutural criado pelo capitalismo. Afinal, ter qualquer emprego é melhor do que não ter nenhum (DRUCK, 2011, p. 43).

É observado por Druck (2000, p. 43) que a precarização do trabalho é um fenômeno novo e velho, e que utiliza do “fetiche da flexibilização”, por razões de cunho econômico, atrelado ao político, explicitada pela autora como o uso de “leis inflexíveis”. Vale destacar que esses novos sujeitos são absorvidos no mundo do trabalho com pouca chance de crescimento profissional, risco na seguridade social, formando como pano de fundo um exército de reservas. “[...] criando uma profunda concorrência e divisão entre os próprios trabalhadores.” (DRUCK, 2011, p. 43).

A autora ainda certifica que:

A partir do momento em que os próprios trabalhadores, influenciados por seus dirigentes políticos e sindicais passam a acreditar que as transformações no trabalho são inexoráveis e, como tal, passam a ser justificadas como resultado de uma nova época ou de um novo espírito do capitalismo. (DRUCK, 2011, p. 43).

Diante desses pressupostos, esta pesquisa pretende analisar a participação das operárias da construção civil na expansão do mundo capitalista. Tudo indica que a força de trabalho feminino sofre esse fenômeno em sua dimensão quanto à flexibilização e à precarização do trabalho. Torna-se, pois, perceptível que as operárias da construção civil as quais trabalharam em obra de infraestrutura compõem esse novo arranjo do trabalho do mundo social, enfrentando situações como o da precariedade, de prevenção, de vulnerabilidade de emprego e de desemprego, divisão sexual do trabalho e dos aparelhos sindicais que lhes representam.

2.3 A PRECARIZAÇÃO NA RELAÇÃO DE GÊNERO E TRABALHO

Adentrando as relações de trabalho feminino, Hirata (1995) conceitua, de forma clara, dois elementos que regulam as diferenciações no mundo do trabalho feminino: a exploração e a opressão. Afirma a autora que “a exploração no trabalho assalariado e a opressão de sexo são indissolúveis; a esfera da exploração econômica – ou a das relações de classe – é, ao

mesmo tempo, a esfera em que se exerce o poder masculino sobre as mulheres” (HIRATA, 1995, p. 40).

A sociedade capitalista passa a valorizar determinadas capacidades para atender o mercado, e desse modo as trabalhadoras utilizam competências tidas para alcançar cargos eminentemente masculinos, trazendo uma nova dinâmica em relação à divisão social dos sexos.

Em recente artigo sobre a repartição do tempo de trabalho, Zarifian (1984) considera que a nova produtividade está estreitamente associada à criatividade: "a origem essencial desta (nova) produtividade reside, em última análise, na organização da criatividade". O texto sugere que esse tipo de produtividade só pode ser masculino, visto que os postos de trabalho maciçamente ocupados pelas mulheres não são propícios à criatividade. Do mesmo modo, a autonomia e a iniciativa, consideradas essenciais para a introdução de modelos de especialização flexível, alternativos ao modelo taylorista-fordista, não são características de postos de trabalho femininos (HIRATA, 1995, p. 42).

Os novos modelos administrativos, fruto da evolução tecnológica, permitiram maior oportunidade de trabalho para as mulheres, mas não acabou com a discriminação no local de trabalho. Este é outro ponto que reflete a desigualdade de sexo. As grandes companhias multinacionais tomam conta dos países que não têm base produtiva sólida como forma de investimento do capital estrangeiro.

Silva (2013, p. 84) embasado em Hirata (1995), afirma que ao mesmo tempo um lugar de criação e de fortalecimento das desigualdades de sexo. Reflete que não há uma “homogeneização” na relação do trabalho, pois trouxe para as trabalhadoras alguns novos entraves nas atividades laborais. As mulheres lidavam com problemas relacionados à questão da imagem, usando figurino “como se fosse um homem”, executando os “piores serviços” e, com relação ao piso salarial (salário-mínimo) na década de 1990, no contexto brasileiro, recebiam salários inferiores quando comparados aos pagos nos mesmos serviços a trabalhadores de outros países da Europa.

A interdependência crescente dos mercados nacionais, as mudanças tecnológicas e a flexibilização do trabalho trouxeram consigo o desenvolvimento do emprego e do trabalho para as mulheres, contudo, empregos marcados pela precariedade e pela vulnerabilidade (SILVA, 2013, p.84).

A autoraerce uma crítica analítica sob a configuração do mercado nas últimas décadas e os impactos que acarretam a precariedade do trabalho feminino. Hirata (2011,

pp.16-17) destaca que o desenvolvimento processo de globalização na medida em que essa crise se desenvolveu no contexto de circulação acelerada do capital financeiro no âmbito mundial.

Nos anos oitenta houve variações no mercado global, impulsionadas pelos reflexos da crise no mercado financeiro, no sistema bancário, econômica e que, juntas, abarcam incondicionalmente a crise social. Após esta crise verifica-se um aumento maciço de mulheres no mercado de trabalho.

Segundo Hirata (2011, p.16), as controvérsias podem ser respondidas por dados estatísticos e empíricos que permitem o entendimento quanto à qualidade e quantidade do emprego surgido, entretanto, empregos precários e incertos, ocupados por mulheres.

Assim, o ingresso da mulher no mercado de trabalho dá-se em condição desigual quanto às categorias que partem da condição entre os sexos, classes e raças, porque a dinâmica do capital expressivamente sustenta a concentração da riqueza e acréscimo da pobreza, conseqüentemente nas instâncias do trabalho aparece vulnerável para esses grupos da população por condições desiguais de baixos salários e a pouca qualificação.

Essa questão é pontuado pela a autora como um movimento específico referente a precariedade e pobreza (HIRATA, 2011, p.16). Como exemplo, Hirata (2011) afirma que a precarização da família representa o modelo da sociedade japonesa, que se caracteriza pela formação de uma “Rede de Mulheres Pobres”, com implicações como a falta de moradia e por fazer parte de famílias indissociáveis. Este é um exemplo significativo e facilmente vinculado ao contexto das mulheres pobres do Brasil.

Com relação à questão da qualidade e quantidade do emprego feminino dentro da esfera formal e informal, designa um conceito importante da “bipolarização dos empregos femininos”, dada a existência de precariedade que tem efeitos diferentes dentro da própria condição da mulher. Para Hirata (2001), a implicação é “uma regra no setor secundário, no terciário, tanto relacionado no executivo quanto aos trabalhadores de execução, tanto no Brasil quanto na França e no Japão” (HIRATA, 2011, p. 17).

A precarização do trabalho feminino, sobretudo, nos países periféricos, marcado pela desigualdade na questão da jornada de trabalho, as mulheres ocupam, na maioria das vezes, o tempo parcial chamado como “atípico”, denominados trabalhos de subcontratação. “Nos dias de hoje, os novos postos tendem a ser flexível no tempo, no espaço e na duração, dando origem a uma grande variedade de contratos de trabalho.” (OLIVEIRA; IRIART, 2008, p. 438).

O contrato de trabalho integral oferece certa segurança no emprego, e a jornada parcial, que cabe na maioria das ocasiões às mulheres, ocasiona incerteza e precariedade.

Outro ponto é a questão das atividades femininas, visto que, mesmo com avanços e mudanças de paradigmas sociais, existem ainda trabalhos femininos que nutrem padrões das sociedades antigas, sendo que as sociedades de cunho patriarcais colocam o papel masculino superior ao feminino. A precarização do trabalho tem consequências diferenciadas para homens e mulheres, sendo que estas últimas são as mais atingidas pelos efeitos da precariedade (HIRATA, 2011, p. 17). Desse modo, a autora enfatiza que a consequência desse duplo processo é a exacerbação das desigualdades sociais e dos antagonismos, constatada tanto entre os homens e mulheres quanto entre as próprias mulheres. (HIRATA, 2011, p.17).

Hirata aponta, ainda, para a existência de uma super-exploração espacial do Sul para o Norte, especificamente nos países que possuem o capitalismo avançado. Essas categorias são advindas do modelo capitalista e foram construídas socialmente pela lógica do capital.

Esse viés parte de um fenômeno novo, o da “bipolarização dos empregos femininos”, e diferencia mulheres das próprias mulheres na divisão do trabalho por ações que são produzidas na prática do cotidiano. Esse acontecimento é perceptível nos dados estatísticos do campo educacional, que sobrepõe os indicadores sociais, separando o desenvolvimento econômico das regiões Norte e Sul no Brasil.

2.4 O TERMO GÊNERO E A DESIGNAÇÃO NO CONTEXTO SOCIAL

Joan Scott propõe uma análise histórica dentro do conjunto social, no qual coloca as mulheres em lugares preestabelecidos na sociedade e que influencia plausivelmente a capacidade da mulher para o trabalho. A mulher na história implica necessariamente a redefinição das noções tradicionais. (SCOTT, 1989, p. 3).

Essa forma de pensar o termo gênero expressa em diversos campos humanos, exemplificadas na condição da religiosidade, isto é, no aspecto da fé, que aloca créditos desiguais na relação sexual, outro lugar hierarquicamente de destaque para o masculino. Nele impera que a mulher deve ser submissa ao homem e isso faz parte da natureza divina e não deve contradizer a palavra de Deus. E assim, notamos o desmerecimento da participação feminina em quase todas as atividades.

Podemos destacar a ressalva da autora, para quem “ao longo dos séculos, as pessoas utilizaram de forma figurada os termos gramaticais para evocar traços de caráter ou traços

sexuais”. (SCOTT, 1989, p. 3). Para Scott (1989), a finalidade e complexidade do marco de gênero permitem entendermos as diversidades dos papéis sexuais na sociedade. O que torna preciso um outro olhar, a partir de um ponto crítico científico. Essa visão permite uma mudança de padrões. Diz Scott: “o gênero parece integrar-se na terminologia científica das ciências sociais e, por consequência, dissociar-se da política (pretensamente escandalosa) do feminismo”. (SCOTT, 1989, p. 6).

O termo gênero, mesmo dentro dos estudos acadêmicos, parece invisível, apresenta histórias de mulheres no sentido de práticas habituais, e impede de a percebermos como sujeito legítimo que merece uma análise de forma crítica na sociedade. Essa noção de invisibilidade sofreu modificação, a partir do final dos anos 1970 e início dos anos 1980, e o termo superou a análise apenas biológica, rompendo com essa noção de invisível, pela mudança de comportamento das autoras que transpõem esse conhecimento na literatura sociológica e acadêmica.

Além disso, o estudo das teses feministas de cunho marxista baseava-se na divisão sexual do trabalho, em confrontar a condição biológica, porém, esforçando para uma explicação materialista claramente observada nos modos de produção e embasamento do sistema econômico.

De acordo com Scott (1989):

As feministas marxistas têm uma abordagem mais histórica, já que elas são guiadas por uma teoria da história. Mas quaisquer que sejam as variações e as adaptações, o fato de que elas se impõem a exigência de encontrar uma explicação “material” para o gênero. (SCOTT, 1989, p.10).

O capital arrancou a mulher do seio da família e não deu a mesma contrapartida necessária para suprir suas necessidades, principalmente porque teve que abandonar os lares. Muitas mulheres eram obrigadas à realização das atividades domésticas. Dessa forma, o capitalismo impõe que a luta de classe dividia a sociedade em dois campos: a burguesia e os proletariados, no caso das operárias. O trabalho de mulheres e meninas menores colocavam assim todos os indivíduos da família sob dependência imediata do capital.

Chamamos atenção para a tese da autora que aponta para a diferença sexual e do trabalho. Os homens ocupam na hierarquia ocupacional maior valor, também no setor da construção civil nos canteiros de obras. A condição sexual opera nas condições delimitando espaço no mercado de trabalho; logo, a mulher assume a dupla jornada de trabalho, o doméstico e o ocupacional, o que representa uma sobrecarga dessa concepção de gênero.

Na vida da operária, mesmo que tenha conquistando um espaço tradicionalmente masculino, ainda se faz preciso avançar, pois nos canteiros de obras o trabalho feminino circunstancialmente volta-se para as atividades de acabamento e finalização das obras, mostrando que ainda existem diferenças. Considerando notícias de jornais publicados em cadeia nacional, notamos a percepção dos trabalhadores quanto à participação das mulheres na construção civil.

João Conceiro, gerente administrativo e financeiro do consórcio do Castelão, em Fortaleza-CE, diz sobre as mulheres que, quando chegarem à fase de acabamento, referindo-se à construção do referido estádio, “elas vão crescer mais por aqui” (RANGEL, 2011).

2.4.1 Divisão Sexual do Trabalho: o Assédio Sexual

Desde a década de 1970, o assédio sexual vem sendo denunciado por grupos feministas, nos Estados Unidos e na Europa. Entretanto, no Brasil, ainda é um tema muito pouco pesquisado.

Para Moreira (2004)

Ao explorarmos este tema deparamo-nos com uma realidade crítica na qual o medo instaura-se em diferentes níveis: as mulheres: de serem acedidas; os homens: de serem acusados; as vítimas de testemunhas: disserem demitidas: as empresas: de baixa na produtividade de não conseguirem de adotar os padrões de qualidade total estipulado pelo mercado, das indenizações por danos morais, dos escândalos envolvendo seu nome. (MOREIRA, 2004, p.1).

No Brasil, em 2001, o assédio sexual foi considerado crime e tem a seguinte definição:

Constranger alguém com intuito de obter vantagem ou favorecimento sexual, prevalecendo-se o agente da sua condição de superior e hierárquico ou ascendências inerentes ao exercício de emprego cargo ou função. (BRASIL, 2001).

Essa prática inclui comportamentos indesejados de conotação sexual que constitui a violência moral no ambiente de trabalho. Compõem-se desse modo, em manifestações, tanto de ordem explícitas quanto implícitas, sem que a vítimas as desejem, e em muitas vezes configura-se como o ato de obter vantagens ou de favorecimento sexual, podendo assim prevalecer da condição superior no exercício da função.

Pode haver assédio de diferentes tipos: de homens contra mulheres, como de mulheres contra homens e até mesmo de mulheres contra mulheres. Porém, no estudo específico do setor da construção civil, é mais comum no primeiro plano, isto é, de homens contra as mulheres.

Nesse sentido, como marco importante para a visibilidade das operárias da construção civil no Brasil abriu-se uma *Campanha Contra Assédio Moral e Sexual nas obras*. Foi realizada no dia 7 de março de 2013, pelo Sindicato da Construção Civil de Belém, no Pará, sendo lançada junto à Secretária de Mulheres na luta em prol do movimento de mulheres assassinadas em decorrência da violência machista.

Nessa mesma campanha divulgaram outra categoria de análise, incluindo as operárias e as mulheres negras e homossexuais, as quais são maiores vítimas de situações de assédio nos canteiros de obras, confrontando com situações machistas, racistas e homofóbicas entre os homens.

No plano local, o Sindicato dos Trabalhadores da Construção Pesada (SINTEPAV-BA) também fortaleceu a luta que houve por mulheres no âmbito nacional. É importante salientar que uma das nossas operárias entrevistadas lançou na Câmara Municipal de Salvador – no dia 31 de outubro do mesmo ano da campanha realizada em Belém – o livro *Simplesmente Maria*, que marca a luta por direitos, contando a história e as dificuldades da trabalhadora para ingressar nesse mercado produtivo.

2.4.2 Aspectos Históricos de Gênero e Trabalho

Um conjunto de fatores foi decisivo para a inserção do trabalho feminino no mundo moderno. Podemos citar a Segunda Guerra Mundial que impactou as relações sociais, econômicas e políticas. Na esteira dessas mudanças, o Brasil iniciava o seu processo de industrialização nas principais cidades, favorecendo a urbanização que começava a empregar novas atividades econômicas, tanto na indústria e quanto no setor de serviço.

Nesse momento, houve mudança no padrão de comportamento sexual da família brasileira. Vimos uma transição no que concerne à função masculina na sociedade, antes atuando apenas como mantenedor, de modo que as mulheres passaram a buscar novos espaços e sustento em atividades fora do lar. Configurava-se um cenário que mudou a sociabilidade e a vida habitual das pessoas com novos padrões de comportamento.

Esse novo panorama incluiu novas práticas de consumo as quais foram estimuladas pelas telecomunicações. No fim da segunda guerra mundial, os meios de comunicação – imprensa falada e escrita – desempenharam um papel fundamental, especialmente no que diz respeito às mudanças de comportamentos. O modelo familiar embasado no pai provedor e chefe de família e na mulher dona de casa e “rainha do lar” começa a ruir (FLECK; WAGNER, 2012).

Os estudos mostram que, mesmo nesse cenário de inovação, a entrada da mulher no mundo do trabalho era um motivo de apreensão, pois estavam atreladas a funções de caráter feminino. “dever-se-ia cuidar para que executassem funções que não concorressem com a sua feminilidade.” (FLECK; WAGNER, 2012, p.17).

Considera assim Sardenberg (2004, p. 28) que, para termos uma melhor compreensão de gênero no trabalho feminino na sociedade brasileira, é necessário partir de um ponto de vista feminista da questão de gênero, que permita tornar as mulheres “visíveis” em diferentes interesses, sendo condicionado por um estudo que vai além dos dados estatísticos, perpassando por “forças sociais, econômicas, políticas, culturais e biológicas, historicamente específicas” (idem, p. 30).

Nesse sentido, a autora argumenta que historicamente, porém, o feminino tem sido construído como subordinado ao masculino. No Brasil, como no resto da América Latina (ou mesmo em nível mundial) dominam ‘relações de gênero patriarcais’, resultando em uma situação real de prestígio, privilégios (SARDENBERG, 2004, p. 30).

Com a ruptura de alguns sistemas familiares e de outros advindos das sociedades capitalistas, que por sua vez garantem o consumo e os interesses individuais, a imagem sexual da mulher tornou-se primazia pelo exercício do poder fortemente constituída pela figura do homem no mundo social. E, com o passar dos anos, a mulher vem evidenciando mudanças do conceito – antes era vista como o “sexo frágil” – e do modelo patriarcal e passa penetrar, de forma expressiva, no mundo da produtividade.

Para Sardenberg (2004), as mulheres vêm saindo da suposta “domesticidade” e ocupando lugar marcante no mundo e na produção. As importantes mudanças ocorridas no âmbito da família permitiram que estas fossem incorporadas em diferentes atividades produtivas. Diz a autora: “Entretanto, a despeito desse fato e das mudanças recentes no tocante ao direito da família, os papéis tradicionais se mantêm, ainda que, em determinadas instâncias apenas em nível de ideologia”. (SARDENBERG, 2004, p. 30-31).

Segundo Sardenberg (2004), mesmo que a reestruturação produtiva tenha sido ampliada consideravelmente nos últimos anos, nenhuma análise globalizante deixa de avaliar a perspectiva de gênero, pois as distorções entre sexo ainda são patentes que implica no trabalho feminino.

Em 1970, somente 18,0% das mulheres brasileiras com dez anos ou mais estavam engajadas no mercado de trabalho, tem-se conta que, em 1990, esse percentual já alcançava a cifra de 39,2%, mais do que dobrado no espaço de vinte anos (SARDENBERG, 2004, p. 33).

2.4.3 A Condição de Gênero e de Trabalho

Em comum, no âmbito profissional, as relações de gênero ocorrem de forma hierarquizada, determinando, assim, a ocupação de lugares desiguais, tornando, respectivamente, visíveis as relações de superioridade e inferioridade entre homens e mulheres.

As possibilidades de acesso a postos elevados na hierarquia ocupacional continuam sendo muito modestas para a maioria das mulheres. Contudo, o trabalho pode ser analisado dentro de uma categoria e percebemos que a mulher ainda ganha menos que o homem, o que é reiterado por Barbieri: “de uma dimensão da desigualdade social até então não trabalhada, subsumida na dimensão econômica, seja nas teorias das classes ou nas teorias da estratificação social” (BARBIERI apud ABRAMO, 1993, p. 4).

O processo de industrialização e modernização urbana e dos meios produtivos, influenciaram nas transformações dos estudos das relações de gênero. O Brasil, nos anos 1970, passou por várias crises econômicas, procedentes do aumento da inflação e de novas políticas internas, e mesmo assim conseguiu gerar novas oportunidades na força de trabalho feminino. Esse novo ambiente de evolução familiar é caracterizado pela “redução do número de filhos, nos lugares mais desenvolvidos do país, a evolução do nível de escolarização e o ingresso de mais mulheres nas universidades.” (BRUSCHINI, 1996, p.7).

Resta, então, concordar com as duas autoras, Sardenberg (2004, 2007) e Bruschini (1996), cujas abordagens são condizentes com o percurso do trabalho feminino em atividades econômicas, o que explica um movimento de progresso desencadeado por entrada e deslocamento na força de trabalho.

2.4.4 Mulher e Trabalho: avanços e entraves

Outro elemento importante que marcou o ingresso da mulher no mundo do trabalho diz respeito às representações dos movimentos de cunho feministas, influenciando positivamente e trazendo mudanças no cenário político brasileiro. Evidenciou-se um aumento nas taxas de atividade feminina a partir da entrada de mais mulheres nas frentes de trabalho, visto que “com apenas 18,2% das brasileiras com mais de 10 anos de idade, economicamente ativas em 1970, vinte anos depois a taxa de atividade feminina dobrou”. (BRUSCHINI, 1996, p.6).

Segundo dados revelados por fonte da FIBGE e PNADs (1985, p.7-8) no período de 1985 e 1995 houve um crescimento de mulheres na população economicamente ativa. Quanto às taxas relativas ao trabalho masculino, estas se conservaram inalteradas, com variação de 20,8% (1985 = 66%; 1990 = 64,5% e 1995 = 59,6%), enquanto que para as mulheres uma variação acentuada, de 63,0% no mesmo período (1985 = 33,5 %; 1990 = 35,5% e 1995 = 49,4,%).

Acrescente-se que o crescimento produtivo das atividades realizadas pela mulher teve o intuito de manter a subsistência dos denominados arranjos domésticos. Na década de 1980 ocorreu a maior oscilação na absorção da mulher no mercado de trabalho. Isso causou o desemprego e o deslocamento destas de setores primários e secundários para setores terciários.

Nos anos de 1990, houve aumento no número de mulheres assalariadas no mercado formal e um dos indicadores marcantes foi o aumento do nível de escolaridade destas, que assumiu lugar significativo no segmento econômico. Por conseguinte, a mulher passou a ocupar novos grupos ocupacionais de espaço no mercado de trabalho.

Os estudos de Sardenberg (2004) são importantes para analisar o cenário brasileiro, conforme foi pontuado por Bruschini (1996), pois acrescenta, de forma ampla, a discussão acerca das desigualdades de gênero nas instâncias regionais do trabalho feminino.

Sardenberg concorda que o trabalho feminino, nos anos 1970, foi fortalecido pelo movimento feminista no Brasil e que, o campo acadêmico impulsionou os estudos sobre trabalho feminino, evidenciando o fator sexo como elemento forte de análise. “São ainda patentes as desigualdades que desqualificam o trabalho feminino nas diferentes instâncias do mundo do trabalho.” (SARDENBERG, 2007, p. 14).

Assim, devemos entender a desigualdade a partir de uma perspectiva de gênero, levando em conta a organização social das relações e, também, as ideologias e a sua reprodução na sociedade.

De modo geral, encontramos nos estudos de Sardenberg (2004) a relação de gênero do trabalho no Brasil aprofundada sobre a desigualdade em níveis regionais, pois há diferenças entre a força de trabalho masculina e feminina que está incorporada nas regiões do Norte e Nordeste. A autora ressalta que no panorama nordestino a mão de obra feminina é mais precária, ao comparar as demais regiões do país, caracterizadas pelos indicadores desfavoráveis da condição de vida da população, das taxas de mortalidade e dos níveis educacionais.

Em 1996, as regiões Norte e Nordeste registravam taxas mais baixas de urbanização – 64% e 65,2%, respectivamente –, taxas estas que estavam bem abaixo da média do país (SARDENBERG, 2004, p. 39).

2.4.5 Hierarquia de Gênero: desigualdades no espaço executivo

O nosso propósito é demonstrar os reflexos que passam a existir com o fenômeno da “bipolarização”, atingindo mulheres que estão na esfera corporativa, residentes nas regiões Sul e Sudeste do país, desvendando o que tem de precário na condição do trabalho social.

As mulheres que atuam no executivo de empresas predominam na ocupação de cargos ligados a recursos humanos, um cenário que vem se modificando, já que a atuação nesse segmento tem diminuindo com a inserção nas áreas jurídica e comercial.

A pesquisa elaborada pela consultoria McKinsey & Company demonstra como as mulheres começam a se destacar em setores que, até pouco tempo, eram absolutamente masculinos. Em 2008, 7% das mulheres encontravam-se no setor de tecnologia, enquanto em 2013 a proporção aumentou para 12% (SIMÕES, 2013, p.102). Para melhor compreensão, o autor ilustra esse novo panorama das executivas:

[...] A distribuidora de energia Elektro, com sede em Campinas, no interior de São Paulo, ilustra essa tendência. A diretoria jurídica é ocupada pela executiva Jessica Reaach: e de assuntos regulatório por Cristiane Fernandes, respectivamente, desde 2009 e 2010. Em março deste ano, a paulista Simone tornou-se primeira diretora financeira e de relação com investidores da história da companhia. [...] ‘Hoje, são três mulheres e dois homens. Aqui sempre valeu a meritocracia’ afirma Simone. (SIMÕES, p.103).

Contudo, essa visão não reflete a maioria da população economicamente ativa feminina no mercado de trabalho brasileiro composta, na sua maioria, por trabalhadoras de classes pauperizadas e com pouca escolarização. No caso do nosso estudo, pretendemos observar as mulheres que se encontram na área da construção civil em condições adversas, e apresentar forma como se dá a sua participação e as estratégias de sobrevivências nesse espaço.

Vale ressaltar que as dificuldades de inclusão da mulher no mercado de trabalho se assemelham – seja em diretoria executiva de grandes empresas, seja em segmentos operários, como o da construção civil –, quando se trata de conciliar os aspectos relacionados à vida pessoal ao ambiente profissional. A consultoria Mckinsey & Company, em pesquisa realizada na América Latina (Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, México e Peru), com 547 executivos, de diversos setores e companhias de todos os tamanhos, revela as dificuldades enfrentadas por mulheres no trabalho. Nela, 44% dos entrevistados apontam o problema de equilibrar o trabalho com a vida familiar. Entretanto, devemos anotar que, compondo um universo de escolaridade e cultura elevado, não priorizam a maternidade, tornando-se mães com idades mais avançadas, quando já têm garantida a estabilidade no trabalho.

Um exemplo está na afirmação da executiva Simone, que tem uma filha de 9 anos, o que a impede de conciliar a carreira e a família. “Tenho uma retaguarda em casa. Tenho uma babá e meu marido também dá suporte caso não esteja presente. Sem isso, não conseguiria trabalhar até mais tarde ou viajar quando preciso.” (SIMONE apud SIMÕES, 2013, p. 103).

As mulheres que ocupam cargos executivos em renomadas companhias brasileiras sofrem as mesmas dificuldades. Podemos chamar essas dificuldades de “síndrome da jornada dupla”, ocasionada ao tentar unir a trajetória profissional com as responsabilidades particulares.

Um dos temas abordados na pesquisa acima citada refere-se ao exercício da maternidade, considerada entrave no que tange à produtividade, pois caracteriza como um declínio no rendimento profissional e, portanto, uma insatisfação do empregador, o que gera a instabilidade quanto à manutenção das empregadas na sua função. Tal barreira se torna ainda mais evidente à proporção que diminui o grau de escolaridade e profissionalização de mulheres que, recrutadas nas classes mais baixas da sociedade, acrescentam às suas dificuldades o fato de se tornarem mães ainda jovens.

Além disso, a supremacia masculina no comando de diversas atividades produtivas faz com que a diferença dos salários pagos aos homens evidencie um importante aspecto na diferenciação de gênero e trabalho.

No entanto, o equilíbrio na remuneração é uma realidade em setores ligados ao executivo especialmente em empresas multinacionais, apontando para um novo fenômeno no âmbito corporativo. Segundo a consultoria HayGroup, “a desvantagem das mulheres no universo total só é maior porque ainda temos executivos homens mais velhos e com mais tempo de carreira”. (SALGADO apud SIMÕES, 2013, p.102).

Podemos dizer, ao contrário, que em atividades econômicas e produtivas desempenhadas por mulheres, em setores do mundo do trabalho nos quais o grau de escolaridade e a formação profissional são elementares, a exemplo da construção civil, as desigualdades de gêneros são marcantes. Não se pode perder de vista que a falta de políticas públicas para a família ou os serviços de apoio também atrapalham a ascensão de mulheres no mercado.

Historicamente os indicadores sociais sempre revelaram que mulheres ainda é minoria no desempenho de funções consideradas importantes e de destaque no mundo do trabalho. Os estudos recentes no Brasil, entretanto, vêm agregando novas análises, como o das diferenças de gênero. Desse modo, essa temática circunscreve-se em um rico campo investigativo, já que a ampliação de setores como o da construção civil permite visualizar a inserção da mulher num setor outrora reservado ao mundo masculino.

3 O CAMINHO DA PESQUISA

Num mundo globalizado, desvendar realidades torna-se, muitas vezes, tarefa difícil, tendo em vista que as informações com as quais a sociedade constantemente é bombardeada apresentam análises quase sempre favoráveis ao senso comum. Assim, características de uma sociedade, embora se mostrem claras e objetivas, uma vez pulverizadas, costumam dificultar interpretações do real. Somente com a adoção de uma metodologia adequada é possível a compreensão de determinado objeto investigado.

Bourdieu (2001), ao pensar o objeto científico propõe o rompimento com o senso comum e com as reproduções compartilhadas por todos. Esse entendimento serve como ponto de partida para o estudo sobre a inserção da mulher no setor produtivo da construção civil e problematiza para além da superficialidade o objeto. Desse modo, a partir da compreensão sobre a atuação de mulheres no trabalho da construção do estádio Fonte Nova, em Salvador, podemos perceber as relações de gênero e as representações do mundo do trabalho.

Assim, ao cientista cabe o papel de destruir pré-noções e romper com o senso comum, elaborar maneiras de apreensão de instituições, de modo de vida e de si próprio, dentro da sociedade. Bourdieu, assim, propõe uma ciência social reflexiva, capaz de produzir efeitos na sociedade. “Em sociologia como alhures, uma pesquisa séria leva a reunir o que o vulgo separa ou a distinguir o que o vulgo confunde.” (BOURDIEU, 1999, p. 25).

O trabalho científico, dessa forma, permite uma busca provisória e conjuntural que empiricamente pode ser refutável, e em seu resultado propõe reflexões sobre dado objeto. Nesse capítulo apresentamos algumas revelações metodológicas em torno da pesquisa. De tal modo, explicar os passos da investigação que teve como ponto central a atuação de operárias nas obras de construção do estádio Arena Fonte Nova, em Salvador, entre 2009 e 2014.

Para isso, esclarecer conceitos é fundamental. Partindo desse pressuposto, o termo gênero deve ser compreendido de acordo com a análise de Diaz (1999), quando o associa às relações sociais desiguais de poder entre homem e mulher, produto da construção social e da função que estes desempenham a partir das diferenças sexuais. Assim, procedemos com a designação operária, e definimos estas como mulheres que trabalham mediante salário, especialmente a que exerce trabalhos manuais na indústria da construção civil.

Weber (2001), por sua vez, referindo-se à questão do papel dos juízos de valores que toda pesquisa levanta, lembra-nos de que eles não estão dissociados da análise científica e acabam na última instância, por expressar a subjetividade do pesquisador. O autor ajuda-nos assim a entender que um aparato metodológico e conceitual da pesquisa, no seu objetivo,

oferece um quadro lógico e coerente, pronunciado nas experiências pessoais e na compreensão do mundo social. Portanto, os procedimentos metodológicos possivelmente permitem alcançar a construção do conhecimento.

Uma vez identificado o objeto da pesquisa, no tempo e no espaço, era preciso optar pelo método mais satisfatório para seguirmos com a pesquisa. A natureza qualitativa, diante da ausência de dados quantitativos densos e descritivos, apresentou-se como a melhor opção. Na ausência de um perfil do trabalhador do setor da construção do trabalhador na Bahia, em especial, o formado por mulheres, que na última década se inseriram na atividade, foi preciso realizar uma busca minuciosa sobre dados que informassem sobre os trabalhadores da construção civil. Através da pesquisa qualitativa foi possível chegar a uma realidade vivida pelas mulheres que nos propomos conhecer. Assim, a pesquisa bibliográfica e, finalmente, a de campo, por meio de entrevistas, foi passo importante para o levantamento de elementos e posterior análise das falas de algumas mulheres que trabalharam ou trabalham na construção da Arena Fonte Nova.

Como citado em capítulo anterior, não sabemos exatamente o número total de mulheres que trabalharam nas obras da Fonte Nova. Devido ao fato da temporalidade da atividade e a rotatividade do trabalho no canteiro, muitas mulheres que trabalharam na obra não puderam ser identificadas. Em conversa com representantes do recurso humano responsável pelo consórcio, eles alegaram que muitos trabalhadores, mesmo selecionados, não compareceram para suas atividades. Normalmente por encontrar outro trabalho cuja remuneração era superior, trabalhadores abandonaram a obra mesmo antes de iniciada. Também existem brechas nos dados oficiais, que ora apresentam números descontraídos. Assim, a opção foi a de trabalharmos com um número específico dessas trabalhadoras identificadas não somente dentro de uma amostra pretendida, mas também daquelas que foram indicadas pelas primeiras entrevistadas, num laço de solidariedade construído durante a pesquisa.

Algumas das mulheres previamente selecionadas para entrevistas não puderam concedê-las por encontrar trabalho em cidades do interior da Bahia, assim como em outros estados, o que criou deformidades na amostra. Essa informação é imprescindível, pois demonstra as dificuldades enfrentadas por um setor que, embora seja um dos maiores da economia do Brasil, convive com problemas associados à precariedade do setor. Entretanto mantivemos a metodologia previamente pensada para qualquer tipo de distorção da pesquisa.

Realizamos a tabulação dos dados, a fim de traçar o perfil das entrevistadas e as diferentes questões sobre tarefas exercidas no trabalho, o que permitiu inferências, sobretudo, quanto à visão dos homens sobre a participação das mulheres nos canteiros de obras da Arena Fonte Nova. Em contraponto também perguntamos a essas mulheres sobre a relação com os homens no trabalho, principalmente se enfrentaram dificuldades de trabalhar com eles ou se enfrentaram algum tipo de preconceito. Essa indagação também perpassou por informações sobre as relações dessas mulheres com seus superiores.

3.1 O PERCURSO PELA FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Raupp e Beuren (2003, p. 87) definem que a pesquisa bibliográfica é desenvolvida mediante material já elaborado, principalmente de livros e artigos científicos. Esta pesquisa partiu da leitura de trabalhos acadêmicos, como dissertações e teses, que se somaram às leituras de livros e artigos pertinentes. Incluímos, por último, publicações de jornais e revistas especializadas e de senso comum, para subsidiar o caráter da pesquisa do ponto de vista histórico e conjuntural.

Seguindo essa orientação, percorremos instituições que se dedicam ao estudo de gênero, onde existem acervos bibliográficos importantes sobre atividades desenvolvidas por mulheres, sobretudo na Bahia. No primeiro semestre de 2013 realizamos visitas ao Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher (NEIM), núcleo ligado à Universidade Federal da Bahia (UFBA). Esse Núcleo vinculado ao departamento de Ciências Sociais da Universidade possui prestígios quanto ao estudo das relações de gênero, com enfoques regionais, nacionais e internacionais. Na ocasião apresentamos o projeto de pesquisa à coordenadora do programa, Professora Márcia Macêdo. A franquia da biblioteca especializada no assunto de gênero do núcleo promoveu uma identificação de leitura pertinente que auxiliou na realização da pesquisa.

Paralelamente consultamos acervos de bibliotecas acadêmicas como o da Universidade Católica do Salvador (UCSAL), UNIFACS Universidade do Salvador e Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), principalmente aquelas voltadas à pós-graduação, particularmente os de programas que envolvem as ciências sociais, a engenharia, a economia, a geografia, e desenvolvimento regional.

3.1.1 A Pesquisa de Campo

Uma vez percorridas as instâncias que garantiram a construção teórica para pensar a temática de gênero, do trabalho e da caracterização espacial e histórica da Bahia, em especial a da cidade de Salvador, no período anterior a copa do Mundo de 2014, para circunscrever a pesquisa, identificamos as primeiras questões que nos ajudaram na problematização acerca do objeto, e somente a partir daí definimos os passos metodológicos para a pesquisa de campo.

Não tínhamos dúvidas de que, inicialmente, a pesquisa de campo iria centrar-se no local pré-estabelecido, a saber, o canteiro de trabalho da Arena Fonte Nova onde as personagens eram as operárias que trabalharam durante os três anos em que duraram as obras de construção do estádio.

No segundo semestre de 2013 buscamos as construtoras responsáveis pela execução da obra. Vale ressaltar que, embora se tratando de uma obra de grande visibilidade constatamos de imediato que estas não guardaram documentos que pudessem subsidiar uma pesquisa nos seus arquivos. Nos recursos humanos do consórcio as informações obtidas com o chefe do setor nem sequer permitiram contabilizar o número de trabalhadores e trabalhadoras envolvidos na obra, documentos que pudessem estabelecer um perfil destes, o que dificultou circunscrever com informações precisas para melhor fundamentar o estudo.

Diante das dificuldades de obtenção de informações junto ao consórcio sobre os trabalhadores na Arena Fonte Nova, a pesquisa então se estendeu no mesmo período aos Sindicatos dos Trabalhadores da Indústria da Construção e da Madeira no Estado da Bahia (SINTRACOM-BA) e ao Sindicato dos Trabalhadores da Construção Pesada e Montagem Industrial do Estado da Bahia (SINTEPAV). Nesses dois sindicatos foram agendadas visitas com o objetivo de obter informações sobre a atuação dos sindicatos e a sua ação junto aos trabalhadores da construção da Arena. Assim como o consórcio de empresas, os sindicatos também apresentaram precariedade quanto a informações sobre a categoria que representa. Estes não possuem uma ficha cadastral detalhada com informações importantes sobre seus representados.

No SINTRACON-BA não encontramos subsídios que permitissem traçar o perfil sobre as operárias que atuaram nas obras da Fonte Nova. No SINTEPAV, depois de inúmeras visitas, entrevistamos Rosa, funcionária daquele sindicato responsável pela coordenação das mulheres que trabalham na construção civil na Bahia. A conversa com essa funcionária permitiu uma insipiente obtenção de informações, pois existia por parte desse sindicato uma necessidade de atualizar o perfil do trabalhador da construção civil na Bahia, embora,

nenhuma pretensão de obtenção de um perfil específico das operárias que atuam na área. Em inúmeras visitas realizadas a esse sindicato obtivemos somente a informação de que um setor sindical estava realizando um cadastro minucioso sobre os trabalhadores. Esse trabalho encontrava-se a cargo de Gustavo Palmeira, responsável pela compilação de dados do sindicato, e que se ocupava da apresentação de uma análise estatística dos operários da construção civil vinculados a obras pesadas realizadas no estado da Bahia.

A falta de informações sobre os trabalhadores da construção civil na Bahia revelou a precarização instalada nos sindicatos. Somente uma pista foi oferecida da existência da coleta de informações elaboradas pela Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), do Ministério do Emprego. Nele consta dados sobre o número de ocupados no setor, com variações para toda a Bahia, a escolaridade, a faixa etária dos sindicalizados no estado. Esses dados são analisados e apresentados no capítulo IV. Portanto, o montante de trabalhadores que atuam formal ou informalmente no setor ainda não pode ser conhecido.

As dificuldades na obtenção de informações sobre os trabalhadores que atuaram na construção da Fonte Nova estenderam-se também ao próprio governo do estado. Em alguns periódicos da Bahia, apenas aparecem números desconhecidos sobre os trabalhadores na obra, oferecidos pelo governo. Nos três anos de atividades de construção do estádio, principalmente no mês de março, quando se comemora o dia internacional da mulher, o governo fez propaganda em torno da atividade desenvolvida por mulheres na Arena, entretanto, esses números variaram ano a ano, sem que permitissem indicar qual o real número de trabalhadoras.⁴

Diante dessas dificuldades encontradas partimos para uma visita nos canteiros de obras, objetivando encontrar as operárias *in loco*. Entretanto, inicialmente tivemos a nossa pretensão negada, alegando-se a questão de tempo e de segurança na obra. A administração da obra, junto com o sindicato, afirmaram não poder autorizar a visita.

A partir dessa problemática tornou-se imperativo a ampliação do horizonte. Era preciso encontrar as fontes de pesquisas e desenvolver mecanismos que permitissem um encontro direto com algumas das operárias que trabalharam na obra do estádio. Essa questão levou-nos a pensar na precarização nos padrões de gestão da construção civil tanto das empresas quanto dos sindicatos. Assim uma obra caracterizada por ser temporária, com perceptível rotatividade, evidenciava a ausência de acervos que garantissem a memória desses

⁴ Sobre os números apresentados por um grande jornal de circulação na Bahia, encontramos dados que indicam ter trabalhado na Arena Fonte Nova 140 mulheres, no ano de 2011, o de representar 5% dos trabalhadores na obra em 2012, sem totalizar o número total de trabalhadores, e em 2013 refere-se somente a presença de mulheres no canteiro de obras.

trabalhadores e trabalhadoras, uma vez que esses trabalhadores foram dispensados após a finalização da obra.

Sabendo que algumas instituições do chamado Terceiro Setor haviam contribuído na intermediação entre o poder público e o privado para a contratação de parte dos trabalhadores da Arena, procuramos através delas alcançar toda e qualquer informação que subsidiasse a pesquisa. Estas instituições atuaram na contratação de pessoal considerado em situação de vulnerabilidade social, e que fazia parte das ações a ser dotadas para o preenchimento de vagas no canteiro.

Dentre estas instituições destaca-se a Força Feminina. Em entrevista realizada nos dias 08 e 22 de agosto de 2014, a coordenadora Fernanda Priscila da Silva contou um pouco sobre a origem da organização. A Força Feminina é uma instituição criada, em 1994, pelas irmãs Oblatas do Santíssimo Redentor, e desenvolve ações com mulheres em situação de prostituição em Salvador. Quando chegaram a Salvador atuaram no Centro de Salvador, especificamente no Centro Histórico. Nos primeiros momentos as mulheres se reuniam na Igreja Conceição da Praia, onde aconteciam os encontros. Em 1998, as atividades foram se intensificando no salão concedido pelos Frades Franciscanos. E atualmente, segue com a proposta da aproximação da realidade das mulheres, construindo uma proposta pedagógica, que busca novas oportunidades de trabalhos com as mulheres. E dessa forma, encaminhou oito mulheres para participar da seleção, que se deu em parceria com a organização do Movimento de População de Rua de Salvador, outro espaço que envolve moradores de ruas, com demandas e lutas pela cidadania. E concluímos na fala da coordenadora, ao dizer que a capacitação aconteceu no espaço do Movimento de População no Pelourinho, e apenas uma mulher que integrava a Força Feminina foi selecionada para atuar na construção da Arena Fonte Nova. Porém, ficam informados que as outras mulheres foram dispensadas porque estavam fora na faixa etária estabelecida para o trabalho. E mesmo a organização não soube como foi a experiência dela no trabalho na Fonte Nova, e no momento não tem, mantém com essa integrante que foi da organização.

Daí partimos para averiguar igualmente os dados na Associação Cultural Monte Belo, localizada no bairro do Dique do Tororó, que participou do processo de seleção de mulheres para trabalhar nas obras da Fonte Nova. Essa visita ocorreu a partir no dia 27 de agosto de 2014, e, finalmente, através dessa associação, tivemos acesso a algumas operárias. Importante relatar que foram entrevistadas 15 operárias que atuaram na construção da Arena Fonte Novas. Entretanto, torna-se importante deixar claro que essas mulheres na maior parte são

residentes no bairro do Dique e em áreas circunvizinhas, por isso mencionamos o local de moradia delas, sem perder de vista nosso objeto de pesquisa que são as operárias da Arena Fonte Nova.

Assim, aconteceram inúmeras entrevistas com o total de 15 trabalhadoras iniciadas a partir do dia 23 de setembro de 2014, que levou um longo prazo até o período a 06 de julho de 2015. Realizamos o tratamento e análise dos dados. Para não deixar dúvidas essa foi a forma que encontramos para identificar as operárias, porque já mencionamos prévia que não foi possível encontramos registro profissionais nos locais de trabalho.

Quanto ao tempo gasto para realização das entrevistas foi imprescindível, pois tivemos que contar com alguns fatores, antes de apresentamos a pesquisa a cada uma dessas mulheres, com o aceite das operárias para participar das entrevistas. E correlacionando a isso, ainda a pouca disponibilidade que elas tinham para o encontro, pois representam como chefes de família, mães solteiras, provedoras dos lares que administravam a rotina, entre as atividades profissionais e os afazeres domésticos.

3.2 A EXPERIÊNCIA COM O BAIRRO DO DIQUE DO TORORÓ

Foi exatamente no Dique do Tororó e nos bairros em torno do estádio – Cosme de Farias, Engenho Velho de Brotas, Djalma Dutra, Brotas e Sete Portas – que encontramos as 15 operárias, as quais atuaram na obra da Arena Fonte Nova. Como se viu, o maior número compôs-se, especificamente, de operárias moradoras do Dique do Tororó, por isso é que compreendemos a importância de identificar aspectos particulares desse bairro que se tornou importante para a pesquisa.

Assim, através da obra *Pedagogia da Participação: trabalhando com comunidades*, da pesquisadora e professora Débora Nunes, descobrimos os pressupostos que envolvem a experiência de uma pesquisa com comunidades.

Como integrante do método adotado na pesquisa, seguimos os passos de uma investigação descritiva, na tipologia qualitativa e no uso do estudo de caso como modelo. Nessa fase teremos como escopo identificar aspectos marcantes das operárias da construção. “[...] A pesquisa descritiva tem como principal objetivo descrever características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relação entre as variáveis. Uma de suas características mais significativas está na utilização de técnica padronizada de coleta de dados.” (RAUPP; BEUREN, 2003, p. 81).

O Dique do Tororó é considerado cartão postal de Salvador. A sua origem remonta a presença dos holandeses que, entre 1624 e 1625, construíram um reservatório d'água com a represa dos rios Lucaia e Camurugipe. A obra de escavação foi realizada com mão de obra escrava. O dique trata-se de uma lagoa artificial com um espelho d'água de cerca de 110 mil metros quadrados.

Com o passar do tempo, em torno da grande represa formou-se uma comunidade chamada Dique Pequeno, onde atualmente estão agrupados moradores que formam uma grande favela, com comércio local, escola estadual, igrejas e centro comunitário. A vantagem de sua localização, próximo ao centro da cidade, facilita o deslocamento da população. Topograficamente, à esquerda do dique encontra-se o bairro do Tororó; à direita, o de Brotas; ao sul, o do Garcia; e ao norte o estádio de futebol Otávio Mangabeira, mais conhecido como Estádio da Fonte Nova, erguido ainda na década de 1950.

Ao visitar o local em torno do objeto de estudo, pudemos fazer observações e coletar algumas evidências sobre o caso estudado. São evidências para prover informações adicionais sobre o que pretendíamos estudar. Essa escolha deve-se ao fato de tomarmos conhecimento de que algumas das operárias que trabalharam na construção da Arena Fonte Nova moravam nessa localidade. A ideia era a de sempre associar as observações, comparar resultados com as afirmações encontradas na literatura investigada, tal como a precariedade em que muitas operárias se encontravam, e assim ressaltar afirmações contundentes ou eliminar discrepâncias.

O Dique do Tororó é notadamente um bairro pobre, caracterizado pela segregação e pelas inúmeras carências relativas à segurança, saneamento básico, saúde e educação. Seus moradores possuem perfil socioeconômico marcadamente formado por trabalhadores de baixa renda. Chama a atenção tratar-se de uma comunidade pouco inserida no mercado formal, cujas famílias não possuem salários estáveis e com baixa escolaridade. Aos homens do bairro é comum a ocupação em serviços como o de segurança, motorista, servente e pedreiro de obras. Já as mulheres dedicam-se ao serviço doméstico, atuando como diaristas.

Pela associação, fui convidada a conhecer a obra de restauração da fachada da escola estadual, localizada no bairro, cujos trabalhos foram realizados por mulheres, o que significou um treinamento e seleção para o trabalho na obra do estádio de futebol. Constatamos que o bairro passou por algumas reformas, e as últimas melhorias viabilizaram a construção do novo estádio de futebol. As obras de revitalização trouxeram à área uma valorização do espaço

externo, tornando-se seu uso comum às famílias soteropolitanas, em especial, aos moradores do Dique.

Através da associação finalmente conseguimos chegar até algumas das operárias que trabalharam nas obras da Fonte Nova e, posteriormente, foi possível realizar individualmente entrevistas com estas. Iniciou-se então um longo percurso, pois a maior dificuldade estava em encontrá-las, já que trabalhavam em obras diversas, ou mesmo em outras cidades, e quase sempre em atividades temporárias. Assim, mesmo com o agendamento prévio, muitas das entrevistas não ocorreram, devido ao não comparecimento das trabalhadoras.

O convívio com a comunidade permitiu entender alguns meios de sociabilidade dessas mulheres. Um morador, que também trabalhou nas obras do estádio, sugeriu que, para conseguir uma adesão das operárias, fosse preciso realizar um evento festivo. Outro morador informou que também era possível encontrar com essas mulheres no final da tarde dos sábados, nos botequins, onde se encontravam para “divertimento”.

Muitas são as críticas feitas à aplicação do método do Estudo de Caso. A que gera expressiva discussão é a esboçada por Yin (1989, p. 10), quando assevera que o Estudo de Caso “é o irmão mais fraco dos métodos das Ciências Sociais”. Assim, para essa área do conhecimento, o Estudo de Caso é um método preciso, com objetividade, mas com deficiência no seu rigor na investigação. Para Bonoma (1985), por exemplo, esse método é muito mais visto como um “recurso pedagógico” do que como um método de pesquisa.

Em suas reflexões sobre o emprego desse método, Goode e Hatt, (1969, p. 422) consideram que se trata de uma técnica específica. Para os autores, “é um meio de organizar dados sociais preservando o caráter unitário do objeto social estudado”. Entretanto, é preciso enfatizar que todo método investigativo possui suas limitações e fraquezas, e que ele muito mais depende de sua relação com o objeto de pesquisa, do que propriamente da identificação simples e direta do pesquisador. Logo, esse método, associado com outras maneiras de se apreender o foco a ser pesquisado, pode servir a pesquisas diversas, extensivo à investigação social, seja nas disciplinas consideradas como tradicionais, seja naquelas em desenvolvimento.

Desse modo, Yin (1989) afirma que o Estudo de Caso pode ser uma “inquirição empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto da vida real, quando a fronteira entre o fenômeno e o contexto não é claramente evidente e onde múltiplas fontes de evidência são utilizadas.” O olhar do pesquisador sobre a questão do desenvolvimento regional e de seus personagens, por exemplo, pode encontrar nesse método

uma assertiva muito embora como qualquer método também pode se apresentar frágil em algumas pesquisas. Conhecer o objeto é o foco do pesquisador e armar-se de instrumentos capazes de ampliar o conhecimento deve ser respeitado em toda pesquisa.

Na perspectiva de Yin, o estudo de caso é uma investigação empírica, e deve-se aplicar um método que envolve planejamento, técnicas de coleta de dados e finalmente análise dos indicadores.

Na investigação qualitativa concebe-se uma análise mais profunda com relação ao fenômeno que está sendo estudado. “A abordagem qualitativa visa destacar características não observadas por meio de um estudo quantitativo, haja vista a superficialidade deste último” (RAUPP; BEUREN, 2003). Desse modo, para o presente estudo, é uma forma adequada de se conhecer a natureza das mulheres que trabalharam na construção do estádio. Assim, a pesquisa qualitativa possibilita compreendermos com maior nível de profundidade e singularidades esses sujeitos.

As entrevistas, no entanto, não foram suficientes para caracterizar o perfil das operárias. No curso da pesquisa, fui orientada para realizar uma pesquisa minuciosa em jornais e revistas. Dessa maneira, deveria elencar entrevistas publicadas acerca de operárias que atuaram na obra da construção da Arena e que pudessem oferecer pistas sobre o perfil, o trabalho e relações com a temática da pesquisa. Portanto, a ideia era a complementar as análises através de reportagens, preenchendo as possíveis lacunas existentes.

Como fontes de pesquisa complementar, elegemos os jornais *A Tarde*, *Correio da Bahia* e *Tribuna da Bahia*. Recorremos também a entrevistas cedidas por essas operárias aos canais de TVs locais, sempre objetivando alcançar um maior número de informações sobre aquelas personagens que atuaram na construção da Fonte Nova. Assim, embora as respostas não sejam resultados das perguntas formuladas em nossas entrevistas, estas oferecem possibilidades interpretativas, sem desvio de nosso objetivo: analisar as perspectivas referentes à questão de gênero e do trabalho de mulheres na construção civil.

4 MÃOS À OBRA: OPERÁRIAS NA ARENA FONTE NOVA

Neste capítulo apresentamos a análise das entrevistas realizadas com algumas das operárias que trabalharam na obra da construção do estádio de futebol *Arena Fonte Nova*. Propomos, a partir de seus discursos, esboçar o perfil socioeconômico e cultural dessas mulheres e revelar as mudanças ocorridas numa atividade outrora reservada aos homens. Observamos assim transformações e permanências na divisão sexual do trabalho e apontamos os desafios enfrentados por essas operárias diante do novo milênio. Dessa maneira,

contrapomos a literatura recorrente às ideias nascentes com as novas relações estabelecidas no mundo do trabalho.

4.1 A ARENA FONTE NOVA

O estádio de futebol Octávio Mangabeira, mais conhecido pelos baianos como Fonte Nova, foi construído às margens do dique do Tororó, bairro central de Salvador e inaugurado em 28 de janeiro 1951. Com capacidade estimada para 30.000 espectadores, a construção do estádio durou dois anos e meio e empregou mais de dez mil operários.

Em 1971, no governo Luiz Viana Filho, a Fonte Nova passou pela sua maior reforma objetivando a sua ampliação. Em 29 de agosto de 2010, quarenta anos depois, o estádio foi implodido para reconstrução, tendo em vista sediar a Copa do Mundo de Futebol de 2014.

O projeto do novo estádio conservou parte das arquibancadas e incorporou uma área moderna, com pavimentação coberta, edifício garagem e espaço de hospitalidade. O estádio foi rebatizado com a denominação Arena Itaipava Fonte Nova. Foi o terceiro estádio a ser inaugurado, depois da Arena Castelão, em Fortaleza, e do Mineirão, em Belo Horizonte.

As obras de reconstrução da *Arena Fonte Nova* começaram em junho de 2010 e o empreendimento foi resultado da parceria público-privada entre o governo do estado da Bahia e a Fonte Nova Negócios e Participações, concessionária formada pela Odebrecht Participações e Investimentos e a construtora OAS. Na construção do estádio foram gastos 591,7 milhões de reais, financiado pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES).

4.2 MULHERES E HOMENS NO MESMO CANTEIRO DE OBRA

Sob esse aspecto de gêneros distintos, do ponto de vista social, os operários e as operárias conviveram de forma bem aprazível, de modo que as relações individuais passaram a envolver interesses básicos de complementaridade, visando ao maior proveito do trabalho. Assim, são descritas como essas relações deram-se entre o papel que exerceram o masculino e o papel feminino na propriedade de um sob outro, criando um novo fenômeno que apareceu no canteiro de obra do estádio da Fonte Nova, em decorrência dessas novas relações sociais que buscam equilíbrio entre masculino e feminino no mesmo ambiente de trabalho e, assim, rompendo com valores antigos.

O total de trabalhadores empregados na construção da *Arena Fonte Nova* chegou a 2.100 operários, sendo que destes, 132 mulheres ajudaram a erguer o novo estado baiano. Quanto aos dados oficiais de trabalhares, não foi possível ser identificado em sua totalidade, pois o consórcio e também os governos – estadual e federal – não tinham em seus arquivos os registros de total da obra, o que já evidencia uma precarização muito comum na construção civil no Brasil. Portanto, os números aqui apresentados foram colhidos em jornal local de grande circulação na cidade.

A atividade de construção do estádio durou três anos, e em todas as etapas envolveram homens e mulheres em diversas funções – estas atuaram como serventes, carpinteiras, ajudantes de obras, ferramenteiras, soldadoras e pedreiras.

Obras semelhantes às obras em Salvador ocorreram em capitais, como São Paulo, que construiu o estádio do Itaquerao; no Rio de Janeiro com as obras de modernização do Maracanã; em Brasília, com a construção do estádio Nacional Manoel Garrincha e em Recife, com a edificação da Arena Pernambuco. Em todas essas obras, é possível se verificar a presença de mulheres, embora os números oficiais sejam desconhecidos. Segundo o IBGE, 441 mulheres estiveram presentes nos canteiros de nove arenas de futebol, representando 5,0% dos operários dos nove canteiros de obras do país.

Em maio de 2013, a obra do estádio Nacional de Brasília empregou 245 mulheres, o equivalente a mais de 10% do total de operários em atividade. Somente um estudo comparativo permitirá conhecer o real número de mulheres empregadas nas obras da Copa. Assim, nessa pesquisa tratarei especificamente do universo de mulheres que trabalharam na Arena Fonte Nova na Bahia.

A *Arena Itaipava Fonte Nova* ficou pronta para a copa das confederações em julho de 2013, evento que antecede a Copa do Mundo e foi inaugurada oficialmente, em 5 de abril de 2013, às 10 horas da manhã. No evento estiveram presentes a presidente da república, Dilma Rousseff, o ministro do esporte, Aldo Rebelo, o governador do estado da Bahia, Jaques Wagner, o prefeito de Salvador ACM Neto, autoridades e personalidades do futebol, além dos operários que trabalharam na construção do estádio – especialmente da operária Lucimar Freitas, mais conhecida como Flor, a primeira mulher que trabalhou no estádio.

4.3 IMPLICAÇÕES NA INSERÇÃO DAS MULHERES NA ARENA FONTE NOVA

A Copa do Mundo de Futebol de 2014 consistiu em um evento internacional com grande repercussão e vinculação midiática, sendo que, para a sua execução, exigiu-se a adoção de uma política inovadora capaz de projetar novas oportunidades à sociedade. Em nível nacional, o *Portal Brasil*, portal criado para divulgar informações sobre o campeonato, na seção de Economia e Emprego, mostrou que a Secretaria de Emprego e Relações do Trabalho desenvolveu programas dirigidos a jovens e pessoas de diferentes faixas etárias e graus de formação escolar. O intuito desses programas era o de oferecer cursos gratuitos de até três meses de duração em áreas como indústria, comércio, turismo, administração e, especificamente, no segmento da construção civil, o que permitiu a entrada das mulheres nos canteiros de obra.

Para a construção dos estádios de futebol, entre 2010 e 2014, previa-se a inserção de mulheres nas edificações dos estádios, uma ação afirmativa promovida pelo poder público⁵. Em nível regional e também local, a Copa do Mundo fez com que o evento investisse em áreas do Emprego e nas Relações de Trabalho.

O ingresso e a permanência das trabalhadoras num espaço reservadamente conhecido por ser ocupado essencialmente por homens significaram um desafio para o poder público. A fim de garantir a contratação de mão de obra feminina pelas empreiteiras, uma das estratégias empregadas foi a disseminação de reportagens que abordavam a presença das trabalhadoras nas obras, especificamente nas dos estádios de futebol.

A busca da colaboração de setores diversos da sociedade organizada para encontrar as potenciais trabalhadoras, como foi visto para o caso específico da Arena Fonte Nova, se deu inicialmente no contato com consórcio de empresas Odebrecht, que executou os trabalhos; em seguida, com as diferentes esferas sindicais, entre as quais estão o Sindicato da Construção Civil da Bahia e o Sindicato dos Trabalhadores da Construção Pesada e Montagem Industrial do Estado da Bahia. E, por fim, houve o contato com a liderança da Associação Cultural Monte Belo, localizado no Dique do Tororó.

As entrevistas realizadas com as operárias, em Salvador, permitiram traçar um perfil do operariado feminino empregado na construção do estádio, observar as suas atividades e compreender os acontecimentos que as envolviam. Em suas falas vislumbramos, através das

⁵ Segundo informações da coordenadora Fernanda Priscila, da Organização Força Feminina, as mulheres inseridas na construção da Arena Fonte Nova foram captadas por programas de políticas afirmativas, a exemplo do Movimento População de Rua e Profissionais do Sexo da capital baiana.

experiências vividas, a aceitação e superação enfrentadas por algumas dessas mulheres que inauguravam um novo modelo de trabalho. Certamente, abriam campo para a incorporação de outras mulheres em setores produtivos predominantemente masculinos.

Embora a construção dos estádios no Brasil tivesse repercussão internacional, o número de operárias empregadas não é conhecido, conforme já abordamos. O *Portal Copa do Mundo*, criado pela FIFA, para divulgar informações sobre o campeonato, aponta que na Bahia foram empregados cerca de três mil operários, sem distinguir o número de homens e mulheres. Entretanto, quanto às operárias na obra, descobrimos que, muitas vezes, ocorreram substituições, impulsionadas por circunstâncias diversas, como o da falta de qualificação adequada para o trabalho, e também devido à saída dessas mulheres, em virtude de admissões em outros trabalhos, além das implicações advindas da maternidade.

Tais inconsistências são características das políticas públicas, na medida em que as empreiteiras fazem parte de um modelo que atua dentro da lógica expansionista do mercado para os serviços propostos, ou seja, contratando operários, em geral terceirizados, e utilizando estratégias de contratos com pouca estabilidade.

4.3.1 Dialogando com a empreiteira Odebrecht

Neste estudo específico da *Arena Fonte Nova*, recorreremos ao consórcio de empresas que executou os trabalhos para desvendar o número de operárias. A técnica de enfermagem Uilma Carla Cavalcante que, por 3 anos e 4 meses, trabalhou em todas as etapas da obra – desde a implosão do antigo estádio até a construção da nova arena –, afirmou que o número de trabalhadoras foi de aproximadamente 208 mulheres: 48 na administração e 160 diretamente no canteiro de obras. A enfermeira, todavia, lembra-nos que esse número não esteve presente durante todo o tempo no canteiro, e sim em fases distintas da obra⁶.

Embora se tratasse de uma obra com grande repercussão na capital baiana, ao serem questionados sobre o perfil dessas trabalhadoras, Uilma Carla Cavalcante e Mauro Fernandes, administrador do setor de recursos humanos do consórcio, disseram não possuir essa informação.⁷

Objetivando checar essas informações com as de outras fontes para tentar elucidar essa questão, buscamos o Sindicato da Construção Civil da Bahia; entretanto, nessa instância

⁶ Apenas a soldadora Jasmim participou de todas as fases da construção.

⁷ Segundo os entrevistados, toda a documentação que, possivelmente, poderia ajudar na caracterização dessas trabalhadoras e, portanto, de análise na pesquisa, foi transferida para o arquivo central da empresa, em São Paulo.

também não obtivemos dados concretos que auxiliassem uma análise quantitativa sobre as operárias empregadas no estádio. Essa situação corrobora a tese de Druck (2011), quando a autora associa a falta de informação sobre determinadas categorias de trabalhadores e a recorrente precarização da gestão, e mesmo dos sindicatos, evidenciando a ausência de uma memória para determinadas classes de trabalhadores no capitalismo (DRUCK, 2011, p. 48).

Vale ressaltar que os dados apresentados pela Ouvidoria Geral do Estado da Bahia revelaram um número mais preciso, ao afirmar que 2.100 operários, entre homens e mulheres, trabalharam na construção da Arena, sendo que as mulheres representaram cerca de 10% dos contratados.⁸

O número total de trabalhadores ocupados na construção civil na Bahia, entre os anos 2011 e 2013, foi de 98.885 trabalhadores, divididos em 93.150 operários e 5.735 operárias, assim perfazendo 5,8% o percentual de mulheres na construção civil na Bahia. Podemos afirmar que a construção da *Arena Fonte Nova* foi a obra da construção civil que contou com o maior quadro de mulheres já empregadas em uma obra realizada na Bahia (RAIS; MTE 2011-2013). A hipótese mais provável para esse índice elevado é que no cenário baiano viveu-se o chamado *boom* da construção civil, o que gerou a necessidade de maior contratação, viabilizando a entrada de profissionais com perfis diversificados para o segmento, conforme demonstram as tabelas seguintes, relativas aos anos de 2009 e 2013:

⁸ Tomamos como referência esse contingente e a informação apresentada pelo consórcio responsável pela construção, para deduzirmos que 9,9% dos trabalhadores na Arena, em alguns momentos, foram mulheres, totalizando 208 profissionais. No entanto, se considerarmos o efetivo exclusivamente no canteiro de obras, isto é, na produção, esse percentual cai para 7,4%, equivalente a 160 mulheres.

Tabela 3 - Total de trabalhadores da Construção Pesada por função, gênero e proporção de mulheres do total de vagas, Bahia – 2009

Função	Masculino	Feminino	Total	Proporção de Mulheres / Vaga
Técnicos de nível médio	3.061	710	3.771	19%
Trabalhadores dos serviços, vendedores do comércio em lojas e mercados	1.507	415	1.922	22%
Trabalhadores agropecuários, florestais e da pesca	154	03	157	2%
Trabalhadores da produção de bens e serviços industriais	29.454	331	29.785	1%
Trabalhadores da produção de bens e serviços industriais	641	24	665	4%
Trabalhadores em serviços de reparação e manutenção	1.647	148	1.795	8%
Total	36.464	1.631	38.095	4%

Fonte: Elaboração própria. Adaptado do RAIS/MTE (2013).

Tabela 4 - Total de trabalhadores da Construção Pesada por função, gênero e proporção de mulheres do total de vagas, Bahia – 2013

Função	Masculino	Feminino	Total	Proporção de Mulheres / Vaga
Técnicos de nível médio	3.474	635	4.109	15%
Trabalhadores dos serviços, vendedores do comércio em lojas e mercados	2.523	607	3.130	19%
Trabalhadores agropecuários, florestais e da pesca	206	0	206	0%
Trabalhadores da produção de bens e serviços industriais	38.742	799	39.541	2%
Trabalhadores da produção de bens e serviços industriais	826	39	865	5%
Trabalhadores em serviços de reparação e manutenção	2.086	34	2.120	2%
Total	47.854	2.114	49.971	4%

Fonte: Elaboração própria. Adaptado do RAIS/MTE (2013).

O que se pode inferir é que houve uma demanda relevante por trabalhadores de todos os perfis, considerando um avanço para a população feminina, havendo uma equiparação com o número de homens e tendo como desdobramento a elevação de vagas de trabalho na Bahia.

4.4 OPERÁRIAS DA FONTE NOVA: QUEM SÃO ELAS?

Para melhor conhecermos as operárias entrevistadas, elaboramos um quadro ilustrativo (Quadro 2), atribuindo características percebidas durante nossas conversas e durante as visitas no bairro do Dique do Tororó, sendo utilizado, para tanto, um breve roteiro semiestruturado com perguntas abertas. Ressalta-se que, em alguns momentos, houve atitudes de resistência para a aproximação por parte das operárias, além da falta de disponibilidade das entrevistadas.

Quando questionadas sobre o seu cotidiano – como conciliam o trabalho com a vida doméstica? Gostam de futebol? Qual a diversão preferida no dia de folga? –, buscamos criar com as participantes alguma familiaridade, mantendo evidentemente o respeito às diferenças e compreendendo cada comportamento particular que estava vinculado à experiência de vida, o que nos interessava enquanto perfil psicológico. Todavia, a construção desse perfil nos permitiu criar uma legitimidade com as trabalhadoras, sem perder de vista o nosso objeto de estudo. Tal propósito corrobora o pensamento da pesquisadora Débora Nunes, no entendimento de que toda pesquisa pressupõe uma imersão e que esta deve ser pautada no rompimento de relações hierárquicas.

Para Nunes (2006), tais rompimentos devem acontecer em um contexto significativo, no qual se reconhece que as pessoas são acostumadas culturalmente aos mecanismos de hierarquia.

[...] É preciso minimizar, na medida do possível, a distância social e evitar que o primeiro olhar dos habitantes, seja um olhar para alguém considerado superior do ponto de vista material.

Dessa forma, diferenciamos-nos, à primeira vista, dos “metidos”. Essa atitude não é artificial, já que o nosso interesse em agir deve-se a um efetivo interesse no sucesso da experiência: é necessário conhecermos as pessoas e sermos aceitos entre elas. (NUNES, 2006, p. 116).

Para melhor identificarmos cada informante com relação às características marcantes da sua personalidade, o Quadro 2 evidencia uma visão coletiva, mas também as somas individuais, do modo a comportar adjetivos da vida das entrevistadas. Tudo ficou exposto mediante constatação da forma simples de observação, através dos vários encontros que

realizamos, revelando o comportamento individual em razão de fazerem um trabalho que nunca tinha experimentado antes.

Outra questão fundamental é que as operárias entrevistadas, na maioria, por extensão possuem o estado civil de solteira – dentre as quinze operárias, sete delas são separadas e uma é viúva. E quanto ao número de filhos, aparece apenas uma das operárias que não tem filhos, porém, todas as outras possuem famílias compostas e em média de dois até seis filhos.

Quadro 2 - Características marcantes das personalidades das operárias entrevistadas que trabalharam nas obras da Arena Fonte Nova

No.	Nome	Função	Característica Marcante	Lazer	Idade	Filhos	Estado Civil
1	Rosa	Mestre de Obras	Posicionamento político	Ficar com a família/ frequenta a Igreja evangélica	59	01	Sep.
2	Jasmim	Soldadora	Esclarecida, agradável	Viajar	39	—	Solt.
3	Angélica	Ferramenteira	Viúva- adaptando a vida.	Evangélica, e ficar com os filhos	56	03	Viúva
4	Gardênia	Armadora	Prestativa	Ir à praia com a família	44	04	Sep.
5	Girassol	Ajudante de carpintaria	Bastante extrovertida “Carreira solo”	Beber cerveja com amigos	52	06	Sep.
6	Margarida	Ajudante de canteiro	Bastante comunicativa	Viajar para visitar a família	43	03	Sep.
7	Íris	Ajudante de canteiro	Bem tímida	Passear com a filha	24	01	Solt.
8	Tulipa	Ajudante de canteiro	Bem receptiva e colaboradora	Ficar em casa	30	04	Solt.
9.	Acácia	Ajudante de canteiro	Atenciosa com a mãe, por motivo de saúde.	Visitar a família no domingo	41	03	Solt.
10	Dália	Ajudante de Pedreiro	Bastante emotiva	Ir ao barzinho com amigos	44	04	Sep.
11	Magnólia	Ajudante de Pedreiro	Alegre e “despachada”	Gosta de futebol, time do coração Bahia	37	03	Solt.
12	Violeta	Ajudante de Pedreiro	Agitada e ao mesmo tempo ansiosa	Insegurança nas respostas	41	02	Solt.
13	Petúnia	Ajudante de Pedreiro	Bem introspectiva	Evangélica “o trabalho foi uma benção.”	39		Solt.
14	Mimosa	Ajudante de Pedreiro	Bastante ensinada	Ir à Igreja evangélica	44	02	Sep.
15	Camélia	Ajudante de Pedreiro	Remete sempre ao filho doente. Retraída	Ficar com a família Ir passear no Dique	42	02	Sep.

Fonte: Dados da Pesquisa (2014 - 2015).

Em nossa análise surgem aspectos importantes que foram percebidos. Entre eles, existe preocupação constante das pessoas do bairro, no sentido de manterem a sobrevivência

material, especificamente das operárias entrevistadas, as quais se ocupam em garantir a alimentação diária, por apresentarem, no seu cotidiano, condições precárias de vida.

Outro elemento exterior observado se refere às relações de afinidade que se estabelecem com as vizinhas. Isso porque quando nos dirigíamos até o local de moradia das operárias os vizinhos espontaneamente já mencionavam se estavam em casa naquele momento e até falavam da rotina da entrevistada.

As entrevistas ocorreram nas residências das operárias, instalações da Associação Monte Belo e, em situações peculiares, num espaço público, no Engenho Velho de Brotas, em virtude do grau de periculosidade no acesso à residência de uma das entrevistadas.

Nas ruas do bairro do Dique do Tororó, em particular na comunidade do Dique Pequeno, observamos a ociosidade dos jovens e idosos, posicionados nas esquinas da rua, e havia também encontros comuns das pessoas, inclusive das operárias que trabalharam na Arena Fonte Nova, que costumavam se reunir em bares para “tomar uma”, depois do serviço na Arena. Ainda notamos que outros encontros acontecem em rápidas passagens das trabalhadoras em lanchonete e pelos ambulantes na vinda para casa, no intuito de “jogar conversa fora”.

A partir disso, notamos valores significativos dessa comunidade, que tendem em desenvolver ações em prol de relações de melhoria das casas onde habitam, como também nas atividades de lazer. Quando saem no bairro no final de semana, vão visitar parentes, realizam com frequência passeios em praias distantes do perímetro urbano da cidade, além de frequentarem igrejas, especialmente as de denominações evangélicas.

Sinais que também foram perceptíveis nas relações com as mulheres operárias que atuaram na construção do estádio da Fonte Nova referem-se à dupla jornada que assumem. Dentre elas, onze das entrevistadas nitidamente respondem pelas tarefas domésticas que são evidenciadas sob a ótica da premência da divisão sexual do trabalho nos modelos tradicionais, utilizando ainda a dominação das *relações de gênero patriarcais*, conforme demonstram algumas falas significativas a seguir:

“Foi barra, no início não conseguia fazer nada em casa, ficou tudo acumulado, depois é que eu fui me acostumando”. (**Violeta**).

“Eu fiz “carreira solo sempre” fazia as coisas quando chegava à noite em casa”. (**Girassol**).

“Fiquei cansada. Assim que eu colocava os pés em casa tinha que deixar o “rango” pronto, lavar roupas e arrumar a casa. Não tive mais um fim de

semana, tinha que deixar tudo pronto, principalmente por causa de minha mãe que é doente”. (**Acácia**).

Porém, três entrevistadas, quando perguntadas, relatam que conseguem desvincular-se desse papel social, e que apesar disso acaba gerando uma sobrecarga domesticidade para seus familiares, segundo depoimentos das informantes:

“Eu não fazia trabalhos domésticos, só tinha que arrumar minhas coisas e de minha filha, porque minha mãe me ajudava”. (**Íris**).

Por sinal, Gardênia (a mãe de Íris), também entrevistada, trabalhava no canteiro de obras da Arena e acabava acumulando tarefas domésticas em dobro, como afirma:

“Eu tenho que preparar tudo, o almoço, as roupas dela e minhas”. (**Gardênia**).

Dentre as entrevistadas, duas delas disseram se desvincular do trabalho doméstico.

“Apesar de meu filho... no tempo que trabalhei era de menor... tinha doze anos, ele que fazia com os irmãos tudo dentro de casa”. (**Margarida**).

“Minha mãe é que organizava a casa e cuidava de meus filhos, porque eu trabalhava de domingo a domingo”. (**Tulipa**).

Das operárias entrevistadas, apenas Jasmim afirmou não estava presa às atividades doméstica, o que lhe oportunizou crescimento no âmbito profissional.

“Eu era elogiada e valorizada, porque eu tinha disponibilidade para trabalhar em diversos horários para empresa, durante a noite e do dia. Tal horário eu podia, tal horário sempre podia trabalhar. Minhas colegas não tinham tempo como eu, elas tinham que cuidar dos filhos, do marido, eu apenas cuidava dos afazeres no meu tempo. Tanto que saí no “lixo” no final de toda obra”. (**Jasmim**).

Na análise das falas permitiu-se verificar-se que, mesmo com as profundas transformações que ocorreram nas últimas décadas, advindas do cunho político, econômico e no âmbito familiar, a reestruturação no mercado de trabalho ainda é conservadora de uma prática patriarcal. Isso foi evidenciado nas entrevistas das mulheres com perfil supracitado, com relação à “domesticidade”, isto é, oposição de posturas e definições entre o masculino e o feminino, cujos papéis revelam construções sociais historicamente específicas.

Segundo Sardenberg (2004), as relações de ‘gênero’ ocorrem nessa perspectiva de relação de poder, relações sociais igualmente determinadas por forças econômicas, sociais, políticas e culturais as quais podem variar no tempo e no espaço. Como bem aponta a autora:

[...] Baseando na noção de que o sexo feminino é o ‘sexo frágil’, que necessita de proteção, a moral familiar burguesa tem sustentado os princípios básicos do modelo de família patriarcal, propondo que o homem /marido/pai/caiba o papel de chefe da família. [...] Cabe à mulher /esposa/mãe a função de ‘nutriz’. (SARDENBERG, 2004, p. 30).

Vale ressaltar ainda esses argumentos de Sardenberg, quando aponta a existência de padrões da divisão sexual do trabalho e posições desiguais ocupadas pelas mulheres em relação aos homens na esfera familiar, e que ao longo do tempo não foram de todo modificadas.

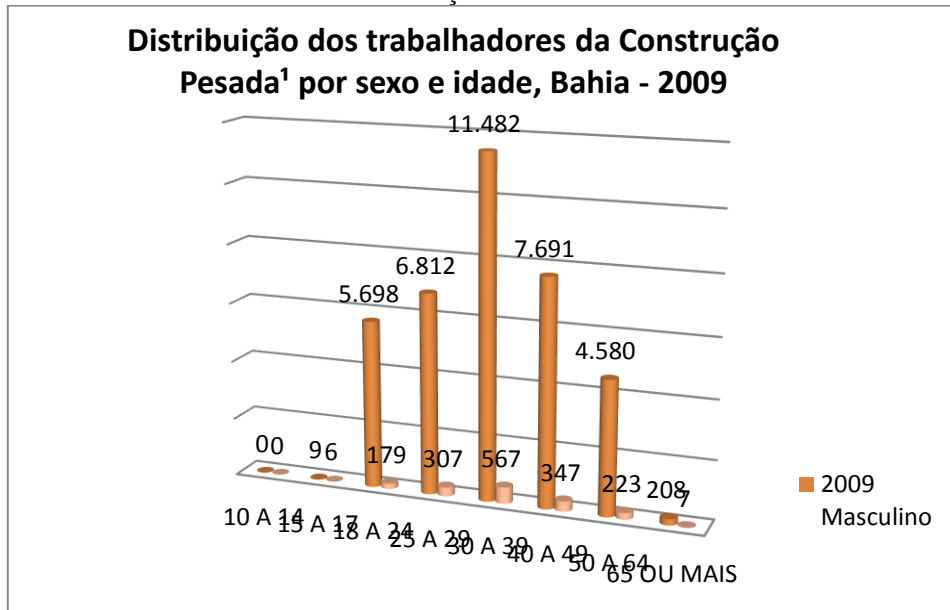
Esse fenômeno dá-se exatamente com operárias da construção civil que, embora façam parte de um processo de expansão produtiva – em especial as deste estudo que trabalharam na construção do estádio de futebol da Fonte Nova –, mantêm-se atreladas às reproduções sociais e culturais atribuídos as mulheres, numa visão conservadora. Nesse sentido, Sardenberg (2004) complementa:

[...] Sabe-se que, tradicionalmente, por forças das ideologias de gênero que definem a mulher prioritariamente em termos do seu papel na reprodução da espécie, são destinadas a elas as atividades ditas “reprodutivas”, sobretudo as tarefas domésticas do cuidado com a casa e com os demais membros da família; assim, a mulher é socializada para atuar no espaço doméstico. (SARDENBERG, 2004, p. 31).

4.4.1 Perfil Socioeconômico

Na presente pesquisa, o universo de operárias entrevistadas limitou-se ao número de quinze que possuem, entre 24 e 59 anos e média de 40 anos. Nove delas possuem entre 40 e 60 anos, quatro entre 30 e 40 anos e uma entre 20 e 30 anos. Em média, as operárias atuam há menos de cinco anos no setor da construção civil, o que demonstra que essas operárias começaram a exercer a atividade quando possuíam mais de 30 anos.

Gráfico 1 - Trabalhadores da Construção Pesada – Sexo e Idade – Ano de 2009



Fonte: RAIS/MTE (2009 a 2013).

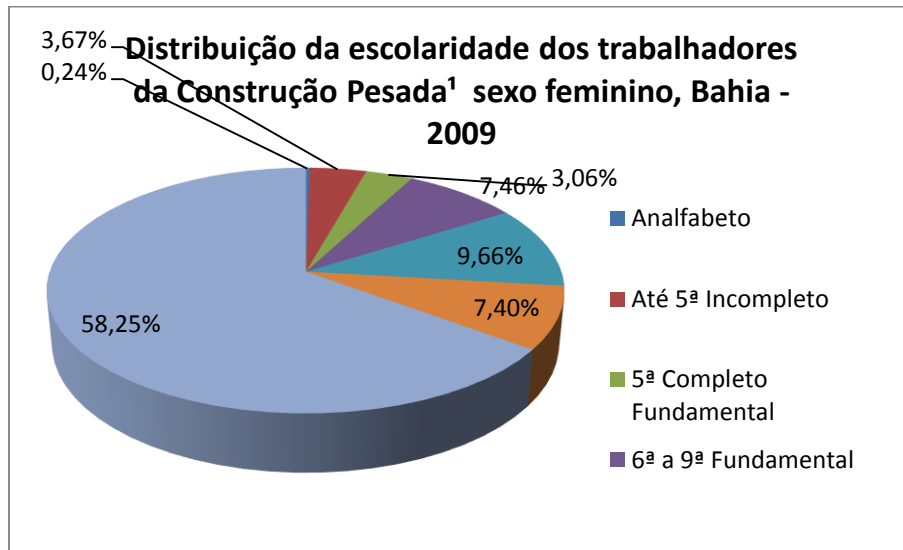
Na análise do gráfico apresentado, podemos demarcar que as informantes se enquadram nessa perspectiva etária, em consonância com os indicadores do Ministério do Trabalho e Emprego.

Outra temática referia-se à escolaridade das operárias que trabalharam nas obras do estádio. A construção civil, de modo geral, apresenta uma baixa escolaridade de seus operários⁹. No caso das mulheres, das quinze entrevistadas, três possuíam o segundo grau completo, perfazendo 20% das empregadas. Uma delas, Rosa, inclusive cursava Serviço Social, em uma faculdade privada de Salvador. Outra operária expôs ter primeiro grau. No entanto, as onze restantes afirmaram ter Ensino Fundamental incompleto, ou seja, 73,33% das entrevistadas. Esse número reflete a baixa escolaridade das operárias e esse quadro é semelhante o perfil do operariado da construção civil, na Bahia e no Brasil.

Observemos os indicadores quanto ao nível de escolaridade das mulheres, conforme os gráficos seguintes, respectivamente aos anos de 2009 e 2013.

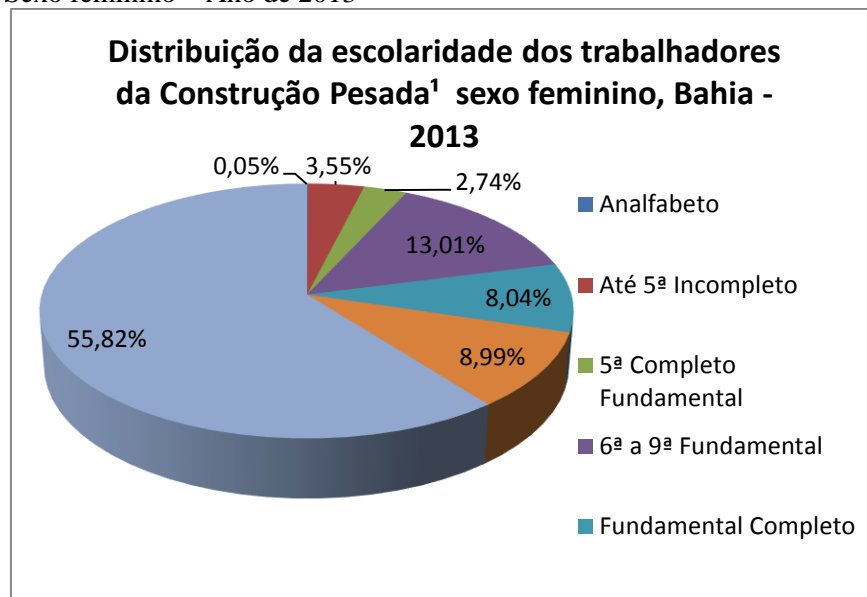
⁹ Nas conversas com as informantes, ficou evidente que a escolaridade não foi uma exigência no processo de seleção das trabalhadoras.

Gráfico 2 - Escolaridade dos Trabalhadores da Construção Pesada – Sexo feminino – Ano de 2009



Fonte: RAIS/MTE (2009 a 2013).

Gráfico 3 - Escolaridade dos Trabalhadores da Construção Pesada – Sexo feminino – Ano de 2013



Fonte: RAIS/MTE (2009 a 2013).

Conforme tivemos oportunidade de perceber no universo das mulheres entrevistadas, elas não se encaixaram nos dados revelados entre os anos 2011 e 2013, principalmente por terem a escolarização abaixo do esperado e sem perspectiva de projeção, isto é, não demonstravam o desejo de avançar nos estudos, conforme relatado nas entrevistas:

Tulipa, 30 anos, ajudante de armadora, quando inquirida sobre a escolaridade respondeu, ter apenas o 7º ano. “Parei de estudar cedo, pois tinha que ajudar em casa”

(Entrevista cedida em 20/09/2014). Caso semelhante foi narrado por Margarida, 43 anos, ajudante de canteiro, que disse ter estudando até o 6º ano do Ensino Fundamental.

Quando indagadas sobre a importância e o valor da escolaridade, foram quase unânimes em responder que achavam importante no mundo atual, embora algumas dissessem “não ter vontade de retornar os estudos, pois o trabalho era pesado. Não tenho ‘cabeça’, já estou em idade avançada para retornar à escola, mas desejo que meus filhos tenham mais sorte” (Entrevista cedida em 10/06/2015).

A justificativa sempre está associada ao cansaço produzido pelo trabalho pesado. A ajudante de canteiro, Dália, 44 anos, rematou: “Com o trabalho não consigo, fico com meu corpo quebrado, só pede cama.” (Entrevista cedida em 08/06/2015). Na imprensa e na sociedade, de modo geral, a mulher quase sempre aparece associada à habilidade manual intrínseca à condição feminina, principalmente ao desempenho de trabalhos nos quais se exige desenvoltura e cuidado com atividades como de acabamento e rejunte. No entanto, as entrevistadas, no caso da Arena Fonte Nova, foram empregadas no trabalho pesado e, muitas vezes, semelhante ao realizado por homens. No canteiro de obra era possível ver mulheres desempenhando atividades além das tradicionais, como o serviço de limpeza, ramo em que são mais empregadas, consequência da divisão do trabalho estabelecida na sociedade.

Tulipa manifestou o interesse em se formar em Psicologia. E Rosa, o de querer terminar o curso de Serviço Social “para ajudar as pessoas”. Embora ambas reconheçam nos estudos uma forma de melhorar suas condições de vida, Tulipa ambas demonstram interesse em permanecer na construção civil.

4.4.2 Perfil Profissional

Embora as entrevistas fossem somente com mulheres, observamos que muitos homens antes de chegarem à construção civil também trabalharam em diferentes ramos da economia informal. O estudo dos professores Cristóvão César Cordeiro e Maria Isabel Machado (2002), que retratam uma análise circunstancial da mão de obra da construção civil, em Feira de Santana, na Bahia, confirma essa semelhança: a de que homens antes de ingressarem na construção civil eram camelôs, frentistas, artesão, segurança, entre outras profissões.

A diferença, entretanto, entre homens e mulheres, reside no fato de que os primeiros, depois de trabalharem na construção civil ao aprender um ofício, ligado a esse setor, foram aproveitados no mercado. No caso das mulheres, por exercerem essa atividade dentro da

chamada empreitada, ou seja, durante o tempo de duração da obra, viram-se obrigadas a retomar atividades informais anteriormente desempenhadas.

Rosa, 59 anos, natural de Valença na Bahia, foi a única operária entrevistada que disse trabalhar desde cedo na construção civil, começando aos 16 anos. Quando perguntada sobre o interesse na construção civil, Rosa fez o seguinte relato:

Quando foi morar em Nazaré das Farinhas, na casa da amiga de sua mãe. Viu uma obra imensa com muitos homens trabalhando e ficou na frente olhando e achando tudo lindo. (ROSA, 59 ANOS - Entrevista cedida em 26/09/2014).

Para Rosa, o trabalho na construção civil era um sonho realizado. As demais entrevistadas afirmaram ser a primeira experiência com esse setor, cujo ingresso na atividade foi impulsionado pela busca por melhor remuneração paga pelo setor, pois desempenhavam ocupações no mercado informal, e pela garantia do vínculo empregatício.

Margarida, 43 anos, também disse ter experiência com a construção civil antes da chegada à *Arena Fonte Nova*: “Trabalhei na parte de rejunte, em duas clínicas médicas, uma na Pituba e outra no Rio Vermelho (bairros de Salvador), e em serviços pequenos de casa. Depois fui para a Fonte Nova”.

As experiências anteriores de trabalho das operárias igualmente foram discutidas ao longo das entrevistas, visando observar quais atividades elas desempenhavam e como se viam diante de uma nova ocupação. As informações colhidas permitem concluir que a maior parte trabalhava no mercado informal, atuando principalmente como domésticas, babás e vendedoras ambulantes.

A ajudante de armadora, Tulipa, 30 anos, disse que seu “primeiro emprego foi de doméstica, mas sem carteira. Eu tinha 16 anos”. (Entrevista cedida 20/09/2014). A ajudante de pedreiro Magnólia, 37 anos, era babá, “e olhava o filho da senhora da mercearia, que minha mãe comprava lá” (Entrevista cedida em 12/06/2015). Girassol antes de trabalhar na construção civil foi cozinheira industrial e, por 18 anos, foi autônoma em diversas áreas. Somente a ajudante de canteiro, Íris, 24 anos, mãe de uma filha, disse ter sido a construção civil o seu primeiro emprego. (Entrevista cedida em 24/09/2014). Concluímos não somente uma mudança constante nas atividades exercidas por essas mulheres, mas também uma notória precariedade no trabalho anteriormente desempenhado, sempre associado ao mercado informal.

4.4.3 Ingresso das Mulheres no Canteiro de Obras

As mulheres chegaram a *Arena Fonte Nova* de diferentes maneiras. Muitas disseram ter conhecimento sobre a seleção para o trabalho na Arena através da *Associação Cultural Monte Belo*. Referiam-se a uma Associação, localizada no Dique do Tororó, que conjuntamente com o consórcio, cadastrou mulheres do bairro para trabalhar nas obras.

Angélica, 56 anos, ferramenteira, soube da existência do cadastro através do *Bolsa Família*, programa do governo federal. Compareceu documentada à administração da Arena e participou da seleção. Expôs ter passado por exame médico e feito uma entrevista com a psicóloga da empresa. Por último, disse que participou do curso de formação oferecido pelo consórcio e pela associação. A soldadora, Jasmim Gomes, 39 anos, disse que foi “com carta marcada. O engenheiro que me convidou já conhecia e sabia que eu era soldadora”. (Entrevista cedida em 12/06/2015). Rosa, 59 anos, mestre de obras, disse também ter recebido semelhante convite. “Fiquei lisonjeada. Fui chamada por telefone pelo gerente da empresa concessionária que sabia de meu trabalho.” (Entrevista cedida em 25/09/2014). Essas duas operárias, por terem experiência na construção civil, não participaram do curso de formação.

A ajudante de pedreiro, Dália, 44 anos, torcedora do Bahia, disse que foi até fácil, apresentou para a seleção a “carteira de identidade, cartão do *Bolsa Família*, comprovante de residência na administração da Arena e só”. E acrescentou: “Eu tava passando fome”. (Entrevista cedida em 25/09/2014).

Com essas informações concluímos que a eleição das mulheres, no geral, não obedeceu ao processo tradicional de uma seleção, e sim em decorrência da política pública que determinava a incorporação de mulheres entre os operários da obra da *Arena Fonte Nova*. Essa foi uma decisão governamental, em conjunto com sindicato, confederação mundial de futebol e empresas.

4.4.4 Capacitação das Operárias

Antes de receber as operárias no canteiro de obras para efetivamente trabalharem, foi preciso que o consórcio oferecesse curso de capacitação às trabalhadoras. Esse curso ocorreu na Escola Estadual Victor Servitá, no Dique do Tororó, e teve duração de nove meses. Nele, as mulheres receberam noções gerais de matemática e aulas práticas para o trabalho com paredes, pisos, alvenaria e pintura. As instruções foram oferecidas por profissionais, receberam certificados e a reforma da escola da comunidade serviu como laboratório.

Entretanto, quando indagadas sobre o curso de capacitação oferecido, as mulheres demonstraram descontentamento, conforme o relato seguinte:

O curso devia ser remunerado, pegamos no pesado, colocamos todo o piso na escola, capinamos, reformamos a escola toda e não ganhamos nada. Tinha gente que não tinha feito o curso e tinha sido chamado para trabalhar na Arena (Girassol, 52 ANOS - Entrevista cedida em 10/06/2014).

A ajudante de pedreiro Dália, 44 anos, também criticou: “Tivemos que nos organizar para fazer denúncia no Bocão”, o que, segundo ela, não foi concretizado. Referia-se a operária a um programa de TV popularmente conhecido na Bahia pelas denúncias sobre o fato de que não receberam remuneração para realizar o curso. (Entrevista cedida em 09/06/2015).

4.4.5 Mulheres erguendo a Arena Fonte Nova sob o olhar da Mídia

No universo das mulheres que trabalharam no estádio da Fonte Nova, a que teve maior visibilidade pelos veículos de comunicação era a chamada “Flor”, cujo nome original é Lucimar Freitas, 39 anos, soldadora, que não foi entrevistada para este trabalho, porém foi objeto de várias matérias jornalísticas nas redes local e nacional, como será visto a seguir.

O Globo Esporte, transmitido pela TV Globo, deu notoriedade à presença de operárias nas obras do estádio para a Copa do Mundo de 2014. Em suas matérias, de forma didática, o programa fez referência positiva à atuação feminina em um espaço duplamente essencialmente masculino, por conjugar futebol e canteiro de obras. Assim noticiou o jornal esportivo:

Sempre com um sorriso no rosto sem perder a essência feminina, as mulheres da Fonte Nova ‘invadem’ um espaço majoritariamente masculino e fazem valer a luta das russas que em 1917 chamaram atenção do mundo por melhores condições de trabalho e vida para o sexo feminino. (Disponível em: globo.com, g1, 08.03.2012).

O jornal realçou a inserção da mulher no mundo do trabalho predominantemente masculino, destacando a fragilidade e a delicadeza feminina como característica transformadora da sociedade. O destaque à fragilidade da mulher é um aspecto presente também na imprensa escrita.

Lucimar Freitas, natural de Mata de São João, tornou-se símbolo dessa propaganda. No canteiro de obras era chamada de “Flor”, apelido alusivo ao fato de ter nascido na primavera.

Trata-se de um aspecto que a destacava e diferenciava do mundo masculino. “Flor sempre se apresenta no trabalho de unhas pintadas, batom e cabelos bem cuidados”.

Em sua entrevista Flor admite ser vaidosa. Considera o carinho dos colegas como algo que a deixa muito feliz. “Todo dia eu ganho um apelido novo. É a Flor da Arena, Flor da Bahia, Flor de Maracujá, Dona Flor”. Lucimar foi a primeira mulher a trabalhar na obra do estádio, embora dez anos antes já tivesse trabalhado na construção civil. Quando perguntada sobre a relação com os colegas de trabalho, afirmou:

O respeito é algo que pode ser conquistado em pouco tempo, mas facilitado com a ajuda de alguns ingredientes. Com humildade e qualidade no trabalho você ganha respeito. (Disponível em: globo.com, g1, 08.03.2012).

A operária relata que sempre foi bem tratada em todas as obras que trabalhou. E concluiu: “Me sinto orgulhosa, o preconceito aqui não existe. Onde você dá o respeito, você ganha respeito”. Essa afirmação de Lucimar é interessante, porque o respeito, direito do trabalhador, é entendido como necessário de ser conquistado pelas mulheres.

Na entrevista veiculada, também observamos que não é a diferença na divisão sexual do trabalho o que importa, segundo Flor:

O que eu gosto é do trabalho pesado. Eu digo a eles, que sou mulher, mas aqui dentro quero ser tratada como homem. Desafio é comigo mesmo. Quero que me tratem da mesma forma que tratam os outros. (Disponível em: globo.com, g1, 08.03.2012).

Flor, a primeira mulher a trabalhar na Arena, se apresenta como responsável pela ajuda às operárias que chegavam para a obra do estádio. “Eu converso muito com as colegas. Incentivo, pergunto como está o trabalho. Digo que caso sofram algum preconceito que tenham força para encarar a situação e continuar” (Disponível em: globo.com, g1, 08.03.2012).

Além de Lucimar, a trabalhadora Sirlene Santana, 46 anos, natural da cidade de Tucano, tornou-se conhecida, ao ser apelidada de Pereirão, referência a uma personagem de novela exibida na televisão, e explica a razão do apelido:

É porque sou pau para toda obra. Faço o meio campo entre o colaborador e o RH. De vez em quando tem algum problema no contracheque, então eu pego e vou tentar resolver ou explicar. Não é todo apontador que faz isso, mas minha

equipe me dá essa liberdade. Isso evita tumultos ou qualquer problema que o colaborador tenha. Se precisar abonar alguma falta, qualquer coisa neste sentido. Eu sou muito comunicativa, então sempre tento resolver os problemas que aparecem. (Disponível em: globo.com, g1, 08.03.2012).

A demonstração de liderança da depoente que faz “o meio de campo” entre as mulheres e os seus superiores não revela uma atuação política organizada. Isso porque as operárias que aparecem nas entrevistas revelam tem uma participação individual, por serem mais próximas da parte administrativa da empresa, e assim passam a ser utilizadas para acalmar qualquer tipo de conflito que, porventura, venha acontecer entre a empresa e as trabalhadoras. As informantes, por sua vez, relatam que não se sentiam representadas pelas colegas, afirmando que, como elas ficam o tempo em destaque para mídia, acabam levando um título de liderança que, na verdade não exercem diante das suas colegas na área de produção.

A trajetória histórica dessas mulheres em atividades informais e precarizadas, além da própria concepção de sindicato atualmente em crise, fez com que elas buscassem estabelecer redes de solidariedades, procurando sempre interceder de forma pacífica com os chefes e suas companheiras que, pela primeira vez, trabalhavam no setor.

Vale registrar que a percepção das entrevistadas em relação à famosa “Flor” é interessante e pode nos fazer compreender melhor o ambiente de trabalho com a presença feminina. Várias entrevistadas questionam a atuação profissional de Lucimar no canteiro de obra, dizendo que ela, na verdade, “nunca pegou no pesado”, “gosta de aparecer”, e chegaram a insinuar que ela teria relações afetivas que lhe dariam destaque. Pode-se questionar se essas falas são invejosas e com intuito de rebaixar a imagem da colega famosa. Outra hipótese seria que “Flor” efetivamente criou uma personagem para si mesma, a fim de agradar a mídia e ser continuamente requisitada para entrevistas.

4.4.6 Reivindicando Direitos: Uma frágil participação política

No dia 15 de abril de 2012, os 2.100 trabalhadores da construção da *Arena Fonte Nova*, em Salvador, deflagraram com os demais trabalhadores da construção na Bahia, uma greve da categoria, por tempo indeterminado. A decisão favorável a greve foi tomada em assembleia realizada na Arena. Os trabalhadores exigiam 20% de reajuste salarial, assistência médica para os empregados e dependentes legais e o aumento pago nas horas extras de 80%

de segunda a sexta, 100% aos sábados e 120% aos domingos e feriados. Foram dias de tensão, pois a greve comprometia o trabalho já atrasado para a copa. Na ocasião o patronato ofereceu 10%, de acréscimo, além de aumento no valor da cesta básica, passando de R\$ 130,00 para R\$ 160,00.

A greve foi abordada nas entrevistas com as operárias, para tentar evidenciar particularidades femininas nesse contexto de luta. O questionamento da paralisação na *Arena Fonte Nova* tinha objetivo de identificar o grau de participação e de politização sindical das mulheres. A ajudante de canteiro, Girassol, 52 anos, muito comunicativa, sem demonstrar interesse disse que: “Não participei, fiquei em casa nos dias da greve”. Magnólia, 37 anos, ajudante de pedreiro, mais calada, narrou: “Eu soube que teve, mas não fui para o meio da greve.” Gardênia, 47 anos, ajudante de pedreira, descontraída, ao responder à pergunta, discorreu: “Não participei, fiquei sabendo pelas minhas colegas que moram perto de minha casa”. Violeta Jesus, 41 anos, também ajudante de pedreiro, de fala calma, afirmou: “Não participei, tenho medo de briga, acaba sobrando para quem não está fazendo parte dela”.

Margarida, 43 anos, ajudante de canteiro, chama-nos atenção ao relatar que na verdade ocorreram três paralisações durante as obras do estádio. “A imprensa só deu atenção a uma delas”, concluiu. Como as demais, Margarida disse: “não participei, nem consegui entrar no trabalho e voltei para casa”. Essa também foi a atitude da ferramenteira, Angélica, 56 anos: “não pude entrar no trabalho, o pessoal que organizava a greve falava que quem entrasse apanhava de pau. Eu fiquei na frente da Fonte Nova e coloquei minha farda na bolsa para ninguém saber que eu trabalhava lá”.

Diferente destas últimas, Dália e Jasmim contaram como foi sua participação no movimento grevista. A primeira, uma mulher aparentemente meiga, disse: “Eu participei da greve na frente da Fonte Nova. Fiquei no grupo da concentração sindical”. A segunda, aparentemente a operária mais instruída entre as entrevistadas, revelou: “Participei apenas de forma pacífica, fiquei acompanhado as informações pela TV, fiquei em casa, eu não costumo participar das atividades na rua”. As seis operárias do grupo não demonstraram interesse em falar sob a paralisação.

A falta de experiência e participação sindical é notória. As entrevistadas revelaram medo da possibilidade de demissão e considerava perigosa a participação no movimento que ameaçava a perda do emprego. “Como vou participar de uma greve se esse era o meu primeiro emprego?”, indagou Angélica.

A não participação no movimento grevista revela o distanciamento das mulheres do sindicato. Essas mulheres não apresentam historicamente a cultura de participar de atividades políticas. Das quinze entrevistadas, quatorze delas considerava absurdo ter de pagar a contribuição sindical. Disseram desconhecer a funcionalidade do sindicato e acrescentaram que nunca presenciaram uma visita do sindicato no canteiro de obras. Torcendo o nariz, uma delas disse não ter “paciência” para a questão política.

Todas afirmaram não se sentirem representadas pelo sindicato. Tratava-se do primeiro emprego das operárias e o contato com a agremiação ocorreu somente no período de homologação de seus contratos na sede do sindicato que as representava. Exceção entre elas foi Rosa, 59 anos, mestre de obras, que falou com desenvoltura sobre a questão. Militante sindical, disse que participou da greve. Alegou que o sindicato era necessário em sua vida. Rosa exerce cargo dirigente no sindicato que trata da política voltada para as mulheres.

Para ser uma boa liderança sindical é necessário contato direto com os trabalhadores, através do diálogo, realização de assembleias, para garantir um maior contato e envolver a categoria. E isso é muito importante, pois os trabalhadores têm confiança em nossas ações e é importante que estejam informados e mobilizados. (Entrevista cedida em 26/09/2014).

Rosa, diferente das demais, exerce ofício na construção civil desde os 16 anos de idade; assim, sua relação com a categoria mostra certa intimidade com o movimento e com a questão política, o que permitiu participar de muitas atividades sindicais, mesmo achando o espaço da mulher ainda limitado. Quando perguntada sobre o que almejava na Secretaria de Políticas para as Mulheres, cargo que ocupa no sindicato, a entrevistada foi categórica:

Realizar um trabalho voltado para as mulheres dentro da nossa base de representação sindical, ampliar projetos que desenvolvam as habilidades profissionais da mulher nas funções deste segmento com foco na igualdade de oportunidade, segurança, saúde no trabalho e capacitação profissional para que as mulheres sintam-se valorizadas nesta profissão a conquistarem maior qualidade de vida. (Entrevista cedida em 26/09/2014).

Demonstrou também ser conhecedora do funcionamento do sindicato: “Para isso, contamos também com a contribuição dos sindicatos internacionais nessa luta para elevar os direitos das mulheres”. (Entrevista cedida em 26/09/2014). Por outro lado, não apresenta em

seu discurso uma proposta para incentivar as próprias companheiras a participar das atividades sindicais.

Segundo Costa (2004), as mulheres começam a ser vistas e tratadas como sujeitos ativos, pois, diante das transformações sociais, o movimento sindical não poderia ficar alheio aos acontecimentos. Como afirma a autora:

As entidades sindicais aparecem para a sociedade como sujeitos coletivos, produtor e catalizador de uma imagem social dos trabalhadores, mobilizador de anseio por mudança, formador de demandas, constituindo-se como negociador junto a outros atores sociais. (COSTA, 2004, p. 111).

Nas décadas de 1970 e 1980, o crescimento dos sindicatos permitiu uma maior representação na composição da base sindical do Brasil. Ampliou a participação de mulheres em diversas categorias sindicais. Nessas décadas verifica-se uma participação feminina na ordem de 176%, enquanto a masculina cresceu metade disso, aproximadamente 87%, no mesmo período (PNDA, 1988).

Contraditoriamente, nas últimas décadas, quando se verificou maior participação de mulheres em setores produtivos da economia, percebemos a falta de interesse quanto às representações de classes. Costa (2004) afirma que os sindicatos não conseguem ser ativos e nem atrativos para as trabalhadoras. O que percebemos nas falas das operárias da construção do estádio é que estas mantêm distância do sindicato. E, reconhecendo a exclusão, afirmam que os sindicatos não possuem nenhuma atividade voltada ao público feminino que garantisse a participação efetiva.

Nesse sentido, convém considerar as ideias de Druck (2011) que, ao classificar a precarização do trabalho, aponta para a fragilização da organização dos trabalhadores, afirmando que a precarização revela falta de melhor organização do movimento sindical. Embora o sindicato tenha a representação legal de uma mesma categoria para defender os interesses profissionais, isso nem sempre ocorre na sua ação.

Pode ser identificado nas dificuldades da organização sindical e das formas de luta e representação dos trabalhadores, decorrentes da violenta concorrência entre eles próprios, da sua heterogeneidade e divisão, implicando uma pulverização dos sindicatos, criada principalmente pela terceirização. (DRUCK, 2011, p. 50).

Dessa forma, expõe-se a vulnerabilidade nas bases sindicais, observada na literatura como uma tendência relativa ao número de greves que aconteceram por parte dos operários da construção civil, visível na construção do estádio de futebol na Bahia. Os operários reivindicavam direitos básicos, como ocorreu durante as três greves de trabalhadores da *Arena Fonte Nova*, mas esse acontecimento mostra a irrisória participação das operárias no movimento. As operárias entrevistadas justificam essa decadência da participação sindical causados por fatores econômicos, políticos e ideológicos e pela fragmentação da classe. Elas primeiro negam a visita do sindicato nos canteiros de obras da Arena Fonte Nova. E, sobretudo, relatam a inexistência de qualquer tipo de movimento, com exceção da greve, que antes tinham sido convocadas a participar. A maioria lembra, em suas falas, que a única vez que estiveram no sindicato foi por motivo de homologação do contrato de trabalho, apenas. Ou seja, foram sempre inativas, no sentido de atuar de forma política, mas somente para cumprir um o ordenamento legal.

4.4.7 Nível de Satisfação das Operárias da Fonte Nova

Se, por um lado, essas mulheres reconhecem que os salários recebidos são baixos, quanto questionadas sobre a importância de trabalhar numa obra de grande repercussão, especificamente, na obra da Fonte Nova, por outro lado, as entrevistadas se consideram satisfeitas com a oportunidade. Girassol, 48 anos, separada e mãe de 6 filhos, destacou a oportunidade que teve com a contratação para as obras na Fonte Nova. Começou a trabalhar no mês de seu aniversário e por isso se dizia presenteada.

Girassol apontou também um problema que atinge o trabalhador, o do desemprego enfrentado pelos operários mais velhos. Considerava-se privilegiada porque a sua idade avançada poderia deixá-la fora do mercado. A preocupação com a família é ainda mais evidente. Na entrevista expôs ser vitoriosa, pois a sua inserção no mercado permitiu auxiliar a família. Foi o seu trabalho que possibilitou colocar os filhos na escola. (Disponível em: globo.com g1, 08.03.2012).

Íris, 24 anos, mãe solteira, disse que seus “familiares e amigos ficaram desacreditados”. Atribuiu essa descrença ao fato de ter conseguido trabalhar numa obra de grande porte e, ainda, perto de casa (Entrevista cedida em 24/09/2014). A armadora Tulipa, 30 anos, mãe de 4 filhos, com Ensino Fundamental incompleto, contou que “tinha orgulho de si, pois a construção mudou demais a vida, foi muito bom”. Referindo-se ao reconhecimento

social e de seus familiares, concluiu: “[...] na rua (onde mora) e profissionalmente fiquei mais conhecida” (Entrevista cedida em 20/09/2014). Girassol, de 52 anos, também demonstrou o seu contentamento: “meus filhos amaram”, referia-se a vida profissional e se dizia orgulhosa de poder “não deixar faltar nada em casa”. (Entrevista cedida em 16/06/2015).

No discurso dessas mulheres percebemos a alegria pela aceitação no trabalho, na família e na sociedade. Mais do que satisfeitas por romper com o preconceito de uma atividade tradicionalmente associada ao mundo masculino, elas enumeram a conquista pessoal alcançada com o próprio esforço. E, mais ainda, a satisfação em prover as suas respectivas famílias, visto que a maioria diz não contar com ajuda dos seus ex-companheiros.

4.5 ARENA FONTE NOVA: UM ESPAÇO RELACIONAL ENTRE OS GÊNEROS

Nas literaturas contemporâneas, o sentimento de exclusão das mulheres em espaços masculinos parece ser um tema superado no que tange às discussões acerca de gênero. Pelo menos isso foi bastante observável nas matérias lidas no Brasil as quase tratam das mulheres que participaram da construção dos estádios-sede da Copa do Mundo.

A inserção das operárias nas áreas de produção da Arena Fonte Nova traz esse fenômeno novo – uma visível aceitação da força feminina nos espaços masculinos –, tornando interessante destacar que, no caso das mulheres participantes desta pesquisa, trata-se de um grupo de trabalhadoras com nenhuma ou pouca experiência na construção civil, um espaço tradicionalmente masculino, entretanto, um local onde foram bem acolhidas, conforme depuseram algumas das entrevistadas.

Gardênia, 47 anos, separada, com 4 filhos, afirmou que, “gostei mais (de trabalhar) com eles, porque recebem bem e nos ensina as coisas”. (Entrevista cedida 29/09/2014). Girassol, 48 anos, disse que “com os homens não tem problema nem complicação. Não tem fofoca, e se não der ousadia de namorar não tem história”. (Entrevista cedida em 10/06/2015).

Nas falas das operárias enxergamos uma determinada sensibilidade por parte dos homens, o que nem sempre foi visto na masculinidade exacerbada que, ao longo do tempo, tratou de modelar a sociedade focada na competitividade e conquista individual. Elas não têm vergonha de dizer que o convívio com os homens no canteiro permitiu o aprendizado. Isso corrobora a ideia concebida por Débora Nunes, pela qual a superação é evidenciada nas relações entre homens e mulheres.

A emergência do espírito feminino integra valores historicamente desenvolvidos pelas mulheres e vão trazer a masculinidade para seus atributos positivos das forças de ancoramento, de proteção e de maravilhamento do homem. (NUNES, 2015).

O conceito exposto pela autora trouxe ressalvas importantes para este estudo, pois quando homens e mulheres se feminizam eles ajudam a encontrar saídas e negociadas, e assim fazer um mundo melhor. Dessa forma, percebemos que os trabalhadores conseguiram dentro dos canteiros de obra construir um espaço mais feminino, na medida em que os operários conseguiram oportunizar para as mulheres um ambiente mais harmônico que foge da ideia da supremacia masculina.

Se retomarmos a divisão de poder anterior, observaremos que, nas relações de gênero, aos homens foi assegurado o domínio territorial, inclusive na defesa da propriedade, o que, por vezes, culminava na agressividade masculina. E para as mulheres cabia apenas o poder simbólico, de modo que a relação entre homens e mulheres acontecia de forma desequilibrada.

Porém, com a mudança de paradigmas e com a construção de novas regras morais da sociedade, a força física não mais garante um domínio contínuo aos homens. Ademais, algumas qualidades femininas podem não lhes inferir poder de mando, mas não se pode ignorar que as mulheres passaram a assumir um papel ativo nessas novas relações, permitindo-lhes assumir, nesse milênio, atribuições que eram de caráter tradicionalmente masculino. É certo afirmar que as mulheres são capazes de desenvolver um raciocínio multidimensional, capazes de efetuar atividades diferentes e estão aptas a esse novo modelo.

O estudo permitiu observarmos que as operárias que trabalharam na construção do estádio Fonte Nova exerceram funções semelhantes aos dos homens e estes romperam ideias historicamente machistas, demonstrando que no cenário analisado houve integração e sentido de igualdade e cooperação na forma com que se comportaram uns com os outros, construindo um espaço de trabalho mais harmonioso e pautado na igualdade.

Com base nas falas das operárias podemos interpretar como as mudanças de novos paradigmas nesse milênio foram positivas para ambos os sexos, permitindo assim que os homens e mulheres tenham mais conexão nos papéis sexuais. Entretanto, contrariando a opinião da maioria das informantes, Íris, 24 anos, mãe solteira, fez um julgamento diferente com relação a trabalhar como homens no canteiro.

Gosto mais de trabalhar com as mulheres, porque os homens ficavam ‘avacalhando’ com o trabalho que fazemos, as mulheres se interessavam mais pelo trabalho, são mais detalhistas e terminam o trabalho sem reclamar. (Entrevista em 24/09/2014).

Percebe-se, na fala da operária, uma certa indisposição em trabalhar com os homens, visto que apontou a falta de conduta profissional destes em executar os serviços. Magnólia, 37 anos, discorda da opinião de sua colega, ao considerar que “era bom, e cada um cumpre sua função. E não tem conversa”. (Entrevista cedida em 07/10/2014). Nesse sentido revela que quando homens e mulheres mostram unicidade no trabalho juntos conseguem atingir suas metas. A solidariedade é uma característica enaltecida pelas entrevistadas. Deixam claro também a importância de não perderem as características peculiares de cada um.

Embora homens e mulheres tenham opinião divergente, o convívio na diferença possibilita construir sociedades mais equilibradas e as complementaridades entre os dois gêneros humanos promovem harmonia e desenvolvimento pessoal e coletivo (NUNES, 2015).

4.5.1 A Relação entre as Mulheres no Canteiro e a “fofoca” em destaque

Na relação entre as próprias mulheres no canteiro também sobressaem distintas opiniões. Dália, mãe solteira, disse que a sua relação com as outras mulheres da obra era “normal e que não gostava de ouvir as fofocas”. Gardênia, 44 anos, revelou manter boa relação e ponderou: “mais tive cuidado, porque entre elas tinha muita fofoca”. Tulipa e Magnólia também consideraram desagradável a afinidade com as companheiras de trabalho. A primeira, afirmou que “embora fosse boa a relação (referindo-se às outras operárias), não mantinha nenhuma aproximação para não ser envolvida em fofocas”. A segunda, Magnólia, denunciou o ambiente de trabalho sendo marcado pelos cochichos entre elas e sobre elas.

Girassol, 48 anos, mãe de 6 filhos, afirmou que trabalhar com mulheres era bom, porém “preferia trabalhar com os homens”. Angélica, viúva, 56 anos, encontrava na sua religião uma forma de manter-se imparcial quanto a qualquer relação que não fosse estritamente profissional. “Sou cristão, e não gostava de participar de fofocas e conversas que fugissem do assunto do trabalho”. Angélica chegou a afirmar que as mulheres mantinham, muitas vezes, conversas grosseiras, falando da intimidade com seus namorados.

Jasmim Gomes, 39 anos, solteira, não apontou problema em compartilhar o local de trabalho com mais mulheres: “Era ótimo minha relação com elas, sei me relacionar bem como

todo mundo, cheguei lá como profissional e me colocava no meu lugar”. Todavia, lembra que evitava qualquer tipo de conversas que fosse desapropriada no trabalho.

As “fofocas” mencionadas pelas informantes são consideradas como um costume comum e presente nas relações entre as mulheres. Talvez a palavra expresse muito mais a situação de conflito, própria do ambiente de trabalho, onde se comparavam as atividades desenvolvidas e mais associadas ao universo feminino.

Para Freitas (2011), a “fofoca” tem uma função educadora e utiliza de normas e regras sociais para estabelecer relações de amizade, dependendo de como é vista ou feita. No caso das entrevistadas, parece que serve como mecanismo de controle do comportamento, porque elas tentam permanecer longe da ‘fofoca’, para que não venham a ter nenhum tipo de implicação no ambiente de trabalho.

4.5.2 Conflito no Âmbito da Sexualidade

Embora a convivência tenha sido considerada harmônica entre homens e mulheres, o assédio sexual foi evidenciado. No canteiro da *Arena Fonte Nova*, encontramos uma situação que ilustra essa realidade. Dália, 44 anos, mãe de 4 filhos, muito amável, disse gostar de futebol e ser torcedora do Bahia. E que também já tinha frequentado uma Igreja Evangélica. Em meio ao seu relato, contou-nos que foi vítima de violência doméstica por muitos anos, mas que aprendeu a lidar com essa adversidade.

Eu agora estou mais esperta, já fui muito boba, meu ex-marido me bateu por muito tempo, apanhei por 16 anos, ele não deixava eu ver nenhum programa na TV, para não aprender nada, só deixava eu assistir desenho animado e de esporte, para que eu não denunciasses ele. Eu fazia tudo em casa, deixava tudo pronto e quando ele chegava me batia muito. (DÁLIA, 2015).

Além dessa experiência pessoal, a informante não escondeu as dificuldades enfrentadas na questão do assédio sexual e assim relata sobre o episódio na *Arena Fonte Nova*:

Depois do ferido da Semana Santa, quando retornei ao trabalho um ex-presidiário, também operário da obra, tentou me atacar. Ele me puxou me jogou na parede, rasgou minha roupa. Eu tava na parte do campo, que era mais isolada, gritei muito e pedi socorro, e meus colegas vieram rápido e tiraram ele de cima de mim. (DÁLIA, 2015).

Conforme já abordado neste trabalho, o assédio sexual contra a mulher no ambiente profissional é decorrente da posição hierárquica dos homens e de sua condição masculina, quando se verifica uma nítida tentativa de tirar proveito da circunstância.

Nesse dia eu ainda continue trabalhando, fui apenas trocada para parte do almoxarifado. Não levei o caso para a Direção nem comuniquei ao encarregado, apenas o supervisor da equipe trocou meu turno e tirou ele (o acusado) do campo. (DÁLIA, 2015).

Nesse momento, a entrevistada chorou muito e ficou bastante comovida ao relembrar o fato. Desse modo, fizemos uma longa pausa, até retomarmos a conversa. Em seguida contou como foi o restante daquele dia de trabalho. Sua transferência para outro setor representou inclusive uma punição, pois como diz a informante, “eu não gostava de trabalhar no almoxarifado, gosto mesmo é do campo”.

O agressor, no entanto, somente foi transferido de setor e o caso não resultou em punição exemplar por parte da empresa, antes preocupada com a própria imagem do que com a situação propriamente dita. Assim, a gravidade do crime não passou de um “mal-entendido”, visto que não ocorreu a consumação do estupro.

Essa modalidade de violência sexual costuma produzir nas vítimas tipos de sofrimentos, tanto físico como psíquico, entre eles depressão, abatimento, perda de confiança e autoestima, pânico, irritabilidade etc. No caso de Dália, tais sofrimentos contribuíram para agravar sua saúde, refletindo inclusive profissionalmente.

A “fragilidade da vítima”, condição narrada na literatura de estudos realizados sobre o assédio sexual enfrentado por mulheres, e particularidade conferida à condição feminina, encobre a real situação enfrentada por estas que chegam pela primeira vez a um universo de trabalho cercado por homens, ramo em que a mulher é nitidamente uma minoria.

Encontramos com a informante, tempo depois de concluído a obra do estádio. Na ocasião nos disse ainda sofrer com a questão. Referia-se ao fato de que era tema de cochichos e fofocas, entre os operários de outra obra, as de ampliação do metrô da cidade de Salvador.

Quando fui trabalhar no Metrô, fiquei com muito medo de acontecer de novo, eu engordei e não consigo mais perder peso, mesmo comendo pouco. E quando tava trabalhando eu só conseguia tomar um copo de suco de laranja e mais nada. Eu procurava não ficar só. (DÁLIA, 2015).

Naquele momento voltamos à questão do assédio sexual sofrido. A entrevistada voltou a lacrimejar. “Eu nem gosto de lembrar o que passei”. A partir daí iniciou o relato das

lembranças levadas ao novo trabalho. No entanto, Dália frisou que era necessário o seu depoimento, para que outras mulheres não sofressem desse terrível trauma, observando que, na época, não procurou seus direitos por se dizer pouco esclarecida.

O assédio sexual agora dava margens para o assédio moral, pois a informante disse ainda sofrer com os comentários de seus colegas de trabalho. “Eu sempre ouvia os homens falar quando eu chegava à porta da obra ou quando eu tava passando no campo: - Olha aí a mulher que quase foi estuprada na Arena” (DÁLIA, 2015).

O depoimento da informante levanta a discussão sobre a prática do assédio sexual no âmbito de trabalho, sendo mais recorrente do que se imagina. No caso de Dália, nem sequer sua história chegou ao conhecimento do Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil. E, apesar da denúncia da depoente, quando questionamos as outras informantes sobre o conhecimento de fatos semelhantes, estas manifestaram o não desejo de falar sobre o assunto. Para a entrevista, não era somente a dor física enfrentada, somava-se agora o constrangimento e, principalmente, o julgamento de seus colegas.

Nesse capítulo procuramos dar visibilidade às mulheres que trabalharam, por quase três anos, nas obras de construção da Arena Fonte Nova. Através de narrativas e fragmentos de suas histórias de vidas, observamos aspectos pertinentes do mundo do trabalho, com suas permanências e, sobretudo, mudanças advindas no novo milênio. Essas mulheres, transformadas em operárias, chegadas do mundo informal do trabalho, com baixa escolaridade, mães e provedoras de suas famílias, são personagens centrais.

A realização do evento internacional de futebol e a adoção de políticas públicas, como a inserção da mulher no setor da construção civil, permitiram observarmos a capacidade de resistência e negociação dessas mulheres, como o desenvolvimento de habilidades outrora associadas ao mundo masculino, revelando a superação de desafios, para demonstrar que elas em convívio com os homens no mesmo espaço de trabalho podem exercer papel preponderante na sociedade.

4.5.3 Finalização das Obras do Estádio da Fonte Nova: Para onde foram as Operárias?

As operárias, de modo geral, não atuaram do início ao fim das obras de construção do estádio da Fonte Nova. Jasmim, soldadora, foi a única mulher que participou de todas as etapas da obra. Essa constatação deixa claro que a revitalização de áreas urbanas de Salvador, ocorrida logo após a construção do estádio, não empregou mulheres na mesma proporção que

se empregou na construção do estádio. No período, apenas duas operárias que haviam trabalhado nas obras para a Copa encontravam-se empregadas em obras de infraestrutura da cidade.

As mulheres em suas entrevistas com expectativa falaram da possibilidade de serem contratadas para as obras do metrô da cidade. Girassol, ajudante de carpintaria, disse que ainda “Trabalhei, por sete meses, no metrô, na parte da obra do Retiro”. Gardênia, armadora, afirmou que tinha sido “chamada há pouco para trabalhar no metrô na parte do Bom Juá”.

Porém, a maioria das entrevistadas mencionou a ociosidade em que vivem fora do mercado de trabalho da construção civil. E muitas afirmam ter voltando às antigas ocupações no mercado informal como faxineiras, ambulantes e serviços domésticos. Margarida ajudante de canteiro, atualmente é ambulante e vende refrigerantes e cerveja na frente do estádio que ajudou a construir. “Não consegui mais nenhum trabalho, sempre fico procurando e não acho mais nada”, disse ela.

Duas das operárias entrevistadas, ambas ajudantes de pedreiro, não mais atuaram na construção civil por questões ligadas à maternidade. Mesmo com a abertura profissional do setor da construção civil, afirmam que não tiveram outra oportunidade de trabalho, em virtude de serem mulheres. Íris falou que “não trabalhei mais, tive minha filha agora, e nem fui chamada para segunda fase do metrô”. Inclusive conheci o pai de minha filha trabalhando na Arena”. Tulipa também esperava ter a mesma sorte, a de se posicionar novamente no segmento da construção civil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção civil no Brasil, e em especial na Bahia, é uma atividade produtiva que agrega um número majoritariamente formado por homens. Esse setor sempre esteve ligado ao trabalho braçal e pesado e, por isso, os homens constituem a base de sua existência. Trata-se de um setor atrativo, pois não há uma exigência quanto ao nível de escolaridade, o que revela o recrutamento de um contingente com baixa escolaridade, no qual os homens estão em número elevado.

Entretanto, nos primeiros anos do novo milênio um fenômeno vem se afirmando na sociedade: o da inserção de mulheres na construção civil. Esse cenário foi impulsionado por uma nova conjuntura, a saber, a da expansão da construção civil, com programas do governo federal de habitação e de infraestrutura, principalmente com a realização da copa do mundo de futebol de 2014.

O ingresso de mulheres no setor majoritariamente masculino ganhou impulso, principalmente entre os anos de 2010 e 2014, pois uma das condições favoráveis refere-se às ações realizadas pelo Governo Federal, a exemplo do programa *Mulheres Construindo Autonomia na Construção Civil*, que faz parte da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres da Presidência da República (SPM). Esse programa estimulou a inclusão das mulheres na construção civil, buscando a superação das discriminações de gênero e maiores oportunidades para essas, em virtude da expansão do setor.

Ações como esta aconteceram em conjunto com as secretarias e governos estaduais e municipais em diversas capitais, além das iniciativas da sociedade civil, oportunizando assim adequações no Projeto da Copa do Mundo de 2014, um evento que fomentou a expansão de obras no país, e conseqüentemente, abriu espaços para que também as mulheres atuem no setor, especificamente, nas construções e reformas dos estádios de futebol.

Ressalta-se que esse panorama de mudanças contribuiu para o repúdio da população brasileira, resultando em manifestações públicas que aconteceram antes e durante a Copa do Mundo contra os excessivos gastos públicos, estimados em mais de 7 bilhões, ou 163% a mais do que o orçamento previsto. Esses protestos se espalharam por todas as capitais brasileiras, reunindo cerca de 50 cidades, contando com participação de centenas de milhares de pessoas que integram as diversas categorias da sociedade.

Apesar da atmosfera de críticas com relação ao evento da Copa do Mundo, essas obras seguiram o curso natural no governo Dilma Rousseff. Concomitantemente ao processo de aceleração de crescimento, foi implementada uma série de políticas objetivando o combate à

desigualdade de gênero e em prol da defesa do direito da mulher, o que favoreceu uma visível oportunidade quanto à geração de empregos para esse segmento produtivo.

Na sequência desses impulsos, estava inserido o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), o qual injetou subsídios para o crescimento do setor da construção civil. Vale reiterar que esse projeto de infraestrutura foi um plano criado no segundo mandato do governo de Luís Inácio Lula da Silva, entre 2007 a 2010, e promoveu a execução de importantes obras de infraestrutura do Brasil.

Não se pode negar que as políticas governamentais fortaleceram o protagonismo de camadas populares e ajudaram a combater a pobreza, por meio de programas como o *Bolsa Família* e *Fome Zero*, que foram marcos das políticas inclusivas, as quais permitiram resgatar uma cidadania historicamente negada à população. Seguramente, trata-se de experiências que possibilitaram a inclusão social de mulheres em situação de vulnerabilidade que, com o aprendizado de um ofício, poderiam incorporar-se ao mercado de trabalho, em particular na construção civil.

Com a construção de estádios em todo o Brasil, foi possível visualizarmos engenheiras, pedreiras, carpinteiras, soldadoras, ajudantes de obra e azulejistas assumindo um novo espaço no mundo do trabalho. Assim, no âmbito profissional, as modificações produziram efeitos reveladores de um novo modo de ocorrerem as relações de trabalho e trouxe para a cena atores até então ausentes.

Apesar de o mercado brasileiro ainda encontrar-se longe de uma situação ideal de igualdade de gênero, assistimos com certa rapidez a participação de mulheres num mercado significativo, como é o da construção civil. Alguns fatores foram decisivos para a facilitação dessa inserção nesse mercado produtivo. Um exemplo disso foi a carência de mão de obra masculina para atender ao crescimento econômico do setor, conforme pudemos demonstrar no decurso desta dissertação.

Outro importante fator faz parte dos requisitos de exigência do mercado, que explica a presença feminina na construção civil, ou seja, o fato de que as mulheres são solicitadas para atividades que exigem maior cuidado e precisão, normalmente na finalização nas obras.

No período estudado ficou evidente a expansão da indústria da construção civil na Bahia, que registrou um significativo número de operárias em obras do setor. Especificamente com relação à construção da Arena Fonte Nova, houve a geração de empregos formais oportunizando o recrutamento de uma diversidade dessas profissionais no mercado: ajudantes

de pedreiro, ajudantes de canteiros, ferramenteiras, soldadoras, carpinteiras, entre outras funções da construção civil.

O perfil socioeconômico das operárias que trabalharam na Fonte Nova assemelha-se também ao de outras mulheres operárias da construção civil. Elas encontram-se nas grandes cidades brasileiras, estão na faixa etária de 30 a 59 anos e são quase sempre analfabetas funcionais, sem especialização ou ofício profissional. Essas mulheres trabalharam no setor pela primeira vez e assim como os demais empregados logo depois seriam dispensadas.

Os dados analisados revelam que, na possibilidade de emprego na obra da Arena Fonte Nova, a questão de gênero também está associada à condição racial. As operárias, na sua maioria, pertencem ao contingente populacional de mulheres negras, mães solteiras vivendo com os filhos que são frutos de relacionamentos diferentes, e assumindo o modelo de família monoparental, na qual são provedores dos lares.

Nesse cenário, denota-se que a pobreza é evidente na trajetória de vida das operárias entrevistadas. Elas derivaram de famílias de baixa condição socioeconômica e antes de adentrarem o mercado da construção civil desenvolveram trabalhos de domésticas, faxineiras, babás e ambulantes do comércio informal. Nesse caso vemos reforçado o estigma de inferioridade de muitas mulheres negras e da periferia.

Observamos, no contato com as entrevistas, que algumas delas atribuem a conquista desse emprego ao esforço pessoal e de estarem sempre procurando garantir o sustento de seus filhos, além de estarem superando os preconceitos.

Em relação ao convívio de homens e mulheres, observado no trabalho de campo através das entrevistas, percebemos o alcance de algo que chamamos de “complementaridade”, corroborando as ideias já apresentadas pela autora Débora Nunes, em capítulos anteriores. Isso significa que foi notada a superação na convivência entre homens e mulheres, quando homens e mulheres se empoderaram, e as mulheres ajudam os homens a “descansar dos seus atributos de comando”, conseguindo romper com o domínio masculino.

Ainda no que concerne ao aspecto relacional, fica evidente a inexistência de atritos entre homens e mulheres no trabalho, segundo a pesquisa de campo efetuada. Ao contrário, entrevistadas e entrevistados relataram em seus depoimentos a existência de uma boa reciprocidade entre eles, o que aponta para a validade da tese aqui defendida, de construção de uma relação de “complementaridade”.

Observou-se nesta investigação que os homens não demonstraram o machismo esperado, que se confunde com uma superioridade. Ao contrário, eles acolheram as mulheres

como iguais e ajudaram a que essas encontrassem saídas nas dificuldades, procurando ensinar o que elas não sabiam executar nos serviços. De certa forma, os homens se “feminizaram”, abdicando de comportamentos culturalmente machistas e adotando posturas pautadas na divisão de tarefas, das mais simples às mais complexas, e assim construindo um ambiente mais equilibrado e colaborativo.

Entretanto, apenas na condição hierárquica profissional, percebemos a permanência do distanciamento entre homens e mulheres. Constatamos que as mulheres não ocupavam cargos de superioridade, como o de chefia de equipe. Tais posições de poder e comando permaneceram sobre o domínio masculino.

Como já foi abordado neste estudo sobre a dupla jornada de trabalho assumida pelas mulheres, constatou-se que isso foi um obstáculo enfrentado pelas operárias, já que precisavam conciliar a profissão com os afazeres domésticos, confirmando que esse fenômeno acontece de forma continuada em nossa sociedade. As entrevistadas mencionaram que realizavam tarefas domésticas e que, mesmo nos dias de folga, sentiam exaustão física e *stress* emocional, frente ao desafio de conciliar as atividades do ambiente público e doméstico.

Verificamos também que as preocupações de homens e mulheres na construção civil eram semelhantes com relação à perda de emprego depois de concluída a obra da Fonte Nova. Assim, tanto homens quanto mulheres tornam-se vítimas da atividade que os dispensa, de acordo com os interesses e as necessidades do empregador. Quando dispensadas de suas atividades, por finalização dos serviços nos canteiros de obra do estádio Fonte Nova, as operárias guardaram consigo a esperança de que poderiam ser contratadas para trabalhar em obras semelhantes ou dentro do mesmo segmento.

Embora a publicidade garantisse determinada visibilidade daquelas mulheres que trabalharam nos canteiros de obra de estádios de futebol, é perceptível a permanência da insegurança profissional, por tratar-se de uma obra de caráter temporário. No entanto, é igualmente observável que a imprensa e a sociedade, em geral, dão publicidade positiva aos programas de inclusão, particularmente à capacitação de mulheres para o trabalho na construção civil. Logo, não podemos deixar de pontuar os efeitos benéficos que contribuíram para a inserção de mulheres em atividades tidas como exclusivamente masculinas.

De fato, houve uma superação de diversos aspectos que predominavam na visão sexista da inserção da mulher no mercado de trabalho. Entretanto, tornam-se necessários, ainda, programas de políticas públicas e o desenvolvimento de pesquisas que discutam

aspectos sobre a presença feminina em setores da economia predominantemente associado ao mundo masculino, como o da construção civil.

Este estudo abre possibilidades a outras pesquisas evidenciando a condição de gênero no mercado de trabalho na área da construção civil, na cidade de Salvador, como em outras regiões da Bahia e do Brasil. Somente com estudos semelhantes e complementares é possível avaliarmos o alcance das mudanças culturais e das políticas públicas implementadas na última década. Poderemos perceber assim os avanços e retrocessos no campo dos estudos sobre gênero, trabalho e mudanças de mentalidade. Este trabalho é somente uma avaliação específica e pontual de uma conjuntura que permitiu dar visibilidade da questão em torno das mulheres no mercado de trabalho, antes majoritariamente ocupado por homens.

Ainda que o cenário aqui apresentado revele uma mudança positiva para as mulheres no mercado de trabalho – a exemplo da igualdade de salários entre mulheres e homens que ocuparam as mesmas funções nas obras da Arena Fonte Nova, observado em nossa investigação –, as relações desiguais de gênero ainda fazem parte de uma construção histórica.

A divisão sexual do trabalho, com a visível subordinação nos cargos de comandos e a reserva de cargos considerados como de prestígios na sociedade para os homens, evidencia a permanência de obstáculos próprios do mundo masculino. Em geral, as mulheres continuam ganhando menos que os homens e assumindo dupla jornada de trabalho, fazendo com que a diferença de gênero ainda exija uma discussão mais profunda.

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, Laís. A situação da mulher latino-americana: o mercado de trabalho no contexto da reestruturação. **Revista Proposta**, São Paulo, n. 88/89, p.76-93, mar. ago. 2001.
- ALVES, Manuel Brandão. A formação dos sistemas urbanos (Christaller). In: COSTA, José da Silva. **Compêndio de Economia Regional**. Coimbra: APDR, 2005. p. 123-151.
- ARAÚJO, Nelma Miriam Chagas de. **Custos de implantação do PCMAT (Programa de condições e meio ambiente de trabalho na indústria da construção) em obras de edificações verticais**: um estudo de caso. 1998. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção)- Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.
- ANDRADRE, Maria Margarida de. **Como preparar trabalhos para cursos de pós-graduação**. São Paulo: Atlas, 1997.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1960. p. 7-125. v. 2.
- BOAVENTURA. Edivaldo. **Como ordenar as ideias**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2001.
- BOURDIEU, P. **Os usos sociais da ciência**: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo, 1999.
- _____. **A socioanálise do sociólogo. O campo econômico**: a dimensão simbólica da dominação. Campinas: Papyrus, 2001. p.71-81.
- BORGES, Ângela; GUIMARÃES, Iracema Brandão. **A mulher e o mercado de trabalho nos anos 90**: o caso da Região Metropolitana de Salvador, 1997.
- BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **Núcleos de promoção de igualdade de oportunidade e de combates à discriminação no trabalho**. Brasília: Ministério do Trabalho e Emprego/Assessoria internacional, 2003. p.23-24.
- BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **Núcleos de promoção de igualdade de oportunidade e de combates à discriminação no trabalho**. Brasília: Ministério do Trabalho e Emprego; Assessoria internacional, 2003. p.23-24.
- BRASIL. Ministério do Esporte. Brasília- DF. 2010. Disponível em: <<http://www.esporte.gov.br>>. Acesso em: 15 jan. 2015.
- BRAUN, Ricardo. **Novos paradigmas ambientais**: desenvolvimento ao ponto sustentável. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- BRUSCHINI, Cristina. **Desigualdades de gênero e deslocamentos da força de trabalho**. São Paulo: LTr., 1996.

BONOMA, Thomas V. Case Research in Marketing: opportunities, problems, and process. **Journal of Marketing Research**, V XXII, may 1985.

CAPRA, Fritjof. Ecologia Profunda: um novo paradigma. São Paulo: Cultrix, 1993. In: _____. **As conexões ocultas: ciência para uma vida sustentável**. Tradução Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Cultrix, 2002.

CASTELLS, Manuel. **A questão urbana**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

COCKELL, F.F. ; PERTICARRARI, D. Contratos de boca: a institucionalização da precariedade na construção civil CRH. **Caderno CRH**, Salvador, v.22, n.60, p. 633-653, set./dez. 2010.

COLLI, Juliana Marília; ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 2000.

CORDEIRO, Cristovão César C.; MACHADO, Maria Isabel G. O Perfil do Operário da Indústria da Construção Civil de Feira de Santana: requisitos para uma qualificação profissional. **Revista Sitientibus**, n. 26, jan./jun. 2002.

COSTA, Ana Lize; SARDENBERG, Cecília Maria Bacellar. A face feminina do complexo metal-mecânico: mulheres metalúrgicas no Norte e Nordeste. In: SARDENBERG, Cecília Maria Bacellar. **O trabalho feminino no Brasil: desigualdades de gênero e contrastes regionais**. São Paulo: UFBA, 2004. p.109-129.

DALCUL, Ane Lise Pereira da Costa; OLIVEIRA, Mirian; RUAS, Roberto Lima. Organização do trabalho: estudo de caso com empresa da construção civil de Santa Maria /RS. **Revista READ**, Porto Alegre-RS, Edição 06, v.3, n.2, jul.-ago. 1997.

DRUCK, Graça. Trabalho, precarização e resistências: novos e velhos desafios? **Caderno CRH**, Salvador, v. 24, n. spe.01, p.37-57, 2011.

DRUCK, Graça; BORGES, Ângela. Crise global, terceirização e a exclusão no mundo do Trabalho. **Caderno CRH**, Salvador, n.5, 1993.

DIEESE- DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICAS E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS, n.65, maio 2013.

DOURADO, Cláudia Marques. **Orixás do Dique do Tororó**. Simbologia e problemática cultural da população afrodescendente baiana. 2009. Dissertação (Mestrado Multidisciplinar de Pós-graduação em Estudos Étnicos e Africanos)- Universidade Federal da Bahia – Salvador, 2009.

FLECK, Ana Cláudia; WAGNER, Adriana. A mulher como principal provedora do sustento econômico familiar. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v.8, número especial. 2003. p. 31-38.

FREITAS, Keli. Quem fofoca mais: homens ou mulheres? **Revista de Psicologia, Ciência e Profissão**, 2011.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, território, população**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

GRAY, John. **Homens são de Marte, Mulheres são de Vênus**: um guia prático para melhorar a comunicação e conseguir o que você quer nos seus relacionamentos. Rio de Janeiro. Rocco Ltda., 1996.

GUIMARÃES, I.B. Família, Relações de Gênero e Experiência Feminina no Trabalho. **Caderno CRH**, n.16, ano jan. /jun.1992.p.51-64.

HIRATA, Helena. Tendências Recentes da Precarização Social e do Trabalho: Brasil, França, Japão. **Caderno CRH**, Salvador, v. 24, n. spe.01, p.15-22,2011.

_____. **Divisão nas relações sociais de sexo e do trabalho**: contribuição à discussão sobre o conceito de trabalho. Brasília, ano 15, n, 65, p.39-49, jan.-mar. 1995.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 1991.

LEFEBVRE, Henri. **A Revolução Urbana**. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

_____. **A Cidade do Capital**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

_____. **O Direito à Cidade**. São Paulo: Moraes, 1991.

LUNA, Sérgio Vasconcelos de. **Planejamento de pesquisa**: uma introdução. São Paulo: Educ, 2002.

MANUAL de Orientação. RAIS - Relação Anual de Informações Sociais Ano-Base: 2011-2013. Brasília. DF. 2013.

MULHER, mercado de trabalho e as configurações familiares do século XX. **Revista Vozes dos Vales da UFVJM**: Publicações Acadêmicas – MG – Brasil, n.2, ano I – 10, 2012 Reg.: 120.2.095–2011. Disponível em: <<http://www.ufvjm.edu.br/vozes> X, Nº. 02 – Ano I – 10/2012>. Acesso em: 15 jun. 2014.

MYRDAL, Gunnar. **Teoria econômica e regiões subdesenvolvidas**. Rio de Janeiro: MEC – Iseb, 1960.

MORAIS, Regis de. **O que é Violência Urbana**. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.

NUNES, Débora. **Por um mundo melhor**: superando a dominância masculina. 2005. Disponível em: <<https://cirandas.net/deboranunes/blog/por-um-mundo-melhor-superando-a-dominancia-masculina>>. Acesso em: 1 maio 2015.

_____. **Cidades do Futuro**: incorporando o espírito feminino. Disponível em: <<http://cirandas.net/deboranunes/blog/cidades-do-futuro-incorporando-o-espírito-feminino>>. Acesso em: 1 maio 2015.

_____. **As mulheres não querem o poder?** Disponível em: <<http://cirandas.net/deboranunes/blog/as-mulheres-nao-querem-o-poder>>. Acesso em: 8 maio 2015.

_____. **Pedagogia da participação:** trabalhando com comunidades. Trad. Ciro Sales. Salvador: UNESCO; Quarteto, 2002.

NYE, Andréa. **Teoria feminista e as filosofias do homem.** Rio de Janeiro: Record; Rosa dos Tempos, 1995.

OLIVEIRA, Roberval Passos de; IRIART, Jorge Alberto Bernstein. Representações dos Trabalhadores Informais da Construção Civil. **Revista Psicologia em Estudo**, v, 13, n.3, p.437-445, jul./set. Maringá.

OLIVEIRA, Ronaldo. Associação de moradores parte para reivindicar: contam até com microempresas. **A Tarde**, Salvador, 12 abr. 1989.

QUERINO, Luciane Cristina Santos; DOMINGUES, Mariana Dias dos Santos; DA LUZ, Rosângela Cardoso. A evolução da mulher no mercado de trabalho. **E-FACEQ: Revista dos Discentes da Faculdade Eça de Queirós**, ISSN 2238-8605, Ano 2, n. 2, ago. 2013. Disponível em: <<http://e-faceq.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 12 abr. 2014.

PEDRÃO, Fernando. **A urbanização periférica contraditória.** [Salvador]: [s.n.], 2007.

PESSOA, Marcos Henrique; MAIA, Katy. **Qualificação Profissional na Indústria da Construção Civil do Paraná:** mudanças no emprego e renda no período de 2000 a 2010. Disponível em: <<http://www.anpec.org.br/sul/.../i3-76bf7188daabeddd0fccc8057e06d0dd.doc>>. Acesso em: 19 set. 2015.

PEREIRA, Jaime Marques; LAUTIER, Bruno. Representações Sociais e Construção do Mercado de Trabalho: empregadas domésticas e operários da construção civil na América Latina. **CADERNO CRH.** Salvador. n. 21, jul./dez. 1994.

PERFIL dos Trabalhadores na Construção Civil no Estado da Bahia. [S. l.]: [s.n.], 2013.

PROTESTOS de bairros na escadaria da Prefeitura. **Tribuna da Bahia.** Salvador, 26 abr. 1989.

PULEO, Alicia H. **Filosofia, gênero y pensamento crítico.** Espanã: Universidade de Valladolid, 1999. (Série Filosofia).

RAIS - Relação Anual de Informações Sociais Ano-Base: 2011-2013. Manual de Orientação. Brasília – DF, 2013.

RAMALHO, José Ricardo. Precarização do trabalho e impasses da organização coletiva no Brasil. In: ANTUNES, Ricardo (Org.). **Neoliberalismo, Trabalho e Sindicatos:** reestruturação produtiva na Inglaterra e no Brasil. São Paulo: Boitempo Editorial, 1977.

RAUPP, Fabiano Maury; BEUREN, Ilse Maria Beuren. **Metodologia da Pesquisa Aplicável às Ciências Sociais.** [S. l.]: [s.n.], 2003.

SANTOS NETO, Isaias de Carvalho. **Memória Urbana: poética para uma cidade.** Salvador: EDUFA, 2012.

SCOTT, Joan W. **Gênero: uma categoria útil para a análise histórica: corpo e cidadania.** Tradução: Christine Rufino Dabat; Maria Betânia Ávila. Recife: [s.n.], 1989.

_____. **A cidadã paradoxal: as feministas francesas e os direitos dos homens.** Trad. Élvio Antônio Funck. Florianópolis: Mulheres, 2002.

SANTOS, Milton. **O centro da cidade de Salvador.** São Paulo: Edusp, 1959.

_____. **A natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** São Paulo: Hucitec, 1996.

SEI - SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS ECONÔMICOS E SOCIAIS DA BAHIA. **Análise do Crescimento Civil na Bahia e no Brasil: uma abordagem em dados em painel para o período 2002 a 2009.** Salvador, 2009.

SILVA, Mayara Rachel da. **Canteiros de Obras, lugar de Mulher?** Um Estudo sobre as Relações de gênero e Trabalho no Âmbito da Construção Civil de Fortaleza-CE. 2013. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas e Sociedade)- Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, 2013.

SILVA, Neuza M; PÁDUA, Antônio de. Gênero de discriminação na Indústria da Construção Civil. In: CONINTER- CONGRESSO INTERNACIONAL INTERDISCIPLINAR EM SOCIAIS E HUMANIDADES, 2., 2013, Belo Horizonte. **Anais...** 8 a 11 out. Belo Horizonte. 2013.

SIMÕES, Raphael. Quase iguais. **Exame**, ed., 1049, ano 47, n. 17, set. 2013.

SINDICATO DA INDÚSTRIA DA CONSTRUÇÃO CIVIL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO SINDUSCON. Departamento de Relações Institucionais. **Informático.** 2015.

SINDICATO DOS BANCÁRIOS E FINANCIÁRIOS DE SÃO PAULO, OSASCO E REGIÃO. [Portal institucional]. 2015. Disponível em: <<http://www.spbancarios.com.br/>>. Acesso em: 12 abr. 2015.

SPINOLA, Noelio Dantaslé. **A trilha perdida: caminhos e descaminhos do desenvolvimento baiano do sec. XX.** Salvador: UNIFACS, 2009.

_____. **Política de Localização Industrial e Desenvolvimento Regional: a experiência da Bahia.** Salvador: Unifacs, 2003.

TOLEDO, Cecília. A mulher no mundo do trabalho. In: _____. **Mulheres, o gênero nos une, a classe nos divide.** São Paulo: Ins. J. L; R Sundermann, 2005.

UZÊDA, Jorge Almeida. A Cidade do Salvador e a modernização da máquina no período de 1935 a 1945. **Bahia Análise & Dados**, v. 19, p. 603-615, jul./set.2009.

_____. A Cidade de diante da tragédia: o caso do Taboão. In: LIMA, Paulo Costa. (Org.). **Quem Faz Salvador**. Salvador: UFBA, 2002.

VIVERET, Patrick. **Por uma sobriedade feliz**. Tradução: Débora Nunes. Salvador, Bahia: Quarteto, 2012.

YIN, Robert K. **Case Study Research: design and methods**. USA: Sage Publications Inc., 1989.

_____. **Planejamento e Métodos**. Trad. Daniel Grassi. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

APÊNDICE A - Roteiro para entrevista com as operárias da construção da Arena Fonte Nova em Salvador

I. Dados Pessoais

1. Nome completo
2. Endereço
3. Idade
4. Sexo
5. Qual a sua cor.
6. Estado civil. Se casada, com que idade se casou. Quantos filhos. Ocupação do marido. Idade dos filhos, idade dos filhos. Estudam. O que espera para o futuro de seus filhos. ?
7. Nível de escolaridade. De seus pais. De seus irmãos.
8. Sobre sua mãe. Trabalha? E sua avó? Grau de escolaridade de ambas. Ocupação de ambas.

II. Dados profissionais

1. Quando começou a trabalhar na construção civil?
2. Que atividade você desempenha na construção civil. Especificamente na construção da Arena Fonte Nova trabalhava com o que?
3. Quanto tempo você trabalhou na Arena Fonte Nova? Como chegou ao canteiro? Seleção? Indicação?
4. Antes de trabalhar na construção civil você desempenhava outra atividade profissional? Qual? Essa outra atividade atendia suas necessidades?
5. Quantas mulheres trabalhavam com você? E quantos homens? Seus chefes eram homens ou mulheres?
6. Você fez curso de profissionalização dentro da empresa?
7. O que mudou na sua vida com o ingresso na construção civil?
8. Se lembra de seu primeiro dia de trabalho? Como foi o primeiro dia de trabalho?
9. O que você sente pelo seu trabalho?
10. Você exercia as mesmas funções que os homens?
11. Atualmente trabalha em outro empreendimento da construção civil?
12. O salário que recebe com o seu trabalho é complementar à renda familiar ou você é a única que sustenta a casa?
13. Reserva um pouco de seu salário?
14. Sua família quando soube que iria trabalhar nessa área, qual foi a reação? E de seus filhos?
15. Tem alguém na sua família que tenha experiência nessa área de trabalho?
16. Como as pessoas que fazem parte do seu ciclo de amizade encaram o seu trabalho?
17. Em que gostaria de trabalhar se não fosse na construção civil?
18. Gostaria de se tornar uma engenheira. Ter um nível superior na área?

19. Quando não está trabalhando o que costuma fazer?
20. Como você dá conta de trabalhar e cuidar dos filhos, da casa?
21. Como concilia a rotina de trabalho com as responsabilidades domésticas?
22. No seu ambiente de trabalho existia uma área reservada para mulheres?
23. Como é trabalhar com tantos homens no mesmo espaço?
24. Como acha que eles enxergavam o seu trabalho?
25. Você ouvia “piadinhas” no trabalho?
26. O que seus chefes falavam do seu desempenho?

III. Perguntas diversas:

27. O que você acha hoje quando vê a Arena Fonte Nova pronta?
28. Já assistiu a uma partida de futebol nela?
29. Outras...

APÊNDICE B - Roteiro para entrevista com as operárias da construção da Arena Fonte Nova em Salvador

1. Nome
2. Idade
3. Escolaridade
4. Você é casada ou solteira?
5. Tem filhos, quantos filhos?
6. Que atividade você desempenhava antes de trabalhar na construção civil?
7. Quando você foi trabalhar na construção civil? Em que área? Você fez curso?
8. Você foi trabalhar numa atividade masculina movida pelo salário?
9. Como você chegou à construção da Fonte Nova?
10. Qual foi a reação de sua família quando soube que iria trabalhar na construção civil?
11. Qual foi a reação de seus amigos quando souberam que iria trabalhar na construção civil?
12. Como era reação de seus colegas de trabalho?
13. Como foi para você o seu primeiro dia de trabalho?
14. Você sofreu preconceito por parte de seus colegas?
15. Você acha que existe um jeito feminino de se comportar no trabalho?
16. Na construção civil você acha que as mulheres desempenham algumas atividades melhor do que os homens? Por quê?
17. O que seus chefes falavam a respeito do seu trabalho? (críticas, preconceitos, elogios)
18. E mais fácil trabalhar com homens ou com mulheres? Por quê?

APÊNDICE C - Roteiro para entrevista junto a profissionais que acompanharam as operárias na construção da Arena Fonte Nova em Salvador

1. Dados Pessoais

1.1 Nome completo

1.2 Sexo

1.3 Escolaridade

1.4 Profissão

1. Dados profissionais

1.1.1 Qual o nome da Empresa para qual esteve prestando serviço? E qual o período que trabalhou no acompanhamento desta obra?

1.1.2 Qual o número de mulheres na obra?

1.1.3 Quantas etapas foram realizadas para ingresso de mulheres desta obra?

1.1.4 Como analisa a entrada da mulher na construção civil?

1.1.5 Existia uma área reservada para mulheres?

1.1.6 Como avalia o trabalho das mulheres?

1.1.7 Existia no seu trabalho algum tratamento diferenciado com relação ao trabalho dos homens para o das mulheres?

1.1.8 Você recebia reclamação do trabalho ou comportamento das mulheres?

1.1.9 O que notou da relação entre homens e mulheres nesta obra?

1.1.10 Existiam mulheres com alguma necessidade especial trabalhando nesta obra? E qual avaliação feita sobre o desempenho delas?

APÊNDICE D - Roteiro para entrevista junto a lideranças comunitárias que acompanharam as operárias da construção da Arena Fonte Nova em Salvador

1. Dados Pessoais

1.1 Nome completo

1.2 Sexo

1.3 Escolaridade

1.4 Profissão

2. Dados profissionais

2.1 Qual nome da organização de que faz parte e há quanto tempo ela existe? E tem algum o trabalho social que comunidade?

2.2 Qual a sua função na organização há quanto tempo desenvolve? Tem vínculo formal ou voluntário?

2.3 Houve ação direcionada com a comunidade para construção da Arena Fonte Nova? E como ficaram sabendo?

2.4 Como foram selecionadas as mulheres para o trabalho na construção da Arena Fonte Nova? Teve etapas?

2.5 Existia critério prioritário para as mulheres que moravam próximo do bairro? E áreas circunvizinhas?

2.6 Foi realizado algum curso para as mulheres que trabalharam na obra? Como a associação colaborou ?

2.7 Percebe mudança importante na vida das mulheres que trabalharam nesta obra?

2.8 Existiu atividade por parte empresa consorciária envolvendo os moradores?

2.9 Teve alguma reclamação das mulheres no trabalho na obra? Quais?

2.10 O que notou na comunidade com o trabalho mulheres?

2.11 Ficou relação significativa entre as empresas e a associação? Pode citar?

2.12 Qual sentimento pode atribuir diante da Arena Fonte Nova pronta?

APÊNDICE E - Termo de concessão de entrevista para pesquisa do mestrado

Eu, _____

_____ RG N ° _____,

Autorizo Natalícia da Encarnação Batista, RG N ° 2988943-00 a utilizar a entrevista para mim concedida na pesquisa intitulada **Mulheres na Arena: A participação de mulheres na construção do estádio da Fonte Nova.**

Salvador, ____/____/____
